

SEAME:
35 años de medidas
socioeducativas
com amor

À memória de D. Eduardo Koaik
e D. Luciano Mendes de Almeida,
aos adolescentes falecidos e
aos que melhoraram suas vidas.

Serviço de Apoio ao Adolescente
com Medida Socioeducativa – SEAME

CÁSSIO PADOVANI MARTINS PEREIRA

SEAME: 35 anos de medidas socioeducativas com amor



Piracicaba – 2016

Copyright @ 2016 by Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pereira, Cássio Padovani Martins.

SEAME : 35 anos de medidas socioeducativas com amor
/ Cássio Padovani Martins Pereira. -- Limeira, SP : Editora do
Conhecimento, 2016.

187 p.

ISBN: 978-85-920-1877-1

1. Serviço de Apoio ao Adolescente com Medida Socioeducativa –
Piracicaba, SP – História 2. Adolescentes - Assistência social I. Título

CDD 361.60981

Índices para catálogo sistemático:

1. Serviço de Apoio ao Adolescente com Medida Socioeducativa – História

PASTORAL DA CARIDADE – PASCA

PRESIDENTE: Milton Francisco Teixeira

VICE-PRESIDENTE: Alexandre Penati

1º. SECRETÁRIO: Celso Correa Coelho

2º. SECRETÁRIO: Antonio Oswaldo Storel

1º. TESOUREIRO: Antônio José Lázaro Aprilanti

2º. TESOUREIRO: Henrique Pedro Garcia

CONSELHO FISCAL: Rubens José Storer,
Antonio José Sinhoreti
Bruno Prata

SUPLENTE: Neusa Antonia Fernandes Ometto,
Naide Rossi Gonçalves
Edenirce Bortoletto Blanco

**SERVIÇO DE APOIO AO ADOLESCENTE COM
MEDIDA SOCIOEDUCATIVA – SEAME**

PRESIDENTE: José Luiz Camolesi

VICE-PRESIDENTE: Vergílio de Souza e Silva

1º. TESOUREIRO: Antonio Laerte dos Santos

2º TESOUREIRO: Edson Aparecido Theodoro

DIRETORIA ADMINISTRATIVA: João Luís Tozzi

DIRETORIA DE PATRIMÔNIO: João Carlos dos Santos

DIRETORIA JURÍDICA: Bruno Lopes Rozado

DIRETORIA DE CAPTAÇÃO: Carlos Eduardo Pereira

DIRETORIA DE EVENTOS: José Roberto Nicoletti

Fotos

Acervo SEAME.

Ilustração da capa
Gabriel Aguiar Silva

Capa
Genival Cardoso

Editoração Eletrônica
Audaxia Agência Gráfica
audaxial@gmail.com
(19) 3927-3974

Uma palavra cordial do autor

Em todas as entrevistas realizadas foi recorrente o sentimento positivo das pessoas para com o SEAME e a gratidão delas para com a oportunidade de terem sido atendidas ou trabalhado na instituição, apesar de questões pessoais que possam envolver dissabores. Muito frequentemente chorei com o entrevistado diante das memórias tristes e belas, comoventes. O exercício da escrita esteve em relação a uma construção interna, revendo meus conceitos e com o olhar atento aos ângulos sempre novos, numa tentativa de traduzir com fidelidade o que ocorreu historicamente e o que se passa no cotidiano da entidade, o esforço das pessoas envolvidas, mesmo quando ocorrem discordâncias de opiniões e posturas. O SEAME e vocês todos me ensinaram como - em tempos e situações difíceis - o amor, a disciplina e os vínculos sadios podem ser curativos, transformando muito mais pessoas do que se pode imaginar.

Eu serei sempre reconhecido ao SEAME pela chance de trabalhar desde a gestão da ex-Coordenadora Léia M. Guimarães Rolim até hoje com a Oficina de Arteterapia e pelo convite na gestão do ex-Coordenador Fábio Dias da Silva para escrever este livro – que era uma intenção de todas as gestões anteriores – e que se publica

agora na gestão da Coordenadora Maria do Carmo Latanze Righeto. Agradeço ao casal Thomas e Angela Maria Nalim dos Santos pela amabilidade com que me receberam em sua casa e pelas informações. Obrigado, Irmã Gerlda N. Hipólita, pelos solícitos esclarecimentos através das cartas. Fiquei muito comovido com o esforço da Léia M. Guimarães Rolim que, mesmo com impedimentos graves por motivo de saúde na família, corrigiu meus textos e me escreveu cartas; sempre grato a você. Obrigado, M. Cecília P. Cardoso Zaia, e Patrícia F. Barbosa, pela cordialidade, cartas, correção dos textos e incentivo. Fábio Dias da Silva, meu amigo de muitos anos, obrigado por haver pensado em mim como autor de um livro sobre o amor e por todo incentivo. J. Micael U. Dionísio, muito obrigado pelos esclarecimentos, incentivo, respeito. Maria do Carmo L. Righeto, obrigado pelo sem número de contatos com que me favoreceu, por toda paciência, incentivo.

Obrigado, José Luiz Camolesi, Presidente da Diretoria Executiva, pela confiança e pelo respeito com que você e todos os Diretores sempre me trataram no processo de pesquisa e escrita.

Dr. Rogério de Toledo Pierri, Juiz da Vara da Infância e Juventude de Piracicaba e Dra. Milene Telezzi Habice, Promotora de Justiça da Infância e Juventude de Piracicaba, muito obrigado pela lucidez de suas palavras, que me esclareceram e nortearam.

Sou grato de coração à Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Valdiza Maria Capranico, ao Vice-Presidente Vitor Pires Vencovsky e a todos do IHGP pelo incentivo e auxílio que sempre me ofereceram e sobretudo pela parceria com o SEAME na publicação.

Obrigado, meus amigos queridos, funcionários do SEAME, todos paciosos, gentis e respeitosos comigo: Ana Flávia Bianco, Ana Luísa Botezeli, Andressa Bottene Frigato, Antonio dos Santos Junior, Beatriz Maria Ferrari, Daiane M. de Castro Tolotti, Gislaíne de Fátima Catarino, Gláucia Rechia Pereira, Gustavo Nazato Valentinuci, Joelma Ap. S. Monteiro, Kátia Cristina Pires, Leonardo Verdicchio Paiva, Lenice Belemel da Mota, Leonora Canguçu L. da Costa, Maisa Santiago, M. Renata Pacheco Alleoni, Paula Batistela, Sebastiana Ap. Amaral Pinson (“Guinha”).

Fique também aqui registrado um agradecimento cordial de

minha parte a cada um que colaborou com a pesquisa, a escrita e a publicação deste livro. Muitos vieram gentilmente até mim (Ana Regina Everaldo, Antonia Amaral Ribeiro, Antonio Laerte dos Santos, Caio Bomtempo, Cristina R. Serignoni, Débora Peron, João Carlos dos Santos, Lene Bassa, Marta Doná, Milton F. Teixeira, Priscila Zarnardo, Rita S. Cardoso, Robson da Silva, Vergilio de Souza e Silva) e sou grato pelo esforço que fizeram para me poupar o deslocamento. Obrigado a todos os que me receberam em seus locais de trabalho e suas casas para as entrevistas, sempre amavelmente (Ana Lúcia de Oliveira, Antonio Oswaldo Storel, Beatriz Recchia Deltreggia, Cidinha e Denize dos “Anjos da Beleza”, Deise Maria Basso, Euzileide Alegretti, Fabiana Piacentini, Ketty Stroz, Dona “Lazinha”, Lia Desjardins, Marina Corrente Molina, Masson e Margareti, Nivaldo Cortinovi, “Pelinho” e Odete Esteves, Raul Marques, Renata Canceliero S. Dantas, Rubens José Storer, Sérgio José Gomes).

De modo especial sou grato a cada um dos ex-atendidos que passaram pelo SEAME, adolescentes em atendimento ou responsáveis pelos testemunhos ao longo deste livro. Obrigado, D., pois você me ofereceu o desfecho do livro com a sua mudança de vida.

Obrigado, meu paciente amigo Rogério Baltieri e todo o pessoal da Print Cópias, pelos socorros nas impressões e escaneamento de fotografias, durante a elaboração deste livro. Obrigado, Mercedes Estevam Garcia Prieto, pelo cuidado na leitura e correção.

De coração, obrigado Dona Bergue Canto, que amavelmente me recebeu, esclareceu e prefaciou este livro, com palavras que nunca esperei receber.

Também um agradecimento especial a D. Eduardo Koaik: o senhor foi um Pai para todos nós.

Sumário

Apresentação	9
Prefácio	11
Introdução	13
I. Histórico	17
II. Adolescente com Medida Socioeducativa	41
III. Configuração Institucional	61
IV. Mudança de Vida	151
Conclusão	179
Bibliografia	181

Apresentação

“Se não houvesse esperança
não estaríamos nesta luta”

Esta frase, simboliza o trabalho de gigantes que essa entidade desenvolve – Diríamos mais: além da esperança, a garra, o entusiasmo de todos os envolvidos, a realidade de muitas famílias transformou.

E, hoje aos 35 de existência, apresentam este legado de experiências, num testemunho real de que, tudo que se faz em benefício dos mais necessitados, com muito amor, sempre vale a pena.

O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba sente-se orgulhoso e honrado em testemunhar esse brilhante trabalho .

Parabéns a todos .

Valdiza Maria Capranico
PRESIDENTE DO INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA



INSTITUTO HISTÓRIO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

PRESIDENTE: Valdiza Maria Capranico

VICE-PRESIDENTE: Vitor Pires Vencovsky

1º SECRETÁRIO: Edson Rontani Junior

2º SECRETÁRIO: Pedro Caldari

1º TESOUREIRO: Alexandre Sarkis Neder

2º TESOUREIRO: Toshio Iczuca

ORADOR: Gustavo Jacques Dias Alvim.

DIRETOR DE ACERVO: Antonio Carlos Angolini

SUPLENTE: João Umberto Nassif
Jamil Nassif Abib
Rubens Leite do Canto Braga

CONSELHO FISCAL: Antonio Messias Galdino
Luiz Antonio Balamint
Claudinei Pollesel

SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL: Antonio Carlos Neder
Geraldo Claret de Mello Ayres
Legardeth Consolmagno

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO: Olívio Nazareno Alleoni
João Umberto Nassif
Sermo Dorizotto
José Carlos Esquierro

Prefácio

Tenho a certeza de que o autor desta obra encheu o seu coração de amor para nos devolver neste belo livro um rico histórico permeado de entrevistas, testemunhos, entrega, doação, nesta jornada do SEAME.

Trinta e cinco anos. Não representa tanto nesta vida que passa tão depressa, e tudo no mundo evolui com tanta velocidade. Mas as respostas positivas são muitas.

Encontramos neste livro um relato detalhado, completo, desde sua fundação até os dias de hoje. Implantado em nossa Diocese pelo bispo Dom Eduardo Koaik (de saudosa memória) e por pessoas que, apesar das dificuldades enfrentadas, com a graça de Deus e o esforço de cada um, levaram muito amor a muitos que não foram amados. A intenção de Dom Eduardo era o envolvimento dos cristãos junto às famílias dos adolescentes infratores para que os mesmos pudessem sentir que o amor de Deus é para todos.

Além do histórico cuidadosamente narrado, podemos ver o perfil dos adolescentes atendidos e familiares acompanhados.

Não podemos julgar ninguém sem tomar conhecimento das suas dificuldades e sofrimentos. Foi isso que aprendemos, eu e meu esposo Antonio Canto, pois tivemos o privilégio de participar da implantação do “SEAME”, podendo realizar as primeiras visitas às famílias dos adolescentes.

A narrativa do livro está completa. O SEAME foi iniciado na Diocese com pessoas de boa vontade. Técnicos, religiosos, casais

visitando famílias. Depois vieram relacionamentos com juizados, prefeitura e outros órgãos públicos.

Uma caminhada rica de garra e dedicação. E surgem perguntas: O serviço funciona? Mudam de vida? Etc...

Teremos respostas através de emocionantes testemunhos com exemplos de amor, declarações positivas, crescimento espiritual e reconhecimento do valor da vida.

O leitor poderá, não só por curiosidade, tomar conhecimento desta missão tão nobre do SEAME, mas também sentir-se atraído a colaborar. Sabendo que não é fácil, mas que é a grande esperança de um mundo melhor, e que a misericórdia de Deus é para todos, indistintamente.

O maior presente que podemos dar a alguém é a nossa própria presença.

Que nunca nos faltem a misericórdia, o amor humano e tão divino, que brotam dos nossos corações.

Somos gratos, de coração, ao autor deste importante e valioso trabalho, desejando aos leitores coragem, alegria, esperança e otimismo. Porque se existem alguns praticando o mal, muito maior é o número dos que praticam o bem.

Bergue Canto

Introdução

Este livro está sendo publicado por ocasião dos trinta e cinco anos de existência do SEAME em Piracicaba. Tem como intenção divulgar o serviço prestado pela instituição, demonstrando a validade de sua atuação. A sua publicação concretiza um desejo do SEAME e de todas as Coordenações.

O primeiro capítulo descreve a situação existente por volta de 1980 com crianças e adolescentes abandonados pelas ruas de Piracicaba e relata que em 1981 o Bispo da Diocese de Piracicaba, D. Eduardo Koaik, preocupado com questões sociais e, dentre elas, com os adolescentes da cidade que eram enviados à antiga FEBEM (atual Fundação CASA), buscou apoio da Faculdade de Serviço Social de Piracicaba, resultando na elaboração do Projeto de Liberdade Orientada para Menores Infratores, que, a partir de 1983, passou a ser denominado SEAME (Serviço de Apoio ao Menor e depois Serviço de Apoio ao Adolescente com Medida Socioeducativa). Trata das primeiras pessoas envolvidas, constituindo a Equipe Técnica e os Casais Voluntários e menciona os locais em que funcionou a entidade até a mudança para o atual endereço. Discorre sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que norteia a atuação dos técnicos e que casos são encaminhados à instituição (Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade). Apresenta ainda que ao longo dos anos o SEAME se tornou vinculado à Pastoral da Caridade (PASCA) da Diocese, havendo convênios com a FEBEM/Fundação CASA e que em 2010 o serviço de medidas socioeducati-

vas foi municipalizado, ocorrendo desde então uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Piracicaba e o SEAME.

O segundo capítulo procura definir o perfil dos adolescentes atendidos desde a fundação do SEAME até hoje, mostrando as mudanças sofridas por volta dos anos 2000 e sobretudo após 2010, relativas ao maior envolvimento com o tráfico de entorpecentes e a criminalidade. Apresenta a situação desconfortável do adolescente que chega para os atendimentos no SEAME e a contrariedade dos familiares, por vezes humilhados e frustrados nas suas expectativas de educadores, ao verem seu filho ou filha envolvidos em questões judiciais. Enfoca o ambiente marcado pela imprevisibilidade do qual ele procede, sua falta de sonhos e desconfiança, além de uma projeção da figura do herói sobre pessoas adultas envolvidas com o crime. Diante disso, é narrada a atuação dos técnicos do SEAME, ou seja, dos Orientadores de Medida (profissionais dos campos do Serviço Social e da Psicologia) tanto com os adolescentes quanto com os familiares no sentido de acolhimento e disposição à confiabilidade, de modo que num processo se possa resgatar o sonho e a reprogramação da vida. Também se discorre sobre a postura da instituição quando um adolescente morre.

O terceiro capítulo descreve a relação do SEAME com a Diocese, o Juizado e a Prefeitura Municipal de Piracicaba; discorre sobre o corpo da Diretoria, as gestões de Coordenadores Técnicos e a criação do cargo de Coordenador Administrativo em 2014, a atuação dos Orientadores de Medida e dos Casais Voluntários; explica o que são as “Reuniões de Mães” e o sentido da Barraca Portuguesa na Festa das Nações de Piracicaba, coordenada pelo SEAME (reunindo membros da Diretoria, da Equipe Técnica e voluntários específicos para a ocasião); define o Projeto Preventivo, com suas propostas, dificuldades e resultados positivos; apresenta a atuação das prestadoras de Serviços Gerais (limpeza e cozinha) e do profissional fardado da Guarda Civil Municipal, suas funções e papéis simbólicos; descreve algumas das oficinas que ao longo dos anos vêm sendo oferecidas aos adolescentes com profissionais prestadores de serviços (Culinária, Alfabetização e Reforço Escolar, Artesanato, Papel Artesanal, Mosaico, Arteterapia, Cabelo, Esportes, Informática, Empregabilidade) e o que foram os Projetos Geração XXI e Agente Jovem.

O quarto e último capítulo trata da questão sempre colocada pela sociedade diante da existência do SEAME: o serviço funciona? Ou seja, os adolescentes apresentam mudança de comportamento e de vida? Quais são as provas de que a sociedade é beneficiada com a atuação dessa instituição? São apresentados diversos casos, relatando os processos de transformação tanto das situações familiares, quanto dos filhos atendidos pelos Orientadores de Medida ou pelo Projeto Preventivo, bem como se descrevem alguns trabalhos da Oficina de Arteterapia que funcionam como signos das alterações positivas no atendimento geral do SEAME. Outros testemunhos a favor são os de adolescentes que, ao concluir as medidas socioeducativas, querem permanecer vinculados à instituição e ainda as frequentes visitas de ex-atendidos, que voltam acompanhados do cônjuge e de um filho bebê para mostrar aos técnicos como suas vidas mudaram. O capítulo tece, quase ao final, considerações sobre as mudanças positivas que ocorrem nas vidas dos voluntários e profissionais que passam pelo SEAME, num processo de lapidação interior. E conclui com um caso emblemático de mudança de um adolescente.

I. Histórico

Os jornais piracicabanos editados nos anos de 1980 apresentavam diversas matérias sobre a presença de crianças e adolescentes que perambulavam pelas ruas do centro da cidade, causando incômodos aos proprietários de estabelecimentos comerciais. As matérias vinham acompanhadas de fotografias, que mostravam meninos sentados no chão diante de lojas ou “perdidos” nas ruas. Um artigo descreveu com propriedade a deplorável situação dessas crianças e adolescentes:

Quando chega a noite cada um já tem bem definido o lugar aonde vai dormir. Hoje tanto pode ser em algum canto do supermercado Jumbo-Eletro, ou mesmo no Teatro Municipal, ou em algum desses casarões abandonados como os que existem pela cidade, ou então em bancos da praça, ou, simplesmente “pela rua”, como dizem eles: os menores abandonados.

Mesmo antes de tomarem contato com o mundo da escola, aprendem a dura sobrevivência pedindo esmolas. Os garotos – muito (sic) deles – já são viciados antes de atingir os 15 anos. Agora um cigarro, depois cola de sapateiro, mais além o contato com a “barra-pesada” dos entorpecentes e suas regras. As meninas tornam-se amantes dos “pivetes” ante (sic) de estarem prontas para isso. E dividem com eles o mesmo espaço, quase em igualdade. Se não pedem não comem. E por isso pedem, e bastante. Aqui um pão, ali um dinheiro, depois... Qualquer coisa serve.

E o “bando” de menores aumenta dia-a-dia. Se não ganham, roubam. E seus problemas se tornam maiores à medida em que cres-

cem. Triste convívio têm eles. Solidão, fome, prostituição, drogas, furtos, ignorância de tudo e de todos. O final de um caminho percorrido com esses antecedentes e alternativas só pode ser a delinquência. E esta, sempre acaba em companhia dos mais velhos que já estão atrás das grades. E lembrando D. Luciano Mendes: “O menor não é o problema, mas sim a solução”¹.

A terminologia da época utilizava a palavra “menor” como sendo, a rigor, a pessoa que não havia atingido a maioridade no Brasil, mas ficava implícito no quotidiano o sentido pejorativo:

Nem toda criança ou jovem é menor. Menor é aquele que em decorrência da marginalidade social se encontra, de acordo com o Código de Menores, em situação irregular (...).

Menor é aquela criança ou jovem que vive na marginalidade social, numa situação irregular”².

Uma outra explicação complementa a anterior:

Tal termo, corriqueiro nos discursos jurídicos e de senso comum, historicamente se vincula à ideia de que *menores* são aqueles que foram abandonados pelos pais, são aqueles provenientes das classes de baixa renda, são aqueles provenientes das periferias, enfim, são as crianças e os adolescentes de valor quantitativamente menor por serem de rua e/ou autores de atos infracionais (...).

Embora juridicamente o termo *menor* não possua origem pejorativa, pois, historicamente, cumpria a função de assinalar a impossibilidade, em função da idade, de as pessoas terem direito à emancipação paterna para assumir responsabilidades legais, tal termo, ao tornar-se corrente, foi aos poucos adquirindo sentido ofensivo por ser atribuído a crianças e adolescentes pobres e abandonados.

Paulatinamente o termo foi adquirindo um sentido depreciativo tanto no discurso jurídico quanto no discurso de senso comum, sendo este sentido legitimado inclusive pelos escritos oficiais, como é o caso do Código de *Menores* de 1927³.

Em paralelo a esse contexto, ocorreu em 1980 a posse do 3º. Bispo Diocesano Católico de Piracicaba, Dom Eduardo Miled Koaik

¹ “O Diário”, 2.8.1983, p. 8.

² PASSETTI, “O Que é Menor”, p. 37.

³ “Avaliação Referente ao Impacto das Intervenções Institucionais”, p. 5.

(1926-2012), o qual teve particular solicitude pastoral pelos pobres. Seu lema era “Construir na Caridade”. Uma matéria de jornal elencava – na ocasião dos nove primeiros anos de sua atuação na Diocese – alguns aspectos concretos de sua atuação social: o Banco de Remédios, a Pastoral da Criança, o Programa Desenvolvimento Comunitário da Diocese com o projeto “Construção de Casas em Mutirão”, o SEAME I (que é a instituição da qual este livro trata), o SEAME II (que vigorou temporariamente, tirando o “menor” da rua, oferecendo-lhe alimentação, orientação para prosseguir nos estudos, além de oportunidades de trabalho remunerado) e as Pré-Escolas⁴.

Os “menores” também eram popularmente chamados “trombadinhas”, devido ao esquema utilizado por alguns de colidirem fisicamente com as pessoas para assim furtá-las de imprevisto. Abandonados, eram vítimas gerando outras vítimas e objeto de incompreensão e rejeição. Ocorreram medidas policiais, com autorização judicial, que causaram polêmica. No domingo, 2 de maio de 1985, um jornal anunciava para a semana que, diante de uma solicitação dos comerciantes, o juiz Octávio Helene Júnior, da Vara de Menores de Piracicaba, determinara que a partir de segunda-feira os menores “trombadinhas” deveriam ser retirados da área central da cidade: “Uma operação ‘Pente Fino’ será feita, em conjunto, pelo Comissariado de Menores, Polícia Militar e polícia civil, e deverá acontecer três vezes por semana, durante um mês”⁵. As atuações geraram satisfação nos lojistas e apoio da população, mas oposição de D. Eduardo Koaik e do Padre Dilermando Luiz Cozatti, responsável pelo “Recanto da Amizade”, “(...) que visa tirar os menores da rua, dando-lhes carinho, compreensão, respeito, orientação e alimentação”⁶.

Em junho, o Padre Dilermando, responsável pelo Projeto de Integração do Menor de Rua, desenvolvido no Recanto da Amizade, ao ser entrevistado por um jornal, teceu considerações esclarecedoras:

Nós no projeto estamos tentando tirar essas crianças da rua, transformando-os (sic) em vendedores de balas. Eles estão vendendo este produto com a identificação da bandeirinha da Suíça, isto porque fizemos parte da Festa das Nações com a Barraca da Suíça.

⁴ cf. “Jornal de Piracicaba”, 26.2.1989, p. 4.

⁵ “O Diário”, 2.5.1985, p. 8.

⁶ “O Diário”, 11.6.1985, p. 8.

Trabalhamos com muito gosto, e com a verba conseguida estamos dando um novo passo ao projeto, alugando outra casa pensando na profissionalização do menor. Mas como ele é analfabeto, anda sujo, antes temos que ensiná-lo a tomar banho, escovar os dentes e dar à (sic) eles alimentação e carinho, e estão sendo alfabetizado (sic). Estão registrados na obra 120 menores, sendo que diariamente frequentam a obra entre 45 a 60 crianças. Dizer que não existe nada na cidade é uma afronta a um trabalho que está bem a (sic) frente de quem não quer ver. Existe o problema, mas solução não é arrancar o menor da rua. A solução é mais emprego, é uma educação familiar, e partir para uma justiça e distribuição de bens mais adequada. Com salário mínimo não é possível se sustentar uma família. Então a família do pobre é oprimida, vai se enfavelando no cinturão da cidade que cresce, tem que mandar o filho para a rua porque não tem outra opção, e a criança sozinha no centro da cidade acaba roubando. Mas o aumento do furto, dos roubos acontecem (sic) diretamente na proporção da injustiça social, e dois terços da população ganham salário, então eu não posso concordar que o menor, o mais oprimido da sociedade, não possa andar na rua, só porque ele está descalço, sujo, porque não tem documento, não sabe ler e nem escrever, ou só porque ele é pobre⁷.

Posto isso como uma contextualização necessária, cabe agora observar que uma estatística realizada em 1980 havia apontado Piracicaba como o segundo município do interior do Estado de São Paulo a encaminhar maior número de adolescentes – “menores infratores”, como se dizia – para a FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor)⁸ e, sabendo que isso ocorria pela ausência de um trabalho organizado para esse público, Dom Eduardo Koaik decidiu “(...) criar um trabalho de amparo e apoio aos adolescentes e seus familiares, colaborando com a redução da reincidência da prática infracional e oferecendo aos jovens novas alternativas de vida”⁹ (imagem 1). Por solicitação de D. Eduardo, a Faculdade de Serviço Social de Piracicaba – que naquele tempo ainda estava vinculada à Diocese de Piracicaba – elaborou o “Projeto de Liberdade Orientada para Menores Infratores”, devendo-se recordar que a terminologia estava em sintonia com a vigência do antigo “Código de Menores”. A elaboração esteve a cargo do Dr. José Pinheiro Cortez, advoga-

⁷ “Jornal de Piracicaba”, 5.6.1985, p. 4.

⁸ Jornal “Opção”, 6-12.9.1982, p. 1.

⁹ “Avaliação”, op. cit., p. 1.

do, assistente social e professor da citada Faculdade e da Diretora Aracy Muniz Louvadini¹⁰. Esse “Projeto” tinha a finalidade de atender adolescentes primários autores de atos infracionais leves e foi implantado a partir de maio de 1981, sendo Coordenadora Angela Maria Nalin dos Santos, assistente social de formação. Ela era funcionária da Faculdade de Serviço Social de Piracicaba, trabalhando à noite no Departamento de Estágios e assumiu à tarde o Projeto¹¹. Angela sonhava com oficinas, como, por exemplo, bordado para as adolescentes¹². Tempos difíceis aqueles de implantação: faltava clareza da parte da Diocese, não havia verbas e o trabalho sofria pressão. Para o desenvolvimento do Projeto, a Diocese de Piracicaba contou com ajuda financeira da CEBEMO, órgão da Igreja Católica da Holanda por um período de três anos, num convênio posteriormente renovado¹³.



1. D. Eduardo Koaik, celebração dos 25 anos do SEAME, 2006.

Em julho de 1981 o informativo do Centro de Obras Sociais de Piracicaba (CEOSP, hoje extinto) publicou uma entrevista com a citada Angela Maria Nalin dos Santos, ocorrida nas instalações iniciais do Projeto, ou seja numa sala da Cúria Diocesana, que naquele tempo estava anexa à Igreja de São Benedito, situada à Rua

¹⁰ Segundo o depoimento de Angela M. Nalin dos Santos ao autor, Piracicaba, 4.5.2016.

¹¹ Idem, *ibidem*.

¹² Idem, *ibidem*.

¹³ Segundo a carta de Léia M. Guimarães Rolim ao autor, Piracicaba, 10.3.2016.

do Rosário, 801. O periódico registrou que a sala ocupada nas dependências de São Benedito tinha “(...) porta com frente para as do Juizado de Menores, no Edifício do Fórum”¹⁴ (imagem 2). Esse local era, portanto, muito estratégico, devido à proximidade com o Fórum de Piracicaba, que, então, funcionava ao lado, na esquina da Rua do Rosário com a Rua Prudente de Moraes, atrás da Câmara de Vereadores.



2. Fundos da Igreja de São Benedito, onde o SEAME começou

¹⁴ “Órgão de Informação do Centro de Obras Sociais de Piracicaba”, jul. 1981, snp.

Por ocasião da entrevista, o grupo que trabalhava com os adolescentes era formado pela própria assistente social e seis estagiários, contando com a assessoria da Faculdade de Serviço Social de Piracicaba. Interrogada sobre “como o menor chega ao grupo que está realizando o projeto”, Angela respondeu:

Na maioria dos casos, o menor é encaminhado pelo Juizado de Menores. E o atual Juiz de Menores, dr. Urbano Ruiz vem dando amplo apoio ao projeto. Assim, o Serviço Social do Juizado, promove o estudo social do caso. Se concluir que o menor se enquadra nos nossos objetivos, isto é, que o menor não é um infrator primário que possa ser advertido e voltar para a família; e que não é um infrator para o qual se imponha o encaminhamento à FEBEM, o Juizado submete o caso ao meretíssimo Juiz. Este pode decidir, então, por um regime de acompanhamento do menor, que tecnicamente recebe a denominação de “liberdade assistida”. A estagiária de plantão recebe o caso. Principia-se o processo que terá prosseguimento até que o menor possa ser reclassificado¹⁵.

Naqueles primeiros meses do Projeto, Angela apontou uma dificuldade no processo de ressocialização do adolescente:

Varia de caso para caso. Mas, neste primeiro período de trabalho, uma dificuldade vem aparecendo com maior frequência: a obtenção de emprego. É importante que o menor trabalhe, não só pelo seu ganho, mas, também, pela ocupação, pela sua profissionalização, dando-lhe ou desenvolvendo nele um sentido de responsabilidade. A dificuldade em obter emprego parece ser uma situação de momento, mas afeta particularmente o jovem, seja pela perspectiva do serviço militar, quer seja pelo fato de ser encaminhado pelo Juizado. Aos dirigentes de empresas, comerciantes, industriais, um apelo: “Faça do menor um trabalhador, para não ser, mais tarde, assaltado por ele”¹⁶.

O resultado do trabalho do Projeto coordenado por Angela Maria Nalin dos Santos foi surpreendente:

Febem (...) tem recebido dezenas de crianças piracicabanas, para internamento (sic), nos últimos tempos, o que levou esta cidade a ocupar, em 1980, o segundo lugar entre os municípios do interior de São Paulo que mais enviaram menores àquela instituição. Fe-

¹⁵ Idem, *ibidem*.

¹⁶ Idem, *ibidem*.

lizmente, Piracicaba desceu essa escala, em 1981, e ocupou a 21ª. classificação. Mas esse dado não modifica o quadro da delinquência juvenil, uma vez que parte dos “menores infratores e ou abandonados” simplesmente passaram a ser atendidos por entidades do próprio Município¹⁷.

Em outubro de 1981, D. Eduardo Koaik convidou Irmã Geralda Neuza Hipólita, da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, para participar do Projeto¹⁸. A 7.1.1982 Irmã Geralda visitou a “Casa do Menor”, à Rua Eloy Cerqueira, 46, Bairro Belém, em São Paulo (SP), para se inteirar do trabalho que a Pastoral do Menor da Arquidiocese de São Paulo realizava na ocasião e obter sugestões para o Projeto de Liberdade Orientada para Menores Infratores na Diocese de Piracicaba¹⁹. A Pastoral do Menor teve seu início nos anos de 1970, durante a ditadura militar no País e, em dezembro de 1977, o Arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, designou D. Luciano Mendes de Almeida (1930-2006) como o Bispo responsável por essa pastoral. Graças à citada visita de Irmã Geralda (7.1.1982), o Projeto de Piracicaba pôde contar com o modelo de uma atuação sensível e consciente num grupo que também fosse composto de casais; voltando a Piracicaba, Irmã Geralda escreveu a primeira ata num caderno em brochura que, mais tarde, receberia o título de “SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983”, fonte muito importante de informações dos tempos iniciais e que se conserva no Arquivo da instituição:

A equipe da Pastoral do Menor salientou a necessidade de se conseguir um grupo sensibilizado e conscientizado para ajudar no trabalho. Num segundo passo esse grupo deverá ser organizado e mobilizado a atuar junto ao Menor e à sua família no sentido de promoção e evangelização. O grupo deverá ser composto, geralmente, de casais, os quais serão devidamente preparados para realizar o trabalho.

Falou-se também de se ter um local onde o Menor possa “estar”, recorrer nas suas necessidades e onde o casal possa encontrar apoio²⁰.

¹⁷ Jornal “Opção”, artigo citado, 6-12.9.1982, p. 1.

¹⁸ Segundo a carta A de Irmã Geralda N. Hipólita ao autor, São Paulo, 18.1.2016.

¹⁹ Cf. “SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983”, snp.

²⁰ Idem.

Como houve interesse, baseado nas indicações colhidas em São Paulo, de formar no Projeto um grupo de casais voluntários, Irmã Geralda participou a 25.2.1982 da reunião da Pastoral Familiar em Piracicaba, de modo a inteirar os dirigentes dos diversos movimentos da Igreja sobre o Projeto²¹, o que possibilitou uma palestra proferida pela mesma Irmã a 3.3.1982 no Colégio Dom Bosco, Piracicaba, às 20h, estando presentes membros do Encontro de Casais com Cristo; os objetivos foram o de conscientizar as pessoas quanto à problemática do “menor infrator” e o de solicitar a participação de casais voluntários no Projeto. Nessa noite se apresentaram os dois primeiros casais: Antonio Ferraz do Canto (1924-2011) e Maria Berchmans Canto (apelidada “Bergue”); Pedro Florindo Esteves Giuvanete (apelidado “Pelinho”) e Odete de Fátima Esteves²². Vale recordar que o casal Canto é que havia implantado o Encontro de Casais com Cristo em Piracicaba em 1980²³.

Depois disso, Irmã Geralda visitou novamente em São Paulo a “Casa do Menor” (11.3.1982), informando-se sobre o Projeto de Liberdade Assistida e sobre o Centro de Orientação Sócio-Educativa do Menor Trabalhador (COSEMT) de São José dos Campos (SP); visitou a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM; 12.3.1982)²⁴.

Foi então que mais uma pessoa se juntou ao Projeto: a psicóloga Leonora Canguçu Lobo da Costa. Numa reunião entre a psicóloga citada, a Coordenadora Angela M. Nalin dos Santos e Irmã Geralda N. Hipólita, a 17.3.1982, estabeleceu-se que “(...) Leonora trabalhará, como voluntária, na preparação dos casais que agirão junto ao Menor e à sua família no sentido de promoção e evangelização dos mesmos”²⁵. Leonora ofereceu dois horários noturnos semanais para esse trabalho em sua própria clínica, na ocasião situada à Av. Duque de Caxias, 37, em Piracicaba²⁶ (imagem 3).

²¹ Idem.

²² Idem.

²³ Segundo o depoimento de Maria Berchmans Canto, ex-Casal Voluntário do SEAME, ao autor em Piracicaba, 2.3.2016.

²⁴ cf. “SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983”, snp.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem.



3. Odete, Ir. Geralda, Leonora e “Pelinho”, 25 anos do SEAME, 2006.

Desde a reunião de 16.4.1982 na clínica de Leonora, entre a Equipe Técnica e os Casais Voluntários, apareceu como fazendo parte do Projeto a assistente social Masako Kimati²⁷, que havia sido professora da Faculdade de Serviço Social de Piracicaba²⁸. Essa reunião, presidida por Leonora, foi a primeira de muitas preparando os Casais Voluntários para o trabalho junto aos adolescentes e suas famílias:

Leonora falou sobre o objetivo das reuniões, salientando a necessidade de um apoiar o outro, a fim de se poder caminhar. O trabalho a realizar é difícil, mas o importante é a boa vontade em querer ajudar. Foi apresentado o programa que será desenvolvido: características de cada idade – o Menor – influência da família na educação da criança. Salientou a necessidade de o casal não ser paternalista junto ao Menor e à sua família, assim como de estar sempre em contacto com a realidade do Menor²⁹.

A orientação de Leonora Canguçu L. da Costa com os Casais Voluntários ficou registrada também num artigo de jornal, para o qual prestou depoimento:

²⁷ Idem.

²⁸ Segundo o depoimento citado de Angela M. Nalin dos Santos, 4.5.2016.

²⁹ cf. “SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983”, snp.

É um trabalho de casal, não só pelo fato de se estar tratando com um assunto delicado, mas também porque o casal pode agir como exemplo de família estruturada, mesmo levando-se em consideração as dificuldades enfrentadas por uma família que ainda não encontrou o seu ponto de equilíbrio³⁰.

A 7.5.1982, numa reunião entre D. Eduardo, a Equipe Técnica e os Casais Voluntários, na Casa Episcopal (Rua Governador Pedro de Toledo, 454, atualmente demolida), o Bispo expressou o seu pensamento e lhes deu algumas orientações:

Após a apresentação dos presentes, Dom Eduardo perguntou aos casais como resolveram trabalhar no Projeto. Falou-lhes que Menor Infrator é aquele menor abandonado que chegou a ser infrator e por isso está a caminho do crime. Ele é resultado de uma sociedade injusta. Temos que fazer algo por esse menor, mas nosso trabalho vai depender muito do Juizado de Menores. O trabalho dos casais será com o Menor na sua família ou onde ele estiver. É algo muito importante, e talvez, pelo estilo, seja até pioneiro. Por ser um trabalho de Igreja, os casais devem se preocupar, de modo especial, com a evangelização, sem, no entanto deixar de visar a promoção integral do menor e sua família. Dom Eduardo deseja que, com o tempo, os casais se dediquem mais exclusivamente a esse Projeto, e que cheguem a formar, entre eles uma comunidade de fé. Incentivou-os a entrar em contato com elementos da A.P.A.R.C. para troca de idéias. Salientou a necessidade de se estudar as leis trabalhistas sobre o Menor para que se possa pensar em criar trabalho para o menor, pois uma das maiores dificuldades encontradas pelo trabalho com o Menor Infrator é de se conseguir trabalho para o mesmo. Foi lembrado aos casais que eles não estão sós. Além de contarem com a proteção de Deus, têm o acompanhamento da equipe técnica responsável que é composta pela Assistente Social, por uma psicóloga e por uma religiosa-pedagoga. Lembrou também a necessidade de se procurar envolver o maior número de pessoas no trabalho com o Menor³¹.

Numa reunião ocorrida no Colégio Assunção a 4.6.1982 entre a Equipe Técnica e os Casais Voluntários, pela primeira vez foram atribuídos adolescentes e suas famílias para o acompanhamento dos casais, que, na ocasião, já atingiam o número de sete: Antonio Ferraz do Canto e Maria Berchmans do Canto ficaram com

³⁰ "O Diário", 9.8.1983, p. 3.

³¹ "SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983", snp.

a adolescente S.; Pedro Florindo Esteves Giuvanete e Odete de Fátima Esteves com a adolescente R.; Sílvio Riberto Capalde e Alice Capalde com o adolescente V.; José Carlos Masson e Margareti Cesari Masson com os adolescentes (irmãos) V. e A.; Antonio Henrique dos Santos e Margarida Gomes dos Santos com o adolescente C.; José Moraes Júnior e Santina Vilanova Moraes com a adolescente E.; Antonio Leme e Lourdes Schievano Leme com os adolescentes (irmãos?) J. e H.³²

A 10.7.1982 duas pessoas pioneiras da Pastoral do Menor da Arquidiocese de São Paulo, a assistente social Ruth Pistori e Irmã Maria do Rosário, estiveram em Piracicaba, numa reunião com a Equipe Técnica, os Casais Voluntários e mais outras pessoas, no Colégio Assunção: apresentaram o trabalho que se desenvolvia em São Paulo, salientando que um dos objetivos era o de não internar o menor e que desde cinco anos existia um trabalho de Liberdade Assistida Comunitária, como era realizado esse trabalho pelos casais que apadrinhavam menores, tornando-se responsáveis junto com as famílias, com a retaguarda do pessoal da Pastoral do Menor³³.

Léia Maria Guimarães Rolim, assistente social, participou a 3.12.1982 de uma reunião na Casa Episcopal entre o Bispo, a Equipe Técnica (Irmã Geralda, Leonora, Masako) e os Casais Voluntários (Carlos e Madalena, Leme e Lourdes, João e Edivane e ainda Masson, Pedro, Antonio, José Moraes), mas Angela M. Nalin dos Santos não estava presente³⁴. Nesse dia ocorreu um balanço das atividades dos Casais Voluntários:

Dom Eduardo perguntou aos casais como estão se sentindo no trabalho. A maioria falou que está encontrando dificuldades no trabalho, mas que se pode perceber que as famílias os têm recebido muito bem e estão fazendo amizade. A partir disso é que poderão conseguir alguma coisa. Houve quem disse ter conseguido dois amigos, embora os menores não tenham sido recuperados. Dom Eduardo salientou que, no trabalho, os casais devem tomar o cuidado para não serem acusadores dos menores perante o juiz. Nos relatórios enviados deve ser colocado tudo aquilo que for no sentido de sensibilizar as autoridades. Falou sobre a importância

³² Idem.

³³ Idem.

³⁴ Idem.

de as famílias sentirem o casal como amigo. Disse que pouca gente acredita no trabalho dos casais. Só o Evangelho é que faz crer nele. Só a fé faz ver mais além. A sociedade produz o criminoso. É preciso estender-lhe a mão³⁵.

Ainda em dezembro de 1982³⁶ Angela M. Nalin dos Santos solicitou à Faculdade de Serviço Social seu desligamento do Projeto. Irmã Geralda N. Hipólita se recorda:

Fui chamada, por Dom Eduardo, para assumir o Projeto, mas não aceitei dizendo-lhe que o Projeto deveria ter à frente uma Assistente Social e eu não tinha o título. Encarregou-me de procurar alguém. Foi quando conheci Léia Rolim e indiquei-a a Dom Eduardo. Léia assumiu o trabalho com muito amor e garra. E isto por muitos anos³⁷.

Léia M. Guimarães Rolim assumiu o cargo de Coordenadora do Projeto a 22.12.1982³⁸. Assim como Irmã Geralda N. Hipólita, Leonora Canguçu L. Costa e Léia M. Guimarães Rolim foram muitas vezes receber “formação” em São Paulo (SP), junto à Pastoral do Menor, orientada por D. Luciano Mendes de Almeida³⁹. Desde o começo de sua atuação como Coordenadora, Léia incentivou o trabalho conjunto:

(...) Léia falou sobre a função do Serviço Social no Projeto. Saliu a necessidade de um trabalho conjunto: pessoal do Serviço Social e casais que apadrinham os menores. O trabalho de um, complementa o do outro. O entrosamento é importante, assim como os relatórios que são feitos. Falou sobre a diferença entre assistencialismo e promoção⁴⁰.

Numa reunião ocorrida na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), no centro da cidade, a 10.5.1983, a Presidente da FEBEM – Maria Cecília Ziliotto – esteve com representantes de entidades conveniadas com a mesma (FEBEM). Léia e Irmã Geralda

³⁵ Idem.

³⁶ Segundo a carta citada de Léia M. Guimarães Rolim, 10.3.2016.

³⁷ Carta A citada de Irmã Geralda Neuza Hipólita, 18.1.2016.

³⁸ Segundo a carta citada de Léia M. Guimarães Rolim, 10.3.2016.

³⁹ Segundo o depoimento de Leonora Canguçu Lobo da Costa, psicóloga voluntária do SEAME, ao autor no SEAME, Piracicaba, 22.2.2016.

⁴⁰ “SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983”, 15.4.1983, snp.

participaram e a segunda deixou escrito: “Apoiou o trabalho que realizamos com os menores e falou ser esta uma das formas de envolver a comunidade para a solução do problema do menor”⁴¹.

Com o tempo também ocorreram palestras de diversos profissionais para formação dos Casais Voluntários, numa sala do Colégio Assunção, como se pode identificar nas atas de Irmã Geralda N. Hipólita: Norival Tedesco e Sílvio Alarcon discorreram sobre o Grupo de Alcoólicos Anônimos (6.5.1983), Dr. Josué Siqueira, do Hospital Psiquiátrico “Dr. Cesário Motta”, discorreu sobre tóxicos, dependência física e psicológica e como lidar com toxicômanos (15.7.1983); Dr. José Coutinho Neto, Delegado de Polícia do 3º. Distrito discorreu sobre o problema do menor, salientando a questão do furto (30.9.1983).

Em 1983 o “Projeto” se tornou uma instituição. O vínculo com a Faculdade de Serviço Social manteve-se apenas com a atuação de estagiárias. Nessa ocasião foram sugeridos diversos nomes numa reunião entre os Casais Voluntários e a Equipe Técnica, realizada no Colégio Assunção a 10.6.1983: Centro de Orientação ao Menor de Piracicaba (COMEP), que obteve três votos; Centro de Apoio ao Menor de Piracicaba (CAMEP), que obteve um voto; por fim, o que Irmã Geralda propôs, obtendo oito votos⁴²: “Apresentei o nome: Serviço de Apoio ao Menor, cuja abreviação ficaria SEAME, isto é um serviço que deveria ser realizado com muito amor se quiséssemos ter algum resultado. Após reflexão, o grupo optou por esta sugestão”⁴³. A ata da reunião citada observou quanto a entrar em vigor o nome votado e ao logotipo: “(...) desde que receba a aprovação de Dom Eduardo. Como símbolo escolheu-se a fotografia de uma mão adulta apoiando uma de criança”⁴⁴. Com a aprovação episcopal do novo nome, o SEAME imprimiu entre outubro e novembro do mesmo ano folhetos em preto e branco, trazendo uma fotografia tocante do rosto de um menino todo marcado pela catapora, cansado e carente de amparo ou “apoio” (porque naqueles tempos não havia consciência nem proibição quanto a esse tipo de utilização de imagens); acima da fotografia aparecia escrito “ELE ESTÁ NO MEIO DE NÓS” (le-

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

⁴³ Carta A citada de Irmã Geralda Neuza Hipólita ao autor, 18.1.2016.

⁴⁴ “SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983”, snp.

tras garrafais e grifadas), enquanto abaixo aparecia “SERVIÇO DE APOIO AO MENOR DE PIRACICABA”, ainda com o endereço dos fundos da Igreja São Benedito e o telefone 22-8491. A ata de 4.11.1983 registrou: “Foi apresentado o folheto de propaganda do SEAME. Cada casal levou alguns folhetos. Essa foi a 1ª. vez que se fez, por escrito, uma propaganda do SEAME”⁴⁵. Nessa propaganda havia já o logotipo das mãos e a definição do ideal da instituição: “Busca uma prática educativa que valorize o Menor visando sua integração na família e na sociedade”. E, após convidar as pessoas para trabalhar em conjunto com a Equipe Técnica e os Casais Voluntários, recordava a afirmação do Senhor Jesus: “Quem receber a um destes menores em meu nome, a mim recebe (Mateus 18, 5)”.

Talvez a melhor expressão do espírito de compaixão que habitava o SEAME esteja no texto “Eu Sou de Menor”, escrito por Antonio Ferraz do Canto, dos Casais Voluntários, a 4.10.1983, em que o autor se coloca na pele do menino e descreve todas as suas dificuldades desde a gestação até a adolescência, num monólogo tocante:

Hoje estou muito cansado, andei por toda a cidade e não consegui arrecadar os mil cruzeiros que a minha mãe exige de mim todos os dias. É que a situação, como dizem, não está fácil e antes a gente arrecadava brincando essa quantia, mas hoje, as pessoas só querem dar um pedaço de pão e eu preciso mesmo é de dinheiro para levar para casa, senão ela me bate... não sei o que faço... já sei vou dormir hoje embaixo da ponte... conto histórias, invento situações, falo de miséria, de morte, mas nada tem adiantado, para conseguir dinheiro.

Outro dia, quando estávamos na feira, meu amiguinho pegou escondido uma maçã e quando o dono da banca percebeu, deu o maior côro nele. Alguém disse que isso era uma violência contra o menor! Mas ficou só nisso, ninguém procurou nos ajudar. Eu fiquei pensando, todo mundo vai à feira compra verduras e frutas e eu nunca tive a oportunidade de comer uma maçã inteira, porque minha mãe nem deixa eu ficar perto da banca para não dar “lombriça”, como diz ela.

Eu não entendo bem essa vida, mas acho que alguma coisa deve estar errada, pois, ouvi falar que na casa dos ricos os filhos tem de tudo e são obrigados (sic) a comer e não comem direito, enquanto

⁴⁵ Idem.

nós passamos fome e só podemos pegar as frutas podres que os feirantes jogam fora no final das feiras. Tenho também muita vontade de brincar numa daquelas piscinas, de andar de bicicleta, de moto então, nem se fale, de carro, nem penso... mas, quando eu crescer vou comprar um carro só meu!

Mas minha mãe disse que só os ricos têm esse direito... Meu amigo disse que vai comprar um carro nem que seja preciso roubar!

Fui expulso da escola, que bom... aquilo para mim era mesmo uma chatice e agora vou ser livre, vou viver catando papeis pela rua e andando à vontade com meus amigos. Não sei ler nem escrever mas, quando tiver o meu carrão, as garotas vão ser minhas, conforme a gente vê na televisão.

Estou satisfeito hoje, pois completei 13 anos de idade e ouvi dizer que estão fazendo uma campanha para estudar o problema do menor carente. Fiquei pensando, será que eu tenho algum problema ou será que eu sou fruto de uma injustiça que o mundo fez comigo. Será que se eu fosse bem alimentado na hora certa, se tivesse o carinho de minha mãe e o amparo de meu pai, não seria eu uma pessoa mais útil à sociedade, ao invés de estar caminhando para a marginalização? Não tenho forças nem capacidade para resolver essa situação (...)⁴⁶.

A reunião de 2 de dezembro de 1983, realizada no Colégio Assunção das Irmãs de São José de Chambéry, em Piracicaba, contou com a presença de Léia, Leonora, Irmã Geralda e dos Casais Voluntários Antonio e Eurides, Antonio e Margarida, Canto e Bergue, Francisco e Dirce, Leme, Lúcia, Lucilena, Masson, Pedro, Vera. A ata, que foi a última redigida por Irmã Geralda, descreveu o que discutiram no balanço do ano; já apareciam elencadas diversas situações que seriam muito quotidianas na entidade nos anos futuros: as visitas que não conseguiam encontrar os adolescentes em suas residências, a percepção de que somente num processo longo ocorrem mudanças, a lamentável morte (desaparecimento) de alguns atendidos, o desejo de auxiliar a vida carente das famílias (oculista), a necessidade da divulgação do trabalho e, ao mesmo tempo, a consciência de que a qualidade é mais importante do que a quantidade de pessoas envolvidas, o espírito cristão altruísta que sempre norteou toda atividade, a identificação de uma mudança na

⁴⁶ Original conservado no arquivo de Maria Berchmans Canto, Piracicaba e gentilmente cedido para esta publicação.

mentalidade de quem realiza o trabalho, superando os preconceitos e o reconhecimento de que mais se recebe do que se dá.

Todos foram unânimes em dizer que o trabalho do SEAME é muito bom e válido. Nem sempre se consegue uma recuperação do Menor, mas crêem que algo permanece.

Francisco e Dirce disseram que não deu para conhecer a menina. Nem sempre ela se encontrava em casa (...).

Antonio e Eurides acharam bom o trabalho, mas nada ou quase nada perceberam de mudança no comportamento das meninas, mas acreditam que alguma marca ficou. Sugeriram de que o casal acompanhe menores que morem mais longe da residência do casal.

Canto e Bergue disseram que, nesse ano, eles fizeram pouco pelo SEAME devido aos vários compromissos que têm. (...) Consideraram como bastante positiva a recreação iniciada com os Menores (...).

Leme sente-se feliz trabalhando no SEAME. Tem recebido muito mais do que dá (...).

Antonio e Margarida sentem-se bem no SEAME. Percebem que, aos domingos, os Menores que eles acompanham, esperam por eles. Sentiram um certo desânimo após o desaparecimento do outro Menor que acompanhavam, mas foi bom terem conhecido a família. Sentem-se bem ao fazer a visita (...).

Pedro considera como ponto negativo as suas ausências. Pontos positivos: recreação com os Menores, confecção de folhetos sobre o SEAME, propaganda no rádio, entrosamento do SEAME com outras Entidades. Fora do grupo, conseguiu 1 encaminhamento para o C.I.T. e outro para um oculista (...).

Masson disse que foi muito positivo o trabalho desse ano, foi um trabalho bastante dignificativo. (...) O importante é a qualidade do nosso trabalho e não a quantidade de elementos (...).

Foi sugerido pedir a D. Eduardo que ele divulgue o SEAME nas reuniões que ele faz, e também de se fazer um artigo sobre o Menor para ser colocado no jornal da Diocese.

Pedro acrescentou que o SEAME o ajudou a mudar a mentalidade a respeito do Menor. Sentiu um crescimento espiritual no grupo. Para ele o trabalho no SEAME é mais árduo, mas é um esteio. É de Deus. Leva mais espiritualmente a Deus. Dá coragem para enfrentar as dificuldades. Isso aqui é um todo, e será sempre⁴⁷.

⁴⁷ "SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983", snp.

Sob o lema “Se não houvesse esperança, não estaríamos nesta luta”⁴⁸, os anos de início foram pautados pela dedicação incansável e pelo desejo de que o SEAME se solidificasse, possibilitando um serviço contínuo e abrangente. “Esse alicerce foi construído com colunas fortes e é por isso que o SEAME sobrevive. O SEAME foi construído no amor”⁴⁹. De fato, se pode aplicar aos tempos iniciais, o que a poetisa escreveu: “(...) como os namorados antigos, éramos, só renúncia e amor” (Cecília Meirelles)⁵⁰. Isso garantiu que se mantivesse ao longo dos anos uma orientação marcada por um autêntico sentido de humanidade, dentro de princípios cristãos: “O amor ao próximo é uma condição ‘sine qua non’ para se trabalhar no SEAME”⁵¹. Além disso, deve ser ressaltado “o olhar visionário de D. Eduardo, muito à frente de sua época e isso está no DNA da instituição”⁵². O zelo pastoral do citado Bispo para com a entidade ficou registrado na memória dos técnicos ao longo dos anos:

D. Eduardo participava, foi o único Bispo que aparecia aqui de surpresa. Ele foi o verdadeiro pai. Ao mesmo tempo que amoroso, ele conseguia dar limite, com muita facilidade. E, mesmo doente, queria que fôssemos à casa paroquial para saber do SEAME⁵³.

Das instalações iniciais do Projeto junto à Igreja de São Benedito, o SEAME havia passado para uma casa alugada à Rua Prudente de Moraes, 342⁵⁴ e, em 1987, foi transferido para a Avenida Com. Luciano Guidotti, 200, onde havia duas casas, situadas num terreno do Lar Franciscano de Menores (imagem 4). “Na ocasião da mudança, adolescentes atendidos participaram da pintura da casa”, recordou Leonora Canguçu Lobo da Costa⁵⁵. Em 1987, quando Maria do Car-

⁴⁸ Depoimento citado de Leonora Canguçu L. Costa, 22.2.2016.

⁴⁹ Depoimento de M. Carmo L. Righeto, atual Coordenadora do SEAME, ao autor no SEAME, Piracicaba, 23.12.2015.

⁵⁰ “Escolha o seu Sonho”, p. 128.

⁵¹ Depoimento de Fábio Dias da Silva, ex-Coordenador Técnico, ao autor no SEAME, Piracicaba, 17.9.2015.

⁵² Idem, 29.10.2015.

⁵³ Depoimento de Rita C. Sgarbiero Cardoso, ex-Orientadora de Medida, ao autor no SEAME, Piracicaba, 13.1.2016.

⁵⁴ Segundo a carta citada de Léia M. Guimarães Rolim, 10.3.2016.

⁵⁵ Depoimento citado, 22.2.2016.

mo Latanze Righeto foi contratada por concurso como assistente social, as duas casas já estavam unidas, formando uma única estrutura muito simples, cimento queimado e taco no chão, forro de estuque. Adaptações e ampliações foram feitas segundo as necessidades ao longo dos anos, visando o melhor funcionamento da entidade, que até os dias atuais se encontra nesse último local citado.



4. O SEAME na Av. Com. Luciano Guidotti, 200, cerca de 1987

Nos tempos da mudança para a Av. Luciano Guidotti, o trabalho era das 13 às 17 horas⁵⁶, totalizando quatro horas, de segunda a sexta-feira. Deise Maria Basso, psicóloga que trabalhou no SEAME naqueles anos, observou que além das horas de trabalho citadas, havia muita atuação nos finais de semana para arrecadar fundos, como feijoada, polenta, pizza; a Equipe Técnica e os Casais Voluntários empenhados num único objetivo, o que era bom, mas também era uma sobrecarga; havia a Festa das Nações, preparo e trabalho⁵⁷. Somente em anos futuros o horário de atendimento se ampliaria, das 8 às 11 horas e das 13 às 17 horas, de segunda a sexta-feira, totalizando

⁵⁶ Segundo o depoimento de M. Carmo L. Righeto, 29.1.2015.

⁵⁷ Segundo depoimento ao autor, Piracicaba, 16.3.2016.

sete horas mais as que são empregadas pela Equipe Técnica à noite em reuniões com a Diretoria Executiva, com os Casais Voluntários e em atividades externas (capacitação, rede socioassistencial, etc.) ou promocionais (Festa das Nações, jantares, etc.).

Apesar de um jornal da cidade haver publicado que foi em junho de 1984 que o SEAME começou a atender o adolescente com medida socioeducativa em regime de Liberdade Assistida (LA), “(...) tentando recuperá-lo para evitar a sua internação na FEBEM”⁵⁸, cabe observar que a data correta é 1983. A ata de 10.6.1983 da reunião dos Casais Voluntários e Equipe Técnica esclarece:

(...) as pessoas acima reuniram-se no Assunção, e Léia falou-lhes sobre a entrevista que teve com a assistente social da FEBEM e com o juiz de menores de Piracicaba sobre o nosso trabalho. Falando sobre L.A. chegou-se à conclusão de que a L. A. pode ser aplicada como medida preventiva. O primeiro caso sob regime de L. A. encaminhado para o Projeto é de data de 30/05/83. O menor, C. F. P. V.⁵⁹, já estava com sentença para a FEBEM, o juiz revogou a mesma e encaminhou-o para este Serviço. A sentença foi por 06 meses. Durante esse período o menor e sua família será acompanhado e orientado pela A. S. e o casal José Carlos Masson e Margarete⁶⁰.

Depois, em junho de 1985 o SEAME atendia 39 adolescentes, dos quais 21 estavam em regime de Liberdade Assistida⁶¹. Depois é que vieram os casos com medida de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC).

A Lei 8.069 de 13 de julho de 1990 dispôs sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que passou desde então a nortear a atuação do SEAME; nela se considera “criança” a pessoa até doze anos de idade incompletos e “adolescente” aquela entre doze e dezoito anos de idade (Livro I, art. 2º.). Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) são medidas socioeducativas, a serem cumpridas sem que se tenha privação de liberdade, previstas no ECA, aplicáveis aos adolescentes considerados autores

⁵⁸ “Jornal de Piracicaba”, 8.6.1985, p. 8.

⁵⁹ O autor tomou a liberdade de colocar apenas as iniciais, enquanto que no original estava o nome completo.

⁶⁰ “SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983”, snp.

⁶¹ “Jornal de Piracicaba”, artigo citado, 8.6.1985, p. 8.

de atos infracionais. São medidas impostas em Piracicaba pelo Juiz da Vara da Infância e Juventude, de cumprimento obrigatório.

Liberdade Assistida (LA) é uma medida socioeducativa prevista no artigo 118 do ECA e se destina ao adolescente que esteja em conflito com a lei, por meio de uma modalidade educativa comunitária, na qual o adolescente possa contar com o acompanhamento de um adulto no processo de sua inserção social junto à família, à escola e ao mercado de trabalho, o que equivale a criar condições favoráveis para que ele possa assumir a sua liberdade. Inclui psicoterapia de suporte, orientação pedagógica, encaminhamentos para a profissionalização, inserindo a família do adolescente em programas assistenciais do governo. A medida de LA abrange o prazo mínimo de seis meses, podendo ser renovada ou substituída por outra medida.

Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) é uma medida socioeducativa prevista no artigo 112 III e 117 do ECA, que determina que o adolescente trabalhará para a comunidade, pelo período de no máximo seis meses, supondo parcerias para encaminhamento dos adolescentes, por exemplo, com entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, assim como programas comunitários ou governamentais. A prestação do serviço é gratuita, não se devendo configurar em uma relação de emprego; as tarefas deverão ser atribuídas conforme a aptidão do adolescente e sem prejudicar a frequência escolar. O sentido é o de orientar o adolescente para uma consciência dos valores que supõem solidariedade, despertando a dignidade da convivência social.

Em 1987 Antonio Canto e “Bergue” deixaram sua atuação como Casal Voluntário no SEAME por conta de realizarem com a assistente social Maria Elizabeth Nardin (falecida) a implantação da Pastoral da Criança na Diocese de Piracicaba; depois disso, o casal Canto foi Coordenador Estadual da Pastoral da Criança por cinco anos⁶². Também no ano citado José Carlos Masson e Margareti Cestari Masson deixaram sua atuação como Casal Voluntário no SEAME, em razão da mudança da família para Manaus (AM)⁶³.

Ainda em 1987 Irmã Geralda Neuza Hipólita despediu-se do

⁶² Segundo o depoimento citado de Maria Berchmans Canto, 2.3.2016.

⁶³ Segundo o depoimento de José Carlos Masson ao autor, Piracicaba, 24.4.2016.

SEAME para residir em São Paulo (SP)⁶⁴. Em dezembro de 1989, estando na Capital, redigiu no livro de atas do SEAME um texto final, do qual se reproduz abaixo uma parte:

Se consegui realizar um trabalho junto aos casais em prol do Menor é porque sempre contei com o apoio de D. Eduardo e de cada um dos que fizeram e fazem parte do SEAME. Sempre houve mãos amigas a se estenderem em minha direção.

Creiam o trabalho no SEAME foi para mim um dos mais marcantes e que muito me ajudou a ter uma nova visão do mundo.

Estarei sempre unida a vocês⁶⁵.

Em 1988 o SEAME se tornou uma Unidade Prestadora de Serviço (UPS) da Pastoral do Serviço da Caridade (PASCA), entidade fundada em janeiro do mesmo ano e que congrega uma parte dos trabalhos sociais da Diocese de Piracicaba: Banco de Remédios, Família Acolhedora, Grupo de Apoio a Adoção de Piracicaba (GAAP), Centro de Convivência Infantil (CCI, no Bairro Novo Horizonte), Apoio Socioeducativo Familiar (ASEF, no Bairro Novo Horizonte), Grupo de Orientação Voluntária (em Rio Claro – SP) e República Acolhedora de Piracicaba (no Bairro Alto). Existe, pois, um vínculo burocrático entre o SEAME e a PASCA e, como definiu o atual Presidente desta última, Milton Francisco Teixeira: “Somos bem relacionados”⁶⁶.

Ainda no mesmo ano de 1988, diante do problema constante das crianças e adolescentes abandonados pelas ruas de Piracicaba, a Coordenadora do SEAME – Léia M. Guimarães Rolim – escreveu e publicou um artigo no qual os últimos quatro parágrafos demonstram seu pensamento em estreita relação com a proposta da instituição:

Uma das maiores dificuldades daqueles que trabalham com estes menores é a falta de compreensão da comunidade para a complexidade deste problema. Poucos oferecem trabalho ou qualquer atividade a estes menores.

O SEAME I, entidade que se dedica ao encaminhamento e promoção social dos menores infratores de Piracicaba (há já 07 anos) – vem enfrentando constantes barreiras neste sentido.

⁶⁴ Segundo a carta A citada de Irmã Geralda N. Hipólita, 18.1.2016.

⁶⁵ “SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983”, snp.

⁶⁶ Depoimento ao autor, Piracicaba, 2.5.2016.

O problema é sério e precisa ser enfrentado conscientemente. Para tanto, torna-se necessário que toda a comunidade se una buscando alternativas de solução. As autoridades, os comerciantes, as empresas, entidades diversas e a população em geral – todos devem se sensibilizar realmente, encarando estes menores como seres humanos aos quais não foram dadas as normais oportunidades de vida – e não como delinquentes, somente merecedores de castigo.

É necessário entendê-los – com energia sim, mas também com carinho e compreensão. A partir do momento em que a sociedade encarar tal problema, dosando-o com amor e justiça, o menor também reagirá diferentemente, adaptando-se a esta mesma sociedade. Aí então, estaremos perto de uma solução para tão sério problema que ora nos aflige⁶⁷.

No decorrer dos anos muito se fez, mas – devido à resistência dos adolescentes – o SEAME não se tornou um local onde eles quotidianamente ficassem mais tempo, embora seja certo que as diversas oficinas ofereceram horas a mais na instituição e muitos adolescentes tenham sido beneficiados: “O sonho antigo do SEAME é que o adolescente tivesse uma permanência mais longa (em horas por dia) para que ele tivesse um outro modelo de vida, para comparar com o que vivia”⁶⁸.

Ana Regina Z. Everaldo, que foi Supervisora Regional (Campinas) das Medidas em Meio Aberto da FEBEM, acompanhando o SEAME de 1999 a 2006, declarou: “O Estado via positivamente o SEAME como uma parceria, havia dados quali e quantitativos sobre o adolescente em condições de sair do crime. O SEAME era uma referência no trato das medidas socioeducativas para a FEBEM”⁶⁹.

Em seu “Parecer Técnico para Celebração de Convênio” entre a FEBEM e a PASCA/SEAME, redigido em Campinas (SP) a 4 de outubro de 2006, Ana Regina Z. Everaldo, apresentou a seguinte conclusão:

O SEAME apresenta no seu projeto de trabalho o atendimento ao adolescente e sua família em meio aberto, cuja finalidade é desenvolver um programa de reintegração social de adolescentes, visando sua socialização e reeducação, a capacitação e formação

⁶⁷ “Jornal de Piracicaba”, 12.6.1988, p. 2.

⁶⁸ Segundo o depoimento citado de M. Carmo L. Righeto, 29.1.2015.

⁶⁹ Depoimento ao autor, Piracicaba, 6.4.2016.

social de sua família, além, da mobilização e participação na comunidade.

Justifica-se e tem como objetivo propiciar condições para que os adolescentes inseridos nas medidas sócioeducativas em meio aberto (prestação de serviços à comunidade e liberdade assistida) possam construir um novo projeto de vida, rompendo com a prática do ato infracional, através da realização do acompanhamento bio-psico-social-ambiental individual, através do estudo e acompanhamento de cada caso no favorecimento de sua socialização e crescimento pessoal.

Neste contexto, tendo em vista a Municipalização do atendimento, bem como a necessidade de um acompanhamento sistemático e efetivo ao adolescente autor de ato infracional, o POSTO CAMPINAS acredita ser de extrema importância, validade e necessidade a celebração do convênio entre a Fundação do Bem Estar do Menor – FEBEM/SP e o SEAME, pois assim, assume dar continuidade ao trabalho que vem sendo desenvolvido com os adolescentes inseridos nas Medidas Sócio-Educativas em Meio Aberto, suas famílias e na reorganização e fortalecimento do grupo familiar⁷⁰.

Em dezembro de 2006 ocorreram mudanças normativas que determinaram a alteração da sigla FEBEM para Fundação CASA (Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente) e também a sigla SEAME – que utilizava a palavra “menor”, considerada inadequada porque depreciativa – passou a corresponder aos termos Serviço de Apoio ao Adolescente com Medida Socioeducativa.

Em 2010 o serviço de medidas socioeducativas foi municipalizado. Desse modo, a Prefeitura Municipal de Piracicaba – em parceria com o SEAME – começou uma readequação no atendimento conforme às orientações da Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social (SEMDES), baseadas nas prerrogativas do ECA, da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), da Resolução 109/2009 que aprova a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais e do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE).

⁷⁰ Cópia assinada conservada no Arquivo do SEAME.

II. Adolescente com medida Socioeducativa

*Tende piedade das pequenas famílias suburbanas
E em particular dos adolescentes que se embebedam de domingos
Mas tende mais piedade ainda de dois elegantes que passam
E sem saber inventam a doutrina do pão e da guilhotina*
(VINICIUS DE MORAES)⁷¹.

Um artigo publicado no final de 1990 por Renato Ferreira – testemunha ocular de um caso em que um menino de nove anos, com outros dois, quebrara garrafas num bar em Piracicaba, depois jogara pedras nas janelas da UNIMEP (centro) e fora detido por policiais, enquanto os outros dois escaparam – teceu as seguintes considerações:

(...) vamos nos limitar apenas ao município de Piracicaba, onde, somente na área urbana, segundo dados do Comissariado, existem mais de 100 menores de 18 anos nas ruas, entre abandonados e infratores. São Meninos e meninas que andam sem destino e muitas vezes são obrigados a roubar comida. Outros são usados

⁷¹ “Elegia Desesperada (O Desespero da Piedade)” in “Antologia Poética”, p 59.

por quadrilhas de adultos criminosos. Muitas dessas crianças estão contaminados (sic) com doenças venéreas (...).

São crianças, que no seu dia a dia, não recebem uma palavra de amor ou de incentivo a praticar o bem. Pelo contrário, são tratadas aos gritos, empurrões e até espancadas nas ruas⁷².

Essas considerações do cidadão denotam sensibilidade e esse é um dos pontos fundamentais do olhar para o outro que se constituiu no SEAME desde o início. Isso não significa ignorar a gravidade dos atos que os adolescentes cometem, mas situar cada pessoa num contexto familiar e social e dispor-se a auxiliar o seu processo de mudança para benefício não só dela como de toda a comunidade. É uma tarefa delicada que exige preparo, como se poderá avaliar no terceiro capítulo, quando se tratar de todo o corpo de profissionais e voluntários envolvidos na causa do SEAME.

Notadamente o tipo de trabalho realizado pelo SEAME nem sempre é bem visto, já que sua atuação se dirige na contramão dos investimentos midiáticos, políticos e culturais brasileiros. Constatase que tais investimentos contribuem para a manutenção da concepção de que o jovem em conflito com a lei é o único responsável por sua conduta. Tal adolescente é considerado o reflexo de um estilo de vida que deve ser rejeitado, preferencialmente, excluído por representar o desvio de padrão, o defeito social.

Para os atores sociais que atuam no SEAME, exatamente por representar o desvio de padrão, o jovem infrator precisa ser compreendido, não como um defeito que necessita ser descartado mas como uma existência particular que revela a *deficiência da padronização*.

Cabe ressaltar que não se trata de defender os atos infracionais praticados pelos jovens atendidos pela instituição, mas sim de ressignificar o ato infracional de maneira a compreender o processo que oportunizou sua emergência⁷³.

De modo geral, é possível estabelecer a trajetória que o adolescente percorre até o SEAME: comete uma infração contra o código penal, é conduzido à Delegacia de Polícia (confecção do Boletim de Ocorrência), depois à Vara da Infância e Juventude no Fórum de

⁷² "Jornal de Piracicaba", 9.12.1990, p. 13.

⁷³ "Avaliação", op. cit., p. 8.

Piracicaba e o Juiz aplica a medida socioeducativa com encaminhamento para o SEAME.

A infração é “uma determinada conduta” considerada anti-social, que a sociedade procura corrigir através de leis. A infração não curada é o ponto de partida para a conduta delinqüencial, porque por delinqüência entende-se o “conjunto de práticas anti-sociais” cometidas por indivíduos ou grupos contra a sociedade⁷⁴.

Por ocasião dos primeiros dez anos de sua existência (1981-1991), o SEAME havia atendido 350 crianças e adolescentes. Os furtos eram a causa de 50% dos encaminhamentos e 80% dos assistidos tinham envolvimento com drogas⁷⁵. Predominavam os adolescentes que cheiravam cola ou usavam maconha, mas não havia se configurado ainda o perfil do adolescente que trafica drogas. Furtavam nas ruas as pessoas (carteiras, bolsas, bicicletas). No SEAME, um interesse especial era dedicado aos passes de ônibus (mercadoria de troca), que se lhes oferecia para chegarem à instituição e poderiam retornar a suas casas, de modo que competiam por mais passes, tentavam iludir os técnicos e monitores das oficinas e mesmo a instituição chegou a ser invadida à noite para serem furtados os passes. Nessa ocasião (1991) foi publicada uma análise baseada em porcentagens que pode ser esclarecedora:

Quando o Seame foi criado, em 1981, a cidade era a segunda do Estado de São Paulo a encaminhar menores infratores para a Febem. A equipe técnica da entidade afirma que esse quadro mudou e que dos 350 casos atendidos até agora, 30% foram encerrados por boa conduta.

O perfil dos atendidos revela que a maioria tem família composta – pai e mãe, pai e madrasta, mãe e padrasto – mas convive com a desagregação de relacionamento. Os maiores problema (sic) são registrados em adolescentes do sexo masculino, na faixa de 16 a 17 anos, encaminhados tardiamente.

Em 25% das famílias existem casos de alcoolismo, 63% das mães trabalham fora, 23% tem pai e mãe, 21% moram com a mãe e 18% com a mãe e o padrasto.

⁷⁴ PASSETTI, op. cit., p. 27.

⁷⁵ “Jornal de Piracicaba”, 22.10.1991, p. 3.

A equipe lembra que o trabalho de recuperação é lento e que a relação com o mundo começa a mudar à medida que eles começam, a ser vistos como gente. Apesar da importância do trabalho e mesmo dos resultados, o setor encontra alguns obstáculos dentro da própria sociedade.

“Existem muitas dificuldades na colocação dos jovens no mercado de trabalho, que os rotula previamente, quando deveria se esforçar para compreender que o apoio pode reverter essa realidade”, disseram⁷⁶.

Todavia um processo de alterações sociais crescentes permite localizar, desde uns anos antes mas sobretudo a partir de 2000, um novo perfil do adolescente encaminhado ao SEAME como alguém em quem a infância se diluiu, embora conserve traços dela quando ainda tem prazer em soltar pipa; apresenta-se “frio”, com naturalidade muito grande diante do crime e do tráfico, por tudo o que já viveu, banalizando a violência; é resistente a outras informações culturais (músicas, por exemplo); por outro lado, é muito carente em termos afetivos⁷⁷. A escolaridade do adolescente com medida socioeducativa costuma ser muito deficiente. Uma pesquisa interna com 188 ex-atendidos, que passaram pelo SEAME de 2005 a 2010, revelou que 78 deles não haviam completado o Ensino Fundamental, ao passo que 27 o haviam completado; 52 possuíam o Ensino Médio incompleto e 26 o possuíam completo; a Graduação fora atingida apenas por 5 deles⁷⁸.

Conforme observou Dr. Rogério de Toledo Pierri, Juiz da Vara da Infância e Juventude de Piracicaba, sobretudo de 2010 em diante se pode notar uma intensificação da citada mudança do perfil dos adolescentes em conflito com a lei, desde então muito envolvidos com a criminalidade e, quando chamados à reflexão pelo Juiz da Vara da Infância e Juventude, chegam por vezes às ofensas verbais, num desacato à sua autoridade; anteriormente era possível, no caso de adolescentes primários, estabelecer com eles um questionamento efetivo, uma reflexão; além disso, embora seja possível

⁷⁶ Idem, *ibidem*.

⁷⁷ Segundo o depoimento de Ana Flávia Bianco, Orientadora de Medida, ao autor no SEAME, Piracicaba, 16.7.2015.

⁷⁸ “Avaliação”, *op. cit.*, p. 43.

reconhecer algumas diferenciações no comportamento dos adolescentes que vivem em cidades menores, deve-se observar que a problemática enfrentada em Piracicaba se enquadra como própria a uma grande cidade⁷⁹.

Os adolescentes atuais em atendimento no SEAME em geral não conhecem a cidade além dos bairros em que residem, excetuando alguns pontos marcantes, de modo que não sabem circular com facilidade pelo espaço urbano, apresentam uma visão de mundo muito limitada e, em paralelo, não veem a vida a longo prazo e, mesmo dizendo que desejam trabalhar, não conseguem avaliar o benefício de um curso profissionalizante⁸⁰. São marcantes o seu comodismo, a falta de esforço e um linguajar cheio de gírias; poucos rapazes jogam bola, pois o esporte já não lhes é atraente⁸¹. Observa-se que a maconha, a cocaína e o crack “(...) representam as substâncias químicas mais citadas pelos atendidos na instituição”⁸². Um dos Orientadores de Medida, que esteve no SEAME até 2013, observou que no período final de sua atuação atendera adolescentes que haviam começado a usar maconha aos sete anos de idade, por causa das facilidades no próprio ambiente familiar⁸³. O novo perfil do adolescente em conflito com a lei é frequentemente o daquele que trafica e até “terceiriza” o seu serviço para outra pessoa. O tráfico lhe dá dinheiro e com isso o interesse por passes de ônibus na instituição abaixou significativamente. Diminuiu também a avidez pelos lanches que o SEAME oferece após os atendimentos, bastando lembrar que o adolescente que vende drogas recebe marmitex ao almoço da parte do coordenador do tráfico⁸⁴. Como consequência, os adolescentes jogam muito mais lanches no lixo em relação ao passado, por mais que os técnicos lhes chamem a atenção quanto à qualidade daqueles alimentos, quanto à fome que existe no mundo,

⁷⁹ Segundo o depoimento do Dr. Rogério de Toledo Pierri, Juiz da Vara da Infância e Juventude de Piracicaba ao autor, Piracicaba, 18.2.2016.

⁸⁰ Segundo o depoimento de Gustavo Nazato Valentinuci, Orientador de Medida, ao autor no SEAME, Piracicaba, 30.7.2015.

⁸¹ Idem, *ibidem*.

⁸² “Avaliação”, *op. cit.*, p. 54.

⁸³ Segundo o depoimento de Raul Marques, ao autor, Piracicaba, 18 out. 2015.

⁸⁴ Segundo o depoimento de Joelma Ap. S. Monteiro, Orientadora de Medida, ao autor no SEAME, Piracicaba, 30.7.2015.

mas demonstram pouca consciência e bastante fastio. Devido a um novo consenso, o tráfico passou a ser entendido pelos adolescentes como um trabalho como outro qualquer, embora mais perigoso e o problema é de quem vai até lá buscar a droga, o viciado, não havendo crise de consciência sobre o mal que se está promovendo ao outro. E se ocorre uma terceirização do serviço de um adolescente para outro (por vezes mais novo), isso é entendido por ele como uma “ajuda” diante da necessidade material do outro e de sua família (por exemplo, estavam passando fome e agora conseguiram uma fonte de renda). Nesses contextos se torna muito difícil reverter a consciência do adolescente, porque a solidariedade que prestou de imediato ao outro que passava fome tem o seu valor e ele se sente incompreendido e até injustiçado pelas leis sociais. Territórios de ambiguidade, como romãs emaranhados de conceitos, dentro de visões de mundo muito limitadas pelo pouco acesso a uma cultura reflexiva e o adolescente pensa estar certo.

*Penso nos malabaristas
Do sinal vermelho
Que nos vidros fechados dos carros
Descobrem quem são
Uns, justiceiros, reclamam
O seu quinhão
Outros pagam com a vida
Sua porção
Todos são excluídos
Na grande cidade (JOÃO BOSCO E FRANCISCO BOSCO)⁸⁵.*

Posto isso, talvez caiba aqui avaliar o que se passa no interior do adolescente. Esse aspecto frequentemente escapa à sociedade, mas os técnicos do SEAME lhe dedicam um olhar atento. Um caso parece ser ilustrativo: cerca de 2005 o adolescente L. cometeu um furto de uma bicicleta em outra cidade e foi detido logo ao chegar a Piracicaba. Recebeu medida socioeducativa em termos de Liberdade Assistida e passou a frequentar o SEAME com regularidade. Em sua primeira atividade dentro das sessões de Arteterapia, produziu um desenho emblemático, registrando o estado interior com que

⁸⁵ Trecho da letra da música “Malabaristas do Sinal Vermelho”.

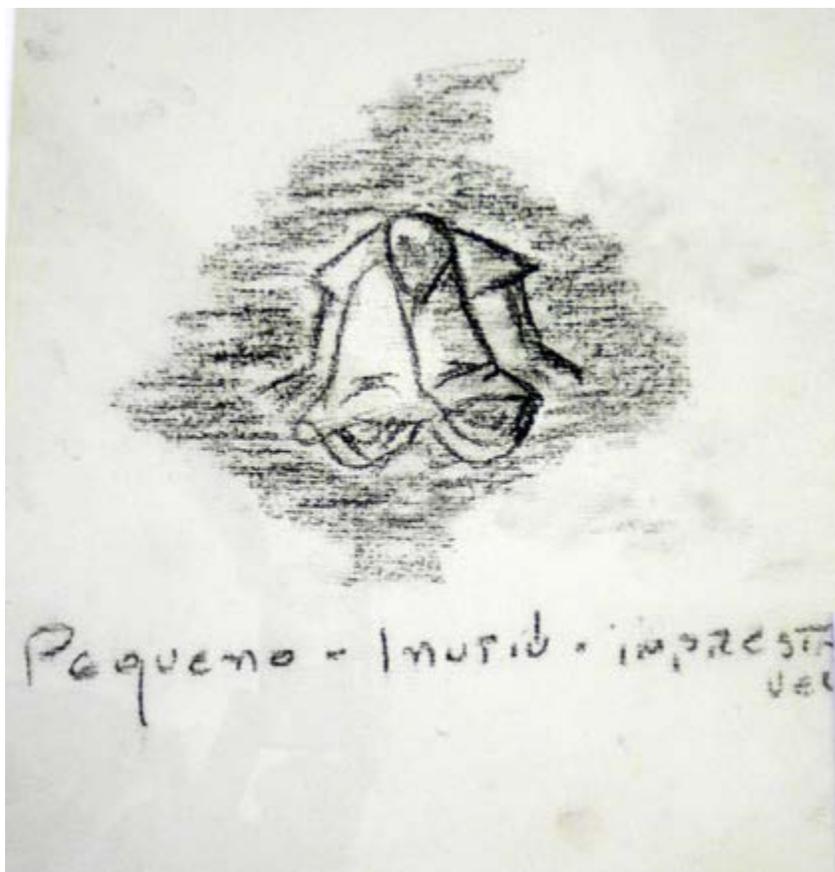
muitos adolescentes chegam ao SEAME pela primeira vez. Esse desenho apresenta a figura de um rapaz com a cabeça entre os joelhos, sentado num chão impreciso. Parece alguém que usa roupas próprias de skatista, mas lhe pesa algo moral. Por isso intitulou o desenho como “Pequeno – Inutiú (sic) – Imprestável” (pastel seco sobre papel vergê, 30 x 21,5 cm – Piracicaba, acervo SEAME). Tinha ouvido isso dos familiares, após o furto e o comparecimento às autoridades. No desenho, o chão é um espaço um tanto indefinido, quase uma fumaça que poluiu e manchou seu caminho. A figura humana, por sua vez, apesar das roupas que indicam pertença a algum grupo, é anônima, talvez até porque L. desejasse isso, com a posição fetal podendo traduzir um desejo de se recolher ao útero de uma mãe protetora. É possível que o desejo de anonimato o tenha feito não assinar o desenho. O conjunto revela imobilidade e introversão e dimensiona como se sentiu humilhado perante a desaprovação da família e das autoridades; note-se o tamanho dos caracteres das palavras abaixo da figura do rapaz (imagem 5).

O SEAME identifica o pedido de socorro que reside na infração do adolescente. “Um adolescente me dizia: dona, não deixe eu matar, porque, se for um, eu não vou parar”, recordou uma ex-Orientadora de Medida⁸⁶. Isso foi observado com muita propriedade pelo psicanalista infantil D. W. Winnicott (1896-1971):

A delinqüência indica que alguma esperança subsiste. Vocês verão que, quando a criança se comporta de modo anti-social, não se trata *necessariamente* de uma doença, e o comportamento anti-social nada mais é, por vezes, do que um SOS, pedindo o controle de pessoas fortes, amorosas e confiantes⁸⁷.

⁸⁶ Depoimento de Ana Lúcia de Oliveira ao autor, Piracicaba, 25.5.2016.

⁸⁷ “Alguns aspectos psicológicos da delinqüência juvenil” in “Privação e Delinqüência”, p. 131.



5. Pequeno, Inútil, Imprestável, 2005c.

O adolescente, que vem ao SEAME pela primeira vez com um encaminhamento judicial, deve se apresentar com um responsável maior de idade e o que se observa, por vezes, é que este vem um tanto contrariado, desapontado com o adolescente e com a educação que lhe deu, frustrado em seu papel de pai, mãe, avó e o SEAME é também uma estrutura para acolher a sua raiva, o seu desconforto, o seu choro, a vergonha de estar ali tentando reparar algo que ele não fez senão indiretamente, porque é o responsável por quem praticou uma infração. Junto desse adulto está o rapaz ou a moça, obrigado, temeroso, desambientado. Nos primeiros atendimentos particulares, esses adolescentes são náufragos sem referências, buscando uma ilha de conforto e proteção. Seja qual for a infração que tenham cometido, estão já exilados no próprio mundo

interior, “presos” numa trama da qual não sabem sair. Com seus olhares perdidos e vagos, tímidos ou numa postura ofensiva que traduz medo e defesa, são pequenos animais feridos, agressivos, resistentes ao contato e à palavra. Para muitos deles, envolvidos em circuitos de criminalidade, a vida não tem grandes belezas e uma noção próxima à do destino lhes pesa: expressam aos Orientadores de Medida do SEAME que, na vida do crime, importa gozar/ aproveitar o momento atual, porque a existência será breve; a convivência diária com o perigo, a violência e a morte promove neles uma desesperança e uma premonição de que mais dia, menos dia, também eles desaparecerão, assassinados em algum lugar incerto. Isso repassa de melancolia o olhar adolescente que deveria estar investido de sonho, desejo de futuro, esperança. Uma colagem (sobre canson A4 – Piracicaba, acervo SEAME) realizada por um adolescente atendido parece revelar esse paradoxo, o quanto ele é agressor e o quanto também é vítima (imagem 6).



6. Sem Título, s.d.

Nota-se em termos gerais que os adolescentes encaminhados procedem de ambientes familiares vulneráveis em termos sociais, que possuem como constante a imprevisibilidade, seja pelo alcoolismo presente, consumo e tráfico de drogas, papéis sociais não bem

administrados pelos pais, criminalidade e violência, não esquecendo casos de abuso sexual na infância, seja pela situação de miséria material e tudo isso cobre de incerteza o presente e o futuro, não sendo estranho que esses adolescentes venham desinvestidos de esperança, por conta de inúmeras frustrações.

Em razão dos efeitos psicossociais negativos oriundos do uso de entorpecentes e das desagradáveis reações químicas provocadas no organismo, o usuário de drogas ilícitas desenvolve uma relação de dependência com tal substância, associando seu uso ao prazer pela atenuação do sofrimento psíquico. A busca pelas alterações temporárias e artificiais proporcionadas pelas drogas torna-se o mote da dependência química, capaz de depreciar, para o dependente, os malefícios causados pelo seu uso inadequado. O usuário é tomado por um desejo compulsivo do uso cada vez mais frequente, passando a apresentar problemas orgânicos e psicológicos decorrentes da abstinência.

Os modos de vida de um dependente químico na ativa incluem descuido com a saúde, com a aparência, acidentes, colocando-se em risco e também envolvendo-se em furtos, roubos, prostituição, perda da moral, da dignidade, do respeito e da habilidade de viver, em um processo gradativo da perda de seu maior e mais valioso patrimônio que é “ser ele mesmo”. Ou seja, é possível dizer que as funções físicas, sociais, mentais e espirituais são fortemente afetadas pelo uso constante de drogas⁸⁸.

Toda essa complexidade exige dos Orientadores de Medida, dos profissionais do Projeto Preventivo e monitores das oficinas do SEAME uma “capacidade de abertura para a realidade do adolescente, espírito de aceitação, aceitar o adolescente como ele é”⁸⁹, assim como requer disposição à confiabilidade, ou seja, a despertar a confiança no atendido, facilitando a orientação. Também o serviço exige elasticidade para enfrentar a resistência dos adolescentes a todo o conjunto de oportunidades que a instituição lhes oferece, oposição que assume diversas manifestações, inclusive a da mentira: “Isso é muito comum: diz que está tudo bem na casa, que não está usando drogas, que está frequentando a escola. Eles querem

⁸⁸ “Avaliação”, op. cit., pp. 23 e 25.

⁸⁹ Depoimento citado de Raul Marques, 18.10.2015.

falar o que eles acham que você quer ouvir”⁹⁰. Vale notar que a resistência, diante de um profissional zeloso e atento às suas necessidades, muitas vezes se modifica para confiança, garantindo que o adolescente diga a verdade, exponha seus pensamentos, atos, medos, frustrações, arrependimentos. “É dar condições para que o outro possa descobrir o que tem de bom dentro dele”⁹¹. Muitos vínculos positivos permanecerão até depois de encerrada a medida socioeducativa. Promover tais adolescentes a situações mais estáveis de vida esbarra frequentemente na incompreensão de uma parcela da sociedade, que não vê sentido em investir tempo e dinheiro nessas pessoas. Não se deve esquecer que, sobretudo em outros tempos, o SEAME foi objeto de muita opinião contrária, principalmente descreditando nas mudanças na vida dos adolescentes em situação de risco ou em conflito com a lei. Apesar do crescimento numérico dos adolescentes que, ao longo de trinta e cinco anos, têm sido encaminhados para o SEAME, todas as Coordenações buscaram não perder de vista a humanização dos atendimentos.

Um dos pontos a trabalhar na vida interior dos adolescentes é o resgate do sonhar, de imaginar e programar em certa medida um futuro, pois as situações vivenciadas criam para eles uma perspectiva desfuturizada, imediatista, na qual o limite é o agora. Assim é que se entende porque a ex-Orientadora de Medida Rita C. Sgarbiero Cardoso ensinou uma adolescente a bordar, pois esse era o seu sonho⁹². Na dureza de uma vida pautada por muitas “faltas” – falta de amor, estrutura familiar, roupas de marcas e pelo fato de serem muitas vezes taxados de bandidos⁹³ – “(...) o futuro fracassa na oferta de concretização dos anseios dos adolescentes, impossibilitando a elaboração de projetos a serem desenvolvidos a longo prazo”⁹⁴. Se é que há sonhos nesses adolescentes, um deles é o de ser “rico”, muito mais produto de uma alienação do que de uma esperança verdadeira. Nota-se como “ser rico” é algo vago no

⁹⁰ Depoimento de Gustavo N. Valentinucci ao autor no SEAME, Piracicaba, 9.3.2016.

⁹¹ Depoimento de Joelma Monteiro, ao autor no SEAME, Piracicaba, 16.4.2015.

⁹² Segundo o depoimento de Rita C. Sgarbiero Cardoso, ao autor no SEAME, Piracicaba, 6.1.2016.

⁹³ Segundo o depoimento citado de Raul Marques, 18.10.2015.

⁹⁴ “Avaliação”, op. cit., p. 44.

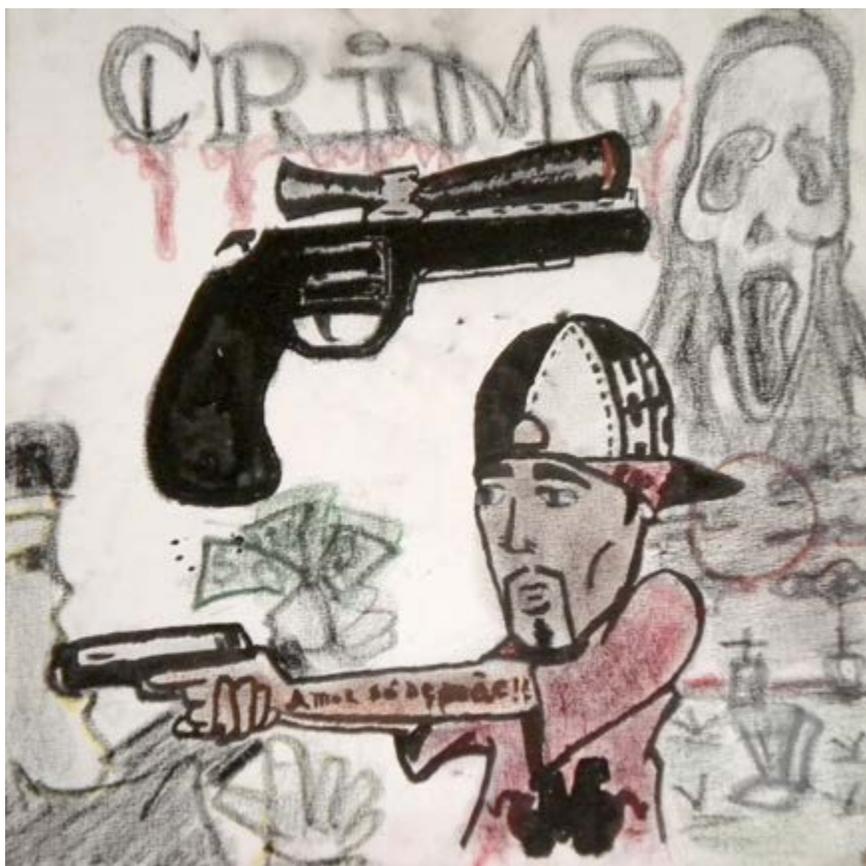
entendimento de quase todos os rapazes e moças, que não têm a dimensão do grau de estudo necessário e do mercado de trabalho. Até no meio que lhes aparece como o “serviço” mais possível de rendimentos – o tráfico de drogas – a exigência mínima da escrita e da matemática, do básico do básico que é escrever algumas palavras, nomes e efetuar algumas operações matemáticas, começa a ser um entrave para aqueles adolescentes que não sabem escrever mais que o prenome e não conseguem sequer escrever o dia, mês e ano de seu nascimento, embora frequentem a escola pública há anos. Prisioneiros de situações nas quais não alcançam uma leitura mais ampla que a da dura realidade de seu cotidiano de miséria ou pobreza, eles se defendem em comportamentos de “blindagem”: agressividade, pouco diálogo, exigências de materiais que possam ostentar e reforcem superficialmente sua pertença a algum grupo, como roupas e calçados de marcas específicas, correntes de prata, anéis, celulares, etc. Apesar disso, escondem-se atrás de bonés com abas para trás, disfarçando a criança interior que habita dentro deles. “É muito compreensível que ele tenha raiva, inclusive de estar aqui”, observou a Orientadora de Medida Beatriz Maria Ferrari⁹⁵. Por sua vez, respondendo a uma pergunta sobre a existência de medo no profissional diante do adolescente que vem ao SEAME, outra Orientadora de Medida observou: “Não. É impressionante, mas eu não tenho, porque é um adolescente que já está com todos os direitos violados e eu vou violar mais ainda”⁹⁶. Tudo isso aparece registrado na obra “Crime” (2006; carvão, nanquim e pastel seco sobre tela, 40 x 40 cm – Piracicaba, acervo SEAME) do adolescente M. A. F. (imagem 7).

O relatório do 1º semestre de 2015 realizado pelo SEAME apontou hipoteticamente os fatores que podem ser a causa do comportamento infracional, considerando que os adolescentes em sua maioria apresentam de dois a três fatores de causa: desestrutura familiar; ausência, desamparo, negligência (famílias que apresentam violações de direitos dos filhos); baixa renda; identificação (do adolescente com o modelo da criminalidade); manutenção do uso de

⁹⁵ Depoimento ao autor, Piracicaba, 15.3.2016.

⁹⁶ Depoimento de Gislaíne de Fátima Catarino, Orientadora de Medida do SEAME, ao autor no SEAME, Piracicaba, 9.3.2016.

drogas (o adolescente comete infrações para comprar a droga e/ou se manter em ambiente propício para a obtenção da substância); ociosidade; status (reputação que a criminalidade pode propiciar); retorno financeiro; questões específicas que não podem ser generalizadas. Além disso, segundo o mesmo relatório, em 60% dos casos em acompanhamento se constatou a influência de terceiros como um potencializador do envolvimento do adolescente com as infrações.



7. Crime, 2006

O relacionamento saudável na família costuma ser com a mãe e o citado relatório do 1º. semestre de 2015 aponta a figura materna como presente e positiva em 64% dos casos em acompanhamento. Isso explica porque frequentemente os rapazes tatuam no corpo o nome dela ou a frase “amor só de mãe”, o que funciona como uma

pertença, uma origem, uma identidade, testemunhando o que carregam como referência do amor verdadeiro.

Feio e inútil: pescoço ossudo e cabelo emaranhado e uma mancha de tinta, um leito de lesma. E no entanto alguém o havia amado, carregado nos braços e no coração. Não fosse por ela a raça do mundo o teria pisoteado, invertebrada lesma achatada. Ela amara seu fraco sangue aguado drenado do seu próprio. Será que isso então era real? A única coisa verdadeira da vida?⁹⁷

É possível observar que a carência afetiva leva muitas adolescentes que frequentam o SEAME ao desejo de serem mães, mesmo sem estrutura emocional e financeira para isso⁹⁸. Mas não é sempre assim, pois há mães que desprezam e abandonam seus filhos. Uma ex-Orientadora de Medida do SEAME se recorda de casos em que as mães diziam aos adolescentes: “Você só dá gasto, não sei porque você nasceu”. E num caso específico: “O pai dele é só espermatozoide”⁹⁹.

Dilacerados por figuras paternas ausentes (o mesmo relatório do 1º semestre de 2015 aponta isso em 54% dos casos em atendimento), agressivas, distantes (pai ou mãe cumprindo penas de detenção carcerária), inconsequentes (os filhos sob a guarda de avós ou parentes) ou já falecidas, esses adolescentes visualizam dois territórios de atuação e poder: a criminalidade e o policiamento. Assim é que projetam o ideal do herói em figuras envolvidas com a criminalidade, admirando-lhes o poder, a hierarquia, a disciplina. Projetam nelas a figura ideal do pai que não têm. Em alguns casos já o adolescente de 12 anos de idade vem ao SEAME com medida socioeducativa em função do tráfico: “(...) a saída através do crime se mostra atraente, na medida em que faz com que o adolescente sintam-se economicamente independente chegando, em muitos casos, a ganhar até mais que os pais”¹⁰⁰. Considere-se que é possível uma escalada de poder no circuito do crime, principalmente se o adolescente que trafica não for usuário de drogas; transforma-se em “pessoa de confiança” para os chefes (“gerentes”) porque não mexe nas drogas, administrando

⁹⁷ JOYCE, “Ulysses”, pp. 128-129.

⁹⁸ Segundo o depoimento citado de Ana Flávia Bianco, 16.7.2015.

⁹⁹ Depoimento de Maria Cristina Razera Serignoni ao autor, Piracicaba, 13.4.2016.

¹⁰⁰ “Avaliação”, op. cit., p. 32.

bem e recebendo em dinheiro (e não em espécie)¹⁰¹. Também ocorre com frequência a migração do tráfico para o roubo (mão armada) e o roubo majorado (com vítima). Num âmbito de tal complexidade, um dos aspectos mais delicados para se trabalhar com o adolescente que comparece ao SEAME é o de que a jornada do herói que ele pode realizar em sua trajetória de vida será mais frutífera se tiver em mira outro exemplo de herói. E que a morte dando fim a uma vida breve na criminalidade pode ser revertida em uma “morte simbólica”, na qual morra o mundo do crime para esse adolescente, de modo que reconheça mais satisfação num serviço digno e numa vida pacífica. Esse “renascimento” é uma expectativa da instituição e se manifesta em ocasiões diferentes, até mesmo no simples ato coletivo quando alguns adolescentes montam uma árvore de Natal – símbolo de uma vida nova, com estrutura emocional e atitudes positivas. Muitas vezes somente a conversão religiosa nos moldes das denominações cristãs pentecostais é que dá conta de redirecionar a projeção do herói para uma figura suprema como a de um Jesus Cristo exigente e juiz, cujo amor não aparece como incondicional por seus irmãos, antes exige deles uma disciplina, um empenho, uma submissão sem questionamentos, não esquecendo a conhecida criminalidade empregada contra esse Senhor em seu sacrifício redentor. Transitar da criminalidade para uma espiritualidade de temor e disciplina, conservando-se num território de alienação – como se vê muitas vezes acontecer com os adolescentes que frequentam o SEAME – traz o benefício social de não se devotarem mais ao crime, receando os castigos infernais, eternos, bem mais que os da prisão. Essas conversões instantâneas têm seu valor, oferecendo uma nova identidade ao jovem. Por outro lado, o SEAME promove encontros com pessoas dispostas a resgatar no adolescente o que há de bom nele, sem implantar o terror, mas uma consciência de limites que já estão pautados legalmente na sociedade. Muitas vezes a figura do herói passa a ser projetada sobre o Orientador de Medida que faz o atendimento, pela escuta paciente, pela solicitude em promover o adolescente, pela documentação que o profissional auxilia a conseguir, etc. Isso é a recuperação do vínculo com o humano, promovendo a “(...) cons-

¹⁰¹ Segundo o depoimento de Ana Luísa Botezeli, Orientadora de Medida, ao autor no SEAME, Piracicaba, 6.7.2015.

trução subjetiva de um projeto de vida digno e coerente com sua existência singular”¹⁰².

Ao discorrer sobre o perfil dos adolescentes com medida socioeducativa que frequentam o SEAME, cabe também elencar as qualidades que, neles, são facilmente observáveis.

É comum ver como sabem partilhar o lanche com os companheiros que têm mais fome que eles. Um adolescente, nos começos do SEAME, levava seu cãozinho e repartia o lanche com ele¹⁰³. Também ocorre muitas vezes de os adolescentes se preocuparem com os familiares: “Eles queriam levar para os irmãos, compartilhar com os que estavam em casa”¹⁰⁴. Os Coordenadores do SEAME sempre permitiram que a cozinheira possibilitasse que os adolescentes pudessem levar algo para os irmãos, depois que tomassem o lanche.

Acostumados ao sofrimento (diante dos poucos recursos para uma saúde integral), não costumam ser fúteis.

Pode-se observar como existe neles um grau de compreensão para os fracassos dos outros e para as doenças e as deficiências físicas ou mentais.

Neles há coragem, embora também insolência e medo mascarado.

E há neles uma consciência maior (em relação a outros adolescentes) quanto à finitude e à realidade da morte.

Há muita desaprovação contra maridos que batem nas esposas e contra estupradores.

Em geral há gratidão e amor pela mãe, por quem certamente dariam suas vidas.

Enfim, reside neles algo de precioso, em estado bruto e que, todavia, pode ser lapidado. E permanece neles um sentido de Deus que não se apaga, mesmo que se acreditem longe da salvação e dignos do inferno.

Assim é que, devido a muito abandono, muita reação agressiva e a um sentido de condenação não só humana como divina, a sua carência de afeto possibilita uma abertura a vínculos autênticos que se traduzem em bem-querer e na sinceridade durante os

¹⁰² “Avaliação”, op. cit., Introdução, snp.

¹⁰³ Segundo o depoimento citado de Deise Maria Basso, 16.3.2016.

¹⁰⁴ Depoimento citado de Maria Cristina Razera Serignoni, 13.4.2016.

atendimentos: “Eles querem respeito, ser dignos e atenção”¹⁰⁵. Fábio Dias da Silva, ex-Coordenador Técnico do SEAME, discorrendo sobre o adolescente com medida socioeducativa, observou: “Ele tem a potência do vir a ser”¹⁰⁶. Mas a reorganização de uma vida, dos sonhos e a concretização deles supõe um processo, como observou uma Orientadora de Medida: “A impulsividade do adolescente atrapalha a realização de seus sonhos; é preciso aprender que existem etapas”¹⁰⁷. “É a maturidade que vai trazer ao adolescente a compreensão das etapas da vida, o esperar”, complementou outra profissional, ex-Orientadora de Medida do SEAME¹⁰⁸. “É difícil mudar. Tudo o que você faz que acha que está certo vira vício e aí para você largar se torna ruim. Chegou num ponto que eu vi que não dava mais e eu comecei a escutar o pessoal (familiares e do SEAME)”¹⁰⁹.

*Sabe o que eu queria agora, meu bem?
Sair chegar lá fora e encontrar alguém
Que não me dissesse nada
Não me perguntasse nada também
Que me oferecesse um colo ou um ombro
Onde eu desaguasse todo desengano
Mas a vida anda louca
As pessoas andam tristes
Meus amigos são amigos de ninguém (VANDER LEE)¹¹⁰.*

Mas existem casos frustrados pela morte do adolescente, como foi o de J. B. F., falecido aos quinze anos de idade (1999-2015). Passara pelo Projeto Preventivo, sendo atendido pela psicóloga Kátia C. Pires e depois, havendo recebido medida socioeducativa de L. A., fora atendido pela Orientadora de Medida Gláucia R. Pereira. Faltava-lhe o papel da mãe e fora cuidado zelosamente pelos avós paternos em Saltinho (SP), que o resgataram da mãe num estado de desnutrição profunda. Ele necessitava de medicação psiquiátrica,

¹⁰⁵ Idem, *ibidem*.

¹⁰⁶ Depoimento ao autor no SEAME, Piracicaba, 26.2.2016.

¹⁰⁷ Depoimento citado de Beatriz Maria Ferrari, 15.3.2016.

¹⁰⁸ Depoimento citado de Ana Lúcia de Oliveira, 25.5.2016.

¹⁰⁹ Depoimento de J. A., adolescente atendido, ao autor, no SEAME, Piracicaba, 23.5.2016.

¹¹⁰ Trecho da letra da música “Onde Deus Possa me Ouvir”.

mas deixara o tratamento. Era sincero e tudo contava de sua vida e atuação nos atendimentos no SEAME. Realizava roubos para trocas que lhe garantissem o consumo de drogas variadas. Era deslumbrado com o mundo do crime, sonhando que nesse circuito poderia “ser alguém”. Apesar de franzino, não tinha medo e respondia às autoridades com petulância e se indispunha igualmente com criminosos. Fora internado três vezes na Unidade de Internação Provisória (UIP) da Fundação CASA, em São Paulo (SP). No SEAME esse adolescente e seus avós paternos formaram vínculos muito positivos e estava cumprindo medida socioeducativa de L. A. há sete meses quando desapareceu em março de 2015. O corpo nu e em estado de decomposição foi encontrado após uma semana no bairro Chácara Nazareth em Piracicaba; o laudo do médico legista apontou a overdose como “causa mortis”. Quando o corpo foi localizado, a tia avisou o SEAME de que o pai estava indo para reconhecimento do mesmo e que a avó paterna (que de nada sabia) estava chegando ao SEAME, onde ficou sabendo do fato, numa conjunção de informações, coincidindo com o telefonema do médico legista à instituição e o SEAME pôde dar apoio emocional aos familiares nessa hora difícil de luto. A mãe nem compareceu ao enterro. A Orientadora de Medida Gláucia esteve depois visitando os avós em Saltinho, onde reviu o quarto do adolescente e partilhou momentos de solidariedade com a avó.

Eu sempre gostei muito de cada adolescente que eu atendia. Então a morte era muito doída. Sabe o que é uma mãe contar para você que o filho (morto) foi torturado? Eu chorei com ela. A morte é o fim da possibilidade de mudança¹¹¹.

Sempre foi muito triste – por mais que tenha um lado racional, ele buscou isso – sempre houve uma esperança, ele vai adotar para a vida outras escolhas. E a morte era: ele não conseguiu fazer outras escolhas. Quando eu sofria pela morte deles, eu sofria de verdade¹¹².

Quando ocorre o falecimento de um adolescente atendido pelo SEAME, por vezes a família não comunica a instituição, que fica sabendo por jornais, mas com dúvidas por conta de homôni-

¹¹¹ Depoimento citado de Rita C. S. Cardoso, 6.1.2016.

¹¹² Idem, 13.1.2016.

mos; busca-se esclarecimento com os familiares e amigos do adolescente e, quando é confirmada a morte, o técnico envia um relatório informativo à Vara da Infância e da Juventude da Comarca de Piracicaba, confirmando o óbito, inclusive com a cópia da necrologia publicada no jornal. É comum que um ou dois técnicos do SEAME estejam presentes ao velório e ao enterro. Se não houver possibilidade, como no caso acima, é feita uma visita à família. Essa visita funciona como um conforto para as duas partes, ou seja, para os familiares e os técnicos do SEAME, que se sentem frustrados e impotentes diante da violência e da criminalidade¹¹³. Com frequência se encontra o perfil da mãe que, de tão sofrida com toda a trajetória do filho ou filha, aceita mais esse revés, conformada: “(...) essa menina, essa mulher, essa senhora/ em quem esbarro a toda hora/ no espelho casual/ é feita de sombra e tanta luz/ de tanta lama e tanta cruz/ que acha tudo natural” (Joyce/ Ana Terra)¹¹⁴.

¹¹³ Segundo o depoimento de Ana Luísa Botezelli, ao autor no SEAME, Piracicaba, 20.8.2015.

¹¹⁴ Trecho da letra da música “Essa Mulher”.

III. Configuração Institucional

Fiquei tocado ao ver como os formidáveis potenciais de solidariedade podem ser dinamizados pela iniciativa de alguns, e como a solidariedade pode se tornar contagiosa. Um grande problema político, social, humano, de nossa época e de nossa civilização, está bem aí: como despertar a pulsão solidária, que, tanto quanto a pulsão egocêntrica, faz parte da natureza humana, e isso numa civilização em que a pulsão altruísta está inibida, atrofiada, em proveito da pulsão egocêntrica (EDGAR MORIN)¹¹⁵.

Depois dos capítulos anteriores, que explicitaram o histórico da fundação da entidade e o perfil do adolescente que recebe medida socioeducativa e vai até ela, cabe discorrer sobre a instituição como um corpo para um serviço unificado e proveitoso e o que de fato ela realiza. Uma explanação concisa e esclarecedora sobre o que o SEAME desenvolve em sentido profissional apareceu no jornal da Diocese de Piracicaba:

O trabalho é realizado através de acompanhamento individual aos adolescentes e familiares pelos setores de Serviço Social e Psicologia; encaminhamento aos recursos da comunidade: escolas, cursos profissionalizantes, empregos, documentação pessoal e outros; encaminhamento às instituições onde cumprem a medida

¹¹⁵ "Chorar, Amar, Rir, Compreender", p. 29.

de prestação de serviços à comunidade; parcerias com instituições; visitas domiciliares pelos técnicos; visitas e acompanhamento às famílias por casais voluntários; reunião mensal com os pais; atendimento em grupo com adolescentes e mães; atividades em oficinas de arte-terapia, artesanato, culinária, informática, esporte e cabeleireiro. O adolescente recebe atendimento durante 6 meses até 1 ano, dependendo do caso¹¹⁶.

O texto acima obedeceu à terminologia de seu tempo; os atuais Orientadores de Medida são os profissionais dos citados campos do Serviço Social e da Psicologia. Quanto à documentação e ao encaminhamento aos cursos profissionalizantes e outras facilidades, cabe lembrar que os atendidos e familiares

(...) recebem orientação e auxílio para resolução de situações práticas como a emissão de documentação, confecção de curriculum vitae, ajuda de custo para a locomoção nas idas e vindas à instituição, lanche após os atendimentos, entre outros. O SEAME também dispõe de parceria com empresas e segmentos da sociedade civil e estatal disponibilizando ou facilitando o acesso a cursos profissionalizantes, gratuidade na emissão de documentação e fotografia, inclusão em frentes de trabalho, matrícula em escolas, entre outros¹¹⁷.

Para sua atuação, o SEAME conta atualmente com uma Diretoria Executiva, os Casais Voluntários e uma equipe de voluntários para promoções beneficentes, um Coordenador Técnico e um Coordenador Administrativo, uma equipe de Orientadores de Medida (assistentes sociais e psicólogos), uma cozinheira e uma profissional dos serviços gerais, um funcionário da Guarda Civil, os profissionais do Projeto Preventivo (uma psicóloga, uma assistente social e uma pedagoga), dois monitores de oficinas (Cabelo e Arteterapia) e um profissional do setor de esportes cedido pela SELAM (Secretaria de Esportes, Lazer e Atividades Motoras).

A relação do SEAME com a Diocese de Piracicaba se manteve, desde a fundação, com estreito vínculo e visitas regulares de D. Eduardo Koaik, para saber do andamento e estimular seus técnicos e voluntários à perseverança. “O SEAME sempre foi a ‘menina dos

¹¹⁶ “Em Foco”, 1º.12.2007, p. 3.

¹¹⁷ “Avaliação”, op. cit., p. 2.

olhos' de D. Eduardo"¹¹⁸. Uma ocasião memorável foi a da visita conjunta entre D. Eduardo e D. Hélder Câmara (1909-1999) a 18 de novembro de 1988. Nessa ocasião, D. Hélder já havia desenvolvido sua atuação pastoral como Arcebispo de Olinda e Recife (1964-1985) e, tendo renunciado, residiu até a morte em Recife. Foi defensor dos direitos humanos sob o regime militar no País e um dos fundadores da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Esses dois homens pensaram muito nos pobres e suas vidas foram um testemunho de amor pelos desfavorecidos (imagem 8). Sobre Dom Eduardo e sua solicitude pastoral, a sra. Maria Berchmans Canto, que, com o marido, teve grande amizade pelo Bispo, testemunhou: "Era amor verdadeiro, queria ver as crianças fora da rua, queria o bem das famílias. Ele era muito simples, muito humilde. Ele falava sempre no amor de Deus, ele queria que a gente sentisse o amor de Deus"¹¹⁹. Também Rubens José Storer, que esteve ligado ao SEAME por volta de vinte e cinco anos e foi Presidente da Diretoria Executiva, observou quanto ao prelado: "Era uma pessoa que gostava muito desse trabalho no SEAME e gostava muito da parte dos Casais Voluntários. Ele era diferente, pensava nos 'meninos'. Tive pouco contato com D. Eduardo, mas ele era uma pessoa iluminada"¹²⁰.

Há um texto redigido pelo próprio D. Eduardo que expressa sua opinião sobre o adolescente em conflito com a lei e o trabalho desenvolvido pelo SEAME, que o prelado fez publicar por ocasião dos dez anos da instituição, num folheto distribuído naquele mês de maio de 1991:

O Serviço de Apoio ao Menor (SEAME) iniciativa da Diocese de Piracicaba, está completando dez anos de atividades. É um trabalho em favor dos menores de conduta anti-social. A verdade seja dita, eles são o fruto de uma sociedade estruturalmente injusta. Não podemos culpá-los pelos seus atos mas podemos e devemos ajudá-los a sair do caminho do crime para o qual foram levados.

Não é fácil encontrar quem tenha boa vontade para colaborar com essa delicada missão. São poucos os que acreditam na recuperação desses menores. É certo que se tornarão verdadeiros

¹¹⁸ Depoimento de Vergílio de Souza e Silva, membro da Diretoria, ao autor no SEAME, Piracicaba, 20.8.2015.

¹¹⁹ Depoimento citado, 2.3.2016.

¹²⁰ Depoimento ao autor, Piracicaba, 16.3.2016.

marginalizar se a sociedade os marginalizar desde agora. Ainda não estão definitivamente estruturados no crime. O problema deles não se resume em caso de polícia. É uma questão de alcance social e educação.

Felizmente, o SEAME, aqui em Piracicaba, vem encontrando compreensão e apoio do Juizado de Menores. Além do pessoal técnico, Assistentes Sociais, Educadores e Psicólogos conta-se com casais cristãos que apadrinham esses menores sem paternalismos e mantêm contacto com suas famílias. É de suma importância dar-lhes amizade e acolhimento, inspirar neles confiança para que se sintam gente respeitada na sua dignidade humana.

Não vivem em regime de internato mas em liberdade assistida. Procura-se reuni-los, algumas vezes por semana, para encontros de orientação personalizados e prática recreativa. Os pais ou responsáveis também são convidados a repetidos diálogos. As dificuldades desse procedimento não são pequenas, os resultados são demorados mas gratificantes. Nesse campo de trabalho, só o amor impede o desânimo e fortalece a esperança¹²¹.

O SEAME nasceu desse amor de D. Eduardo com o esforço de quem passou pela instituição, juntamente com as orações das mães, suas palavras de incentivo, sua capacidade de perdoar e o sincero desejo de mudança que, em forma de semente, pôde germinar no coração de cada filho ou filha. A sra. I. – que formou vínculo com o SEAME desde 2006 quando seu filho foi para a Fundação CASA, Piracicaba e que em 2012, 2015 e 2016 frequentou o SEAME em busca de aconselhamento e conforto interior – relatou sua experiência de não ser ouvida pelo filho:

É horrível, você não tem valor algum. A honra de um pai e de uma mãe tem que ser em primeiro lugar. A honra só vai acontecer quando o filho começar um processo de dor e reconhecer o que a mãe falava. Aí o filho vai dar valor: “Por que eu não ouvi a minha mãe?”¹²²

¹²¹ Folheto de divulgação dos 10 anos do SEAME, p. 1.

¹²² Depoimento de I. B. S. ao autor no SEAME, 11.1.2016.



8. Visita de D. Hélder Câmara e D. Eduardo Koaik ao SEAME, 18.11.1988

O adolescente G. – que recebeu medida socioeducativa em 2015, ficou três meses na rua e, pego na biqueira, foi internado na UIP da Fundação CASA de Piracicaba e depois passou a frequentar com nova medida o SEAME em 2016 – relatou que aprendeu que os amigos que ele ouvia não o visitavam quando estava detido, mas a mãe, que ele não ouvia, o visitava e, ao dizer isso, chorou¹²³. Ele definiu o SEAME como “superação”¹²⁴. Dom Eduardo foi o pai desses adolescentes que não conhecem, em geral, o que é zelo paterno e que, mesmo nunca sabendo quem foi o Bispo, encontram ainda no SEAME uma casa-coração, onde não são apenas condenados, mas reorientados à vida.

A Diretoria e as Gestões de Coordenadores

No início do SEAME D. Eduardo Koaik havia conseguido no estrangeiro uma verba financeira por um determinado período.

¹²³ Depoimento de G. A. S. ao autor no SEAME, 11.1.2016.

¹²⁴ Idem, ibidem.

do, mas quando se encerrou esse investimento, a Diocese bancou parte, enquanto a verba do Estado era pequena ou atrasava; havia, pois, muita dificuldade em termos financeiros¹²⁵. Assim, a criação da Diretoria do SEAME ocorreu em grande parte em função de garantir verbas e promover eventos para arrecadação de fundos¹²⁶. Os membros da Diretoria Executiva do SEAME são todos voluntários (Presidente, vice-Presidente, 1º. e 2º. secretários, etc.). Reúnem-se com regularidade quinzenal, visitam a instituição e, em acordo com o corpo de Orientadores de Medida e os Coordenadores Técnico e Administrativo, tomam decisões que determinam o andamento geral (imagens 9 e 10).



9, Diretoria Executiva do SEAME, anos de 1990



10. Rubens Storer e Eliseu Roveri, ex-Presidentes, 25 anos do SEAME, 2006

¹²⁵ Segundo o depoimento citado de Vergílio de Souza e Silva, 20.8.2015.

¹²⁶ Idem, ibidem.

Alguns esclarecimentos históricos foram redigidos por Léia M. Guimarães Rolim, ao se recordar da constituição da Diretoria:

Com o aumento dos trabalhos do SEAME, ocorreu também uma sobrecarga de funções para a Coordenadora. Foi então pensado e refletido com os voluntários engajados nas promoções beneficentes sobre a necessidade da entidade ter uma diretoria que cuidasse da arrecadação de fundos para o trabalho e também da administração de seu funcionamento.

Assim é que (...) foi constituída a primeira diretoria do SEAME, eleitos entre os voluntários, com mandato de 2 anos. Em seguida foi estudado e elaborado o Regimento Interno da entidade. Desde essa primeira diretoria observou-se a dificuldade dos diretores em assumirem seus papéis, deixando sempre as decisões e providências ainda nas mãos da Coordenadora Léia, que procurou sempre motivá-los e orientá-los para o seu papel de diretores. Foi um trabalho lento que apenas aproximadamente nos últimos 15 anos resultou no desempenho da função dos membros da diretoria efetivamente¹²⁷.



11. Diretoria Executiva do SEAME, 2016

Um dos elementos da política atual da Diretoria Executiva do SEAME é a presença contínua de seus membros junto à Coordenação e à Equipe Técnica, visitando a entidade várias vezes na semana. Visto que muitos Diretores são empresários, aplicam sua experiência profissional para incentivar o aspecto social da entidade¹²⁸.

¹²⁷ Carta ao autor, Piracicaba, 31.3.2016.

¹²⁸ Segundo o depoimento de José Luiz Camolesi, Presidente da Diretoria Executiva do SEAME, ao autor, Piracicaba, 27.4.2016.

Os membros atuais da Diretoria Executiva do SEAME são: José Luiz Camolesi (Presidente), Antonio Laerte dos Santos (Vice-Presidente), Vergílio de Souza e Silva (Conselheiro), Edson Aparecido Theodoro (1º. Tesoureiro), José Roberto Nicoletti (2º. Tesoureiro), Carlos Eduardo Pereira, João Carlos dos Santos, João Tozzi, Bruno Lopes Rozado (imagem 11).

O Regimento Interno do SEAME como Unidade Prestadora de Serviço (UPS) da Pastoral da Caridade (PASCA) está sendo estudado. A instituição utiliza o Estatuto da PASCA. O terreno no qual se encontram as edificações do SEAME foi doado por D. Moacyr José Vitti (1940-2014), quarto Bispo da Diocese de Piracicaba (2002-2004), num comodato de noventa e nove (99) anos, por reivindicação da Diretoria; se o SEAME deixar de existir, então o terreno e as construções voltam para a Diocese¹²⁹ (imagens 12 e 13). O documento, conservado no arquivo do SEAME e intitulado “CONTRATO PARTICULAR DE COMODATO”, datado de 25.3.2003, firmado no 1º. Oficial de Registro de Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica de Piracicaba, microfilmado sob número 00073769-TD e ainda no 1º. Registro de Imóveis e Anexos de Piracicaba, microfilmado sob número 1228, dispõe que, de um lado, a Diocese de Piracicaba (comodante) e de outro lado a Pastoral do Serviço da Caridade – PASCA (comodatário), têm justo e contratado o seguinte:

1 – A COMODANTE, cede a título gratuito, ao COMODATÁRIO, parte de um terreno, de sua propriedade para fim exclusivo de ampliação da sede do SEAME, Serviço de apoio ao menor.

3 – O contrato terá início no dia 25 de março de 2003, vigorando pelo prazo de 99 anos.

5 – O COMODATÁRIO somente poderá utilizar o imóvel para fins descritos na cláusula primeira e parágrafos, não podendo locá-lo ou cedê-lo a quem quer que seja e sob qualquer título, total ou parcialmente, sem o consentimento expresso da COMODANTE.

7 – Serão de responsabilidade do COMODATÁRIO todas as despesas decorrentes da utilização do imóvel.

¹²⁹ Idem, ibidem.



12. D. Moacyr Vitti e o SEAME, 2003



13. O SEAME em 2010 (vista aérea)

No cotidiano do SEAME quem atua diretamente com os adolescentes são os Orientadores de Medida e o Coordenador. As gestões de Coordenadores do SEAME podem ser analisadas, para efeito de maior compreensão do leitor, segundo uma divisão em períodos.

O primeiro período vai de 1981 até 2004, abrangendo a fundação, a implantação do “Projeto de Liberdade Orientada para Menores Infratores” sob a primeira Coordenadora Angela Maria Nalin dos Santos (1981-1982), sucedida pela Coordenadora Léia Maria Guimarães Rolim (1982-2004). Em 1983 ficaram definidos o nome “Serviço de Apoio ao Menor” e a sigla SEAME. A sede da instituição passou dos fundos da Igreja de São Benedito para a Rua

Prudente de Moraes, 342 até a mudança em 1987 para a Av. Com. Luciano Guidotti, 200, em Piracicaba, onde se encontra até os dias atuais. Esse tempo foi fundamentado pelo ideal ou “sonho” de D. Eduardo Koaik relativo a um serviço de apoio aos “menores infratores” (depois chamados “adolescentes em conflito com a lei”, que podem ou não receber medida socioeducativa), que não precisava tomar grandes dimensões, pautado por algo quase familiar, como se pode conferir pela importância que o Bispo dava à atuação dos Casais Voluntários.

Dom Eduardo falou que não pretende ampliar o trabalho que é realizado pelo SEAME. Lembrou que o menor com o qual devemos trabalhar deve ser aquele que ainda não está estruturado no crime, e que tenha família. Os casais colocaram que, realmente, o trabalho que têm realizado é mais com a família do que com o menor, pois este, raramente é encontrado. (...) Outra sugestão foi quanto a mudança da sede do SEAME¹³⁰.

Nessa gestão de Léia Rolim (imagem 14), que sempre contou com a presença voluntária da psicóloga Leonora Canguçu Lobo da Costa (que se unira ao SEAME antes dela), ocorreu a contratação de diversos técnicos: M. Carmo L. Righeto, assistente social contratada em 1987 (como já relatado anteriormente); Deise Maria Basso, psicóloga, estagiária desde 1987 e, já formada, contratada desde 1988 até 1992 ou 1993, quando deixou a instituição; Beatriz Recchia Deltreggia, assistente social, estagiária desde 1987 e, formada, trabalhando desde 1988 até setembro de 1995, quando deixou a instituição; Ana Lúcia de Oliveira, psicóloga, contratada desde 1994 até 1998, quando deixou a instituição; Juney Micael Ulisses Dionísio, contratado como auxiliar de escritório em junho de 1996; Maria Cecília Pereira Cardoso Zaia, assistente social, contratada em 1997; Rita de Cássia Sgarbiero Cardoso, psicóloga, contratada em abril de 1995; Raul Marques, psicólogo, contratado a 1º. de abril de 1998; Maria Cristina Razera Serignoni, assistente social, contratada a 2 de julho de 2001; Fabiana Piacentini, psicóloga, contratada em março de 2002. Também começaram a ser implantadas diversas oficinas, tendo por monitores profissionais contratados em regime de prestação de serviço para cada uma delas: para a Oficina de Arteterapia, Cássio Padova-

¹³⁰ “SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983”, 19.8.1983, snp.

ni, artista visual e arteterapeuta, desde agosto de 1998; para a Oficina de Alfabetização e Reforço Escolar, desde 1999, Patrícia F. Barbosa, professora de Ensino Fundamental, psicóloga e psicopedagoga; para a mesma oficina, desde 2002, Gilmara Trevizor, professora de Ensino Fundamental. Também ocorreram atendimentos médicos durante seis meses em 2001, pelo Dr. Josemar de Lima Oriani.

Naqueles tempos era marcante a atuação dedicada, solícita, muito além do que o cumprimento de horários formais de uma instituição. Léia Rolim reunia as qualidades de dar o exemplo em qualquer situação, saber ordenar as atividades, ser amável com todos e firme nas decisões, o que, como se pode imaginar, sobrecarrega qualquer pessoa. Como diversas pessoas entrevistadas relataram ao autor, “Léia poupava os técnicos de muita coisa”. Na sua gestão tudo era produtivo e todos os entrevistados relataram que “aprenderam muito”, sempre com muita gratidão para com a pessoa dela. Raul Marques assim a definiu:

Além de ter sido professora na Faculdade de Serviço Social de Piracicaba, ela foi uma grande ‘professora’ no SEAME. Ensinou-me a atender profissionalmente a população da entidade. Ela se entregava para o trabalho. Se a gente pode dizer, ela era um pouco a ‘alma’ do SEAME¹³¹.



14. Léia Rolim, Coordenadora do SEAME (1982-2004)

¹³¹ Depoimento citado, 18.10.2015.

Em síntese, foi na gestão de Léia Rolim que se estruturou o trabalho desenvolvido pelo SEAME: acompanhamento psicossocial individual com o adolescente e responsáveis; visitas às famílias por Casais Voluntários; reuniões mensais com mães; reuniões mensais com mães de internos na FEBEM; transporte de mães para as Unidades de Internação da FEBEM em São Paulo (SP) e outras cidades; oficinas diversas; reuniões quinzenais com os Casais Voluntários; reuniões semanais com a Equipe Técnica; visitas domiciliares dos técnicos e dos Casais Voluntários às famílias dos adolescentes¹³². Portanto, as características decisivas desse período foram a implantação da instituição e a credibilidade junto aos órgãos judiciais e municipais e também junto à FEBEM, depois chamada Fundação CASA. Como já mencionado acima, cada adolescente recebia duplo atendimento, passando por dois técnicos, uma assistente social e um(a) psicólogo(a) e esse “era um serviço muito diferenciado, porque se não fazia vínculo com um, fazia com outro, ou com a merendeira”¹³³, recordou Raul Marques. Apesar disso, cabe notar que os técnicos formavam um corpo distinto, ao qual não estavam melhor integrados o auxiliar de escritório e a funcionária dos serviços gerais e da cozinha; por outra parte, existiam reuniões com todos os funcionários, para revisão de pontos positivos e negativos¹³⁴. A Equipe Técnica era muito unida e envolvida com a causa do “menor” e, como as verbas eram insuficientes, faziam-se promoções (pizza, feijoada, jantar dançante, etc.), nas quais a Equipe Técnica e os voluntários trabalhavam, assim como na Festa das Nações. Havia reuniões proveitosas para a Equipe Técnica com a psicóloga Leonora Canguçu Lobo da Costa. Deise Maria Basso avalia:

Eu era estagiária e depois recém formada. Tive uma experiência valiosa com a Equipe Técnica (Léia, Carmo, Leonora, Bia), depois as estagiárias do Serviço Social (Marta, Sandra) e d. Lazinha. Eu fui muito bem recebida, aprendi muito com essa equipe, com os adolescentes. Era uma equipe que funcionava, tinha uma coesão. Léia e Leonora tinham experiência, eram pessoas idôneas. Quan-

¹³² Segundo a carta citada de Léia M. G. Rolim, 31.3.2016.

¹³³ Idem, *ibidem*.

¹³⁴ Segundo o depoimento de Juney Micael Ulisses Dionísio, Coordenador Administrativo do SEAME, ao autor no SEAME, Piracicaba, 6.1.2016.

do entrei, a equipe já estava formada, os problemas eram de falta de verba. O funcionamento era de uma “riqueza”. Eu tive sorte; foi muito dolorido sair do SEAME¹³⁵.

Marta Guimarães Doná – que conheceu Léia depois de seu período como Coordenadora, quando ainda se manteve na instituição como assistente social – observou que ela teve papel fundamental em sua formação profissional e, mais tarde, num plano pessoal:

A Léia é assistente social de formação e, de coração, educadora. Ela teve quatro filhos, trabalhava no SEAME, dava aulas, viu o ECA nascer, fez parte do Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) e era extremamente gabaritada como professora do Serviço Social.

Eu era uma pessoa muito tímida e ela sempre me acolheu, sempre me conduziu no meu caminho – essa liberdade de escolha (que eu tive no caminho com a ajuda da Léia e da Cristina) me ajudou a ser quem eu sou hoje no campo profissional e pessoal. Ela sempre foi referência para mim. E, apesar de ser uma pessoa religiosa, soube sempre discernir o sentido técnico da atuação institucional, que fez com que o SEAME desse certo¹³⁶.

Por sua vez, Maria do Carmo L. Righeto, atual Coordenadora Técnica do SEAME, considera:

Léia deu a oportunidade a muitos profissionais de ingressar na atividade logo após saírem da Faculdade. O seu coração generoso, sua competência e habilidades como Coordenadora do SEAME fizeram com que se construísse um alicerce forte de entidade pautada na ética, credibilidade e idoneidade que permanecem até hoje. Léia é o pilar mestre do SEAME.

Ela me ajudou enquanto pessoa e enquanto profissional¹³⁷.

Após vinte anos como Coordenadora do SEAME, Léia M. G. Rolim deixou o cargo em junho de 2004, após sua aposentadoria, mas permaneceu na instituição como assistente social até julho de

¹³⁵ Depoimento citado, 16.3.2016.

¹³⁶ Depoimento de Marta Guimarães Doná, ex-Orientadora de Medida do SEAME, ao autor, Piracicaba, 6.3.2016.

¹³⁷ Depoimento de Maria do Carmo L. Righeto, 15.3.2016.

2007 e durante alguns anos foi voluntária na montagem da biblioteca da mesma entidade¹³⁸.

O segundo período se estende de 2004 até julho de 2013, sob a Coordenadora Maria Cecília Pereira Cardoso Zaia, assistente social de formação. Trabalhara diversos anos sob a coordenação de Léia M. G. Rolim no SEAME; tanto a primeira como a segunda, quando ocuparam o citado cargo de liderança com suas inúmeras atribuições, ainda se mantiveram temporariamente atendendo alguns adolescentes. Cecília era emotiva, expressiva, gestual, expansiva e facilitadora de contatos, de modo que os adolescentes a estimavam muito. Ela testemunhou:

Durante todos os anos que atuei como técnica da entidade (como orientadora e coordenadora), procurei me colocar no lugar daqueles a quem eu atendia, fundamentando o serviço no carinho e atenção. Pois só assim acredito conseguimos compreender e respeitar as dificuldades vivenciadas pelos atendidos¹³⁹.

Quando ainda não era Coordenadora, atendeu (em parceria com Raul Marques) o adolescente W., encaminhado à instituição com medida socioeducativa de L. A., que se recorda com carinho:

Para mim ela foi uma ótima pessoa. Ela me ajudou muito. Lembro que quando eu cheguei lá, eu chorava de medo de ser mandado para a FEBEM e ela me colocou num canto e me disse que eles estavam ali para me ajudar. Teve uma época que eu não tinha nada em casa, eu morava com a minha tia e ela me mandou cesta básica. A Cecília foi uma segunda mãe para mim, ali. Minha mãe morreu quando eu tinha doze anos de idade e eu fui morar com a minha tia. O que ela (Cecília) podia fazer ela fazia, ajudava todo mundo, não era um¹⁴⁰.

¹³⁸ Segundo a carta citada de Léia M. G. Rolim, 31.3.2016.

¹³⁹ Carta enviada ao autor, Piracicaba, 30.11.2015.

¹⁴⁰ Depoimento de W.R. R. L., ex-atendido pelo SEAME, ao autor, Piracicaba, 17.1.2016.



15. Construção do Espaço Operacional “D. Eduardo Koaik”, 2004



16. Construção da quadra poliesportiva, 2005

“Um coração imenso”, como a definiu Raul Marques¹⁴¹. E era uma pessoa que retomava pontos de conflito, rediscutindo questões que pudessem haver gerado mágoas. Foi em sua gestão que, devido às mudanças normativas, a sigla SEAME passou a significar Serviço de Apoio ao Adolescente com Medida Socioeducativa e os técnicos (assistentes sociais e psicólogos) passaram a ser denominados Orientadores de Medida. Ocorreu um crescimento numérico dos adolescentes enviados ao SEAME, agora com um perfil que sempre mais se definiu na linha de um envolvimento com o tráfico e um desinteresse pelo conhecimento em geral. Como resposta a isso e por ser uma gestão em que se alcançou maior estabilidade financeira, o SEAME começou a contratar novos Orientadores de Medida. Graças a financiamentos diversos (Pró-Vida, MPK da Alemanha, Aprilanti) e à verba obtida na Festa das Nações, tudo com aprovação e permissão do Bispo D. Moacyr José Vitti¹⁴², o SEAME ampliou suas dependências, construindo em cerca de um ano o Espaço Operacional “Dom Eduardo Koaik” (imagens 15 e 16), uma nova ala composta de salas (térreo) e da quadra poliesportiva coberta (piso superior), cuja inauguração ocorreu a 30.11.2005, com a presença do Bispo e demais homenageados com nomes aplicados a salas (Léia M. Guimarães Rolim, Leonora Canguçu Lobo da Costa e Vergílio de Souza e Silva), além de grande número de Casais Voluntários e demais pessoas. Essa nova construção permitiu que os técnicos contassem com maior número de salas, uma para reuniões da Diretoria com a Equipe Técnica e outra para as Reuniões de Mães, bem como salas para as Oficinas de Artesanato, Arteterapia, Cabelo e Informática e, no piso superior, a quadra poliesportiva coberta para a Oficina de Esportes; além disso, ao fundo, uma ampla cozinha, com espaço para atuação de várias pessoas, dinamizando as festas que o SEAME promove para angariar recursos. Como consequência geral, diminuiu a concentração de pessoas que ocorria na ala antiga (casa da entrada), seja dos funcionários, seja dos adolescentes esperando a sua vez de conversar com os Orientadores de Medida e isso beneficiou os atendimentos; também os preparos das festas ficaram

¹⁴¹ Depoimento citado, 18.10.2015.

¹⁴² Segundo o depoimento citado de Maria Cristina Razera Serignoni, 13.4.2016.

mais facilitados e as oficinas puderam ocorrer com maior tranquilidade. Além disso, sob a coordenação de Cecília Zaia, eram atendidas com prontidão memorável as solicitações dos monitores das oficinas ou dos Orientadores de Medida para benefício dos adolescentes.

Ana Regina Z. Everaldo, já citada e Supervisora das Medidas em Meio Aberto da FEBEM/Fundação CASA de 1999 até 2006 (imagem 17), observou:

Cecília teve a “sacada” de compreender que o trabalho precisava avançar para atender a necessidade do usuário e sua família. Ela deixou o outro – externo ao SEAME – auxiliar no trabalho. Existia um trabalho já programado, padronizado e era difícil conduzir isso para todos os adolescentes. Ela participava, deixava a Equipe Técnica participar dos eventos da Fundação CASA, discussões de trabalho técnico além do município de Piracicaba e essas reuniões se davam em Campinas, São Paulo, etc., programando a supervisão em técnica e administrativa. Ela conduziu o trabalho técnico para mais perto da realidade, a ponto de repensar as oficinas, trazendo mais conteúdo para o adolescente.

O PIA (Plano Individual de Atendimento), proposto pela Fundação CASA, começa a ser aplicado na gestão da Cecília, com a futura adesão da Equipe Técnica. Cecília disponibilizava para a minha supervisão técnica e financeira dois a três dias na semana. Ela avançou mostrando o trabalho do SEAME para municípios da região¹⁴³.

Também Maria do Carmo L. Righeto (atual Coordenadora Técnica do SEAME) considerou:

Cecília deu um novo formato para a equipe do SEAME, em que ocorreu maior participação dos profissionais na dinâmica da entidade, além de seu bom humor contagiar a todos, promovendo inclusive novas parcerias com a rede socioassistencial. Envolvia-se também “por inteiro” no trabalho do SEAME, sem preocupação com dias e horários.

Cecília me ajudou no meu crescimento profissional¹⁴⁴.

¹⁴³ Depoimento citado ao autor, 6.4.2016.

¹⁴⁴ Depoimento citado de M. Carmo L. Righeto, 15.3.2016.



17. Ana Regina Everaldo (FEBEM) e Cecília Zaia, Coordenadora do SEAME (2004-2013)

Em 2010, a questão da possível municipalização do SEAME trouxe muita insegurança quanto à permanência dos funcionários. Nesse contexto é que o SEAME criou o Projeto Preventivo (2011), do qual se falará mais adiante.

Na gestão de Cecília Zaia foi recebida como estagiária do Curso de Serviço Social Marta Guimarães Doná, desde maio de 2004 até janeiro de 2006 e, uma vez já concluída sua graduação, foi contratada como Orientadora de Medida em abril de 2006. Em março de 2006, a Orientadora de Medida Maria Cristina Razera Serignoni deixou a instituição, retornando em março de 2007 e permanecendo até dezembro do mesmo ano, quando se afastou por motivo de saúde e deixou definitivamente o SEAME em setembro de 2009. Em novembro de 2006, Sebastiana Aparecida Amaral Pinson foi contratada para a função de Serviços Gerais. Em março de 2009 começou a atuação de Antonio dos Santos Junior, da Guarda Civil Municipal. Em 2010 a psicóloga Ana Lúcia de Oliveira retornou à instituição como Orientadora de Medida, permanecendo até 2012. Em abril de 2011, a Orientadora de Medida Rita de Cássia Sgarbiero Cardoso

deixou a instituição. No mesmo ano de 2011 Patrícia Fernanda Barbosa, psicóloga e psicopedagoga de formação, foi contratada especificamente para a implantação do Projeto Preventivo.

Em outubro de 2011 foram contratados, como Orientadores de Medida, Igor Schiavuzzo Bernardi, psicólogo de formação e Priscila Zanardo, assistente social de formação, trabalhando em parceria com os outros técnicos do SEAME na elaboração da pesquisa e do texto intitulados “Avaliação Referente ao Impacto das Intervenções Institucionais – período 2005-2010”, com o objetivo de averiguar o impacto das ações institucionais junto a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa; a redação das mais de cinquenta e sete páginas ficou pronta ainda em 2012. Priscila e Igor fizeram juntos as visitas nas casas dos adolescentes¹⁴⁵, enquanto que a pesquisa envolveu todos os técnicos, os quais apresentaram textos com informações sobre assuntos diversos ligados à pesquisa. Patrícia F. Barbosa fez o fechamento. A redação final saiu sem autor específico, apenas ficando subentendido que o SEAME havia realizado a pesquisa.

Marta G. Doná, acima citada, deixou a instituição a 31.7.2012: “Eu saí do SEAME, mas o SEAME não saiu de mim”¹⁴⁶. Depois ocorreram novas contratações para cargos de Orientadores de Medida: a de Fábio Dias da Silva, psicólogo de formação, a 4 de outubro de 2012, a de Daiane Monique de Castro Tolotti, assistente social de formação, em janeiro de 2013, sendo a última contratação a de Ana Luísa Botezeli, a 1^o.7.2013, assistente social de formação. A instituição crescera em função do número cada vez maior de adolescentes enviados, perdendo a feição familiar dos inícios e ocorreram desencontros entre a Equipe Técnica e a Diretoria Executiva. Por fim, em situações desagradabilíssimas que não cabem aqui ser elencadas, “apesar de sua honestidade e dedicação”¹⁴⁷, Maria Cecília P. C. Zaia teve suas atividades encerradas no SEAME a 17.7.2013 e, note-se, sua saída foi precedida solidariamente pela de dois membros da Diretoria Executiva da instituição e pela posterior de Raul Marques,

¹⁴⁵ Segundo o depoimento de Priscila Zanardo, ex-Orientadora de Medida, ao autor, Piracicaba, 3.11.2015.

¹⁴⁶ Depoimento citado, 6.3.2016.

¹⁴⁷ Depoimento citado de Rubens José Storer, 16.3.2016.

tudo isso deixando marcas indelévels. A unidade da Equipe Técnica ficou comprometida, pois não havia concordância com a forma de desligamento no caso de Maria Cecília P. C. Zaia.

O breve espaço intermediário – ocorrido de agosto até o final de 2013 – foi marcado por propostas de mudanças, incertezas e conflitos. Foi um período transitório delicado sob a coordenação interina de Patrícia Fernanda Barbosa, psicóloga e psicopedagoga de formação e que possibilitou diálogos (imagem 18). Nesse tempo é que o Orientador de Medida Raul Marques, teve suas atividades encerradas na instituição, a 31 de outubro de 2013. Por outro lado, Lenice Belemel da Mota (Lê) foi contratada a 22.11.2013 para Serviços Gerais. Ao final do ano, Patrícia deixou o cargo interino e sua atuação no Projeto Preventivo e foi contratada no segmento da PASCA intitulado “Família Acolhedora”. Em seguida, convidou Priscila Zanardo para trabalhar em sua companhia no citado segmento e obteve resposta favorável; sua transferência, em dezembro de 2013, foi possível em virtude de o SEAME e a “Família Acolhedora” serem cada qual uma UPS da PASCA¹⁴⁸.



18. Patrícia F. Barbosa, Coordenadora do SEAME (2013) e uma adolescente do Projeto Preventivo

¹⁴⁸ Segundo o depoimento citado de Priscila Zanardo, 3.11.2015.

O ano de 2013 apresentou também uma situação externa delicada, porque, com o estabelecimento da Vara da Adolescência e Juventude em Piracicaba, ocorreu uma dinamização dos processos socioeducativos enviados ao SEAME, determinando um aumento de 150% de adolescentes para serem atendidos¹⁴⁹. Isso motivou em setembro a contratação de quatro Orientadores de Medida em caráter emergencial, custeados pela Diretoria do SEAME: Ana Flávia Bianco, psicóloga de formação, Andressa Bottene Frigato, assistente social de formação, Gustavo Nazato Valentinuci, psicólogo de formação e Maria Renata Pacheco Alleoni, assistente social de formação (a qual depois passou a atuar no Projeto Preventivo). Com o tempo, essas contratações emergenciais se tornaram garantidas porque: Andressa ocupou o cargo de Raul Marques; a Prefeitura Municipal de Piracicaba garantiu recursos para o pagamento de dois Orientadores de Medida, no caso, Ana Flávia e Gustavo; por sua vez, Renata ocupou um lugar no Projeto Preventivo do SEAME, visto que Patrícia F. Barbosa se havia transferido para a “Família Acolhedora”, conforme já esclarecido acima.

A pedido do autor, Patrícia Fernanda Barbosa redigiu considerações sobre sua gestão numa carta¹⁵⁰, abaixo transcrita na íntegra:

Estou escrevendo para contar sobre o período em que estive na coordenação interina do SEAME. As circunstâncias que me levaram a aceitar esta função foram difíceis para todos os envolvidos, seja para os membros da Diretoria Executiva, funcionários e ex-funcionários. Os desacordos entre Diretoria Executiva e coordenação impactaram a todos ocasionando a desunião da equipe. Fui envolvida nessa situação desagradável da mesma forma que outros funcionários o foram, me sentia culpada por algo que avalio não ter feito e, ao ser convidada para assumir interinamente a coordenação vislumbrei a oportunidade de ajudar o SEAME a resgatar valores perdidos ao longo do tempo.

Sou do tempo em que o SEAME representava a “mãe” carinhosa e o “pai” zeloso, sou do tempo em que os “meninos” voltavam já homens feitos para contar suas conquistas, enfim, sou do tempo em que a crença na superação humana imperava entre os orientadores de medida. Mas, também estive em um SEAME em que as circunstâncias sociopolíticas e os trâmites legais assassinaram as

¹⁴⁹ Segundo o depoimento citado de Fábio Dias da Silva, 17.9.2015.

¹⁵⁰ Carta ao autor, Piracicaba, 8.3.2016.

esperanças dos técnicos e o SEAME representava o “senhor” juiz como muitas vezes vi retratado nas falas de alguns jovens.

Percebo que em minha trajetória pelo SEAME me senti muito feliz pela possibilidade de fazer a diferença na vida de alguns jovens, mas também senti meus sonhos sendo sufocados quando era “obrigada” a assumir uma fala institucionalizada. Muitas vezes, me peguei tentando ressignificar minhas práticas e relevar situações coletivas que impactavam negativamente sobre mim.

A proposta de assumir a coordenação do SEAME me “pegou” em meio a essa crise, de imediato meu ímpeto foi o de negar, porém, as condições que propus foram aceitas pela Diretoria Executiva e decidi atender ao convite. Minhas condições, expostas diante de toda equipe no momento da proposta, foram:

1. Assumiria interinamente até dezembro/2013, pois já havia me comprometido a assumir a coordenação do serviço de famílias acolhedoras que na verdade era algo que muito desejava fazer.
2. Somente assumiria a coordenação técnica, pois não via possibilidade de ser coordenadora administrativa concomitantemente.

Foi perante essas condições que estive na coordenação do SEAME. Lembro que, nos primeiros dias enfrentei muita hostilidade por parte de alguns funcionários que me viam como traidora e, por outro lado, recebi muito apoio de outros que acreditavam haver necessidade de mudanças e depositavam em mim suas esperanças. Inicialmente, em razão de uma atitude defensiva, acreditava que aqueles hosts não conseguiam avaliar o quanto o SEAME havia abandonado seus princípios fundamentais, porém com o correr dos dias pude perceber que seria possível resgatar tais princípios, pois em ambos os grupos encontravam-se profissionais desejosos de fazer o melhor. Entendi que deveria investir em ações que permitissem o diálogo entre todos os componentes da comunidade do SEAME. Acreditei que encontraríamos o sentido de comunidade com a promoção do outro à categoria de próximo, como assim apregoam as diretrizes idealizadas por Dom Eduardo.

A falta de coesão entre a equipe técnica, demais funcionários e Diretoria Executiva se mostrava muito evidente. Nesse contexto, o papel da coordenação técnica era o de promover o diálogo entre todos e favorecer o desenvolvimento de relacionamentos mais harmônicos por intermédio de ações que resgatassem e fortalecessem os principais fundamentos do serviço embasados, principalmente, na crença da superação humana.

Os momentos difíceis podem oportunizar a união entre pessoas que comungam dos mesmos objetivos, foi essa crença que me respaldou e me guiou durante esses poucos meses. Sentia-me responsável por facilitar a melhoria das relações internas do SEAME que incidiam e impactavam no atendimento ofertado aos usuários do serviço. Neste sentido, procurei deixar bem claro que não era a coordenadora, mas sim estava como coordenadora. Procurei, em diversas oportunidades, garantir o protagonismo da equipe diante das decisões técnicas.

O aumento dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa foi um dos maiores desafios objetivos desse período, desafio importante para a afirmação das diretrizes do serviço e para direcionar as orientações técnicas ao fortalecimento das ações do SEAME enquanto serviço executor de medidas socioeducativas em meio aberto de Piracicaba e região. Importante ressaltar, que foi neste período em que foram propiciadas discussões, em inúmeras ocasiões, acerca da inusitada situação do serviço com a Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social – SEMDES – e com a Vara da Infância e Juventude na pessoa do Dr. Rogério de Toledo Pierri. Tais discussões objetivaram firmar o papel do SEAME garantindo os direitos dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa e promovendo melhores condições de trabalho aos orientadores de medida. Houve destaque especial à relevância dos serviços prestados pelo SEAME e à importância de seguir as orientações técnicas do SINASE para execuções das ações direcionadas aos jovens atendidos pelo serviço. Após vários episódios de discussões acirradas, principalmente com a SEMDES, foi possível a ampliação do quadro de orientadores de medida com as contratações efetivas de Ana Flávia, Andressa, Gustavo e Renata.

Um período turbulento, porém rico em aprendizagem e afirmação dos preceitos fundantes do SEAME para todos os envolvidos. Período fortemente marcado por reflexões e negociações internas e externas. Internas envolvendo componentes da equipe técnica, funcionários, componentes da Diretoria Executiva e externas envolvendo a Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social e a Vara da Infância e Juventude.

Muito me preocupava a brevidade da minha gestão e a ausência de um coordenador efetivo, deste modo procurei na equipe técnica um profissional que pudesse dar prosseguimento às ações que eu havia iniciado. Sempre vi na Maria do Carmo a pessoa ideal para assumir esta função, porém ao consultá-la não obtive sucesso. Maria do Carmo desde o início se apresentou solícita,

mas dizia que não se via em condições para assumir a coordenação mesmo quando eu lhe dizia o quanto ela seria a pessoa ideal para tal, pois trazia consigo a história do SEAME.

Passei a buscar alguém que ao mesmo tempo tivesse a simpatia da Diretoria Executiva e o apoio da equipe técnica e demais funcionários, percebi que o orientador de medida Fábio poderia ser essa pessoa. A sugestão do psicólogo Fábio foi articulada por mim junto à Diretoria Executiva e funcionários, Fábio se mostrou relutante a princípio, porém aceitou minha argumentação de que ele poderia representar um ponto de equilíbrio para as relações entre os segmentos que compõem o SEAME.

Como já disse, esse período na coordenação do SEAME foi muito difícil, porém foi muito importante para meu processo formativo. Aprendi a acreditar na potencialidade coletiva de superação, aprendi que valores podem ser resgatados e, principalmente, aprendi que ideais nunca morrem quando são verdadeiros.

O terceiro período foi iniciado em janeiro de 2014, mantendo dois gestores – como na Coordenação interina de Patrícia Fernanda Barbosa – ou seja, um Coordenador Técnico, Fábio Dias da Silva, psicólogo, artista gráfico e arteterapeuta de formação (imagem 19) e um Coordenador Administrativo, Juney Micael Ulisses Dionísio, formado em Ciências Contábeis (imagem 20). Fábio Dias da Silva se recorda de que recebeu o convite da Diretoria Executiva para assumir a Coordenação e teve a “bênção” (expressão dele) das Coordenadoras anteriores Léia M. Guimarães Rolim e M. Cecília P. C. Zaia¹⁵¹. A coordenação da Festa das Nações ficou a cargo da Diretoria Executiva e da Equipe Técnica¹⁵². A tarefa imediata, como no período intermediário, foi a de continuar promovendo o diálogo e a ordenação das situações de conflito e insegurança que haviam resultado na fragmentação da noção de todo na Equipe Técnica. Ao mesmo tempo, a coordenação específica no setor administrativo manteve a preocupação em garantir a continuidade de um bom andamento financeiro, lembrando que já no segundo período o mesmo J. Micael Ulisses Dionísio era o responsável por esse setor, o da prestação de contas, contabilidade, etc. A atual Coordenação Administrativa gerencia o setor de Recursos Humanos (relógio-ponto,

¹⁵¹ Segundo o depoimento de Fábio Dias da Silva, 24.2.2016.

¹⁵² Idem, *ibidem*.

pagamento, atestado médico, férias, etc.) e ainda a contabilidade, o setor bancário, a cotação de preços e de compra de materiais, bem como a prestação de contas à Prefeitura Municipal de Piracicaba (SEMDES) dos recursos recebidos pela instituição¹⁵³.



19. José Luiz Camolesi (Presidente da Diretoria Executiva do SEAME), Fábio Dias da Silva (Coordenador do SEAME, 2014-2016), funcionárias do SEAME e uma adolescente na inauguração da sala do Projeto Preventivo

Aos poucos se configura um novo perfil do SEAME, como instituição que cresceu; embora D. Eduardo Koaik houvesse aconselhado desde o início que o SEAME “não quisesse crescer”¹⁵⁴, deve-se considerar que a criminalidade no Brasil aumentou significativamente nas últimas décadas e que isso obrigou o SEAME a “crescer”¹⁵⁵. A presença de dois gestores, o relógio-ponto com digitais dos funcionários (que a Diretoria Executiva implantou), os adolescentes em maior número e a necessidade de um quadro maior de Orientadores de Medida, uma situação financeira mais tranquila (como consequência das administrações financeiras anteriores),

¹⁵³ Segundo o depoimento de Juney Micael Ulisses Dionísio, 18.11.2015.

¹⁵⁴ Segundo o depoimento citado de Vergílio de Souza e Silva, 20.8.2015.

¹⁵⁵ Idem, ibidem.

são elementos presentes nessa nova identidade, para corresponder à demanda da contemporaneidade. A credibilidade da instituição facilitou a modernização, pois grupos de empresários passaram a acreditar no trabalho do SEAME, tanto participando diretamente na instituição como tendo participação em eventos; ocorrem doações de empresas; há um perfil com mais organização em escritas, sistematização/informatização, facilitando a ampliação do trabalho¹⁵⁶.



20. Micael Ulisses Dionísio, Coordenador Administrativo do SEAME desde 2014

No terceiro período, a Orientadora de Medida Fabiana Piacentini teve suas atividades encerradas na instituição em maio de 2014 e ocorreram as contratações de Joelma Aparecida da Silva Monteiro, assistente social de formação (janeiro de 2014), de Gláucia Rechia Pereira, psicóloga de formação (julho de 2014), Maisa Santiago, psicóloga de formação (agosto de 2014) e de Leonardo Verdicchio Paiva, assistente social de formação (agosto de 2014) para os cargos de Orientadores de Medida. Mais duas psicólogas de formação foram contratadas em janeiro de 2016 como Orientadoras de Medida:

¹⁵⁶ Segundo o depoimento de João Carlos dos Santos, membro da Diretoria do SEAME, ao autor no SEAME, Piracicaba, 6.1.2016.

Beatriz Maria Ferrari e Paula Batistela. Além dos acompanhamentos de medidas, resgataram-se atividades diferenciadas para os adolescentes: a Oficina Pedagógica, tendo como monitora a pedagoga Angélica Lavorenti e promovida pelo Projeto Preventivo, embora aberta a alguns adolescentes em medida socioeducativa e também a Oficina de Cabelo, tendo como monitor o cabeleireiro Robson da Silva. Desde 2014 se deu o estabelecimento para os técnicos de uma rotina semestral de levantamento de dados quali-quantitativos da população atendida pelo SEAME, com a elaboração de relatórios gerais. Um de seus direcionamentos na Coordenação Técnica foi implantar os avanços administrativos que a Diretoria Executiva visualizava para a instituição, sem perder o espírito do qual o SEAME se originou. Por isso, implantou uma formação continuada para os técnicos com recursos da própria instituição, estimulando palestras de fortalecimento técnico (com Raul Marques, psicólogo), sensibilização (com Cássio Padovani, da Oficina de Arteterapia) e um grupo coordenado pela psicóloga Leonora Canguçu Lobo da Costa. Ao mesmo tempo, a instituição conheceu também um maior investimento em recursos tecnológicos para os funcionários (telefone em rede de PABX, internet banda larga, sistema informatizado de banco de dados, etc.).

Em paralelo a esse terceiro período, ocorreu uma renovação do quadro de membros da Diretoria do SEAME e a presença frequente deles no cotidiano da instituição, dinamizando contatos, diálogos e esclarecimentos. O Coordenador Técnico Fábio Dias da Silva deixou a instituição em março de 2016.

O quarto período foi iniciado ainda em março de 2016, tendo como Coordenadora Técnica Maria do Carmo Latanze Righeto, assistente social de formação (imagem 21) e como Coordenador Administrativo Micael Ulisses Dionísio, no cargo desde o período anterior. Recorde-se que – junto com a voluntária Leonora Canguçu Lobo da Costa e o Casal Voluntário Vergílio e Teresinha Colombo Silva – Maria do Carmo é uma das mais antigas pessoas vinculadas à instituição, contratada desde 1987, tendo conhecido quase todas as gestões anteriores. Os desafios que se colocam ao SEAME nas condições atuais são: manter fortalecida a unidade da Equipe Técnica, evitar a mecanização nos atendimentos, orientando os novos profissionais para uma sintonia com o “sonho” de Dom Eduardo Koalk, ou seja, com o espírito original da instituição, que é a huma-

nização dos atendimentos. Pelo fato de Maria do Carmo L. Righeto assumir a Coordenação Técnica, sua vaga de Orientadora de Medida foi ocupada por Gislaíne de Fátima Catarino, assistente social de formação, contratada a 1º.3.2016.



21. Maria do Carmo Latanze Righeto, Coordenadora Técnica do SEAME, 2016

Também cabe observar que, embora o órgão gestor do SEAME seja desde 2010 a SEMDES (Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social), foi a partir de 2014 que a relação se estreitou num sentido de maior parceria, marcada pela elaboração do Plano Municipal de Atendimento Socioeducativo (PMASE), com estratégias para o decênio de 2014 a 2024, cuja proposta está voltada para as medidas socioeducativas. O SEAME apresenta à SEMDES, conforme solicitação desta, um relatório mensal de prestação de contas (“Consubstanciado”) sobre os adolescentes em atendimento, ou que foram desligados, que frequentaram as oficinas, como também sobre as reuniões internas e externas da Equipe Técnica, etc. O Coordenador Administrativo também efetua a prestação de contas à SEMDES, considerando que tanto a verba estadual quanto a municipal chegam ao SEAME através da

SEMDES¹⁵⁷. Nas gestões de Léia M. Guimarães Rolim e de M. Cecília P. C. Zaia a verba recebida era enviada pelo Estado, através da FEBEM e a prestação de contas era para a FEBEM¹⁵⁸.

Como decorrência dos trinta e cinco anos de existência da instituição e dos acontecimentos que desde 2013 determinaram uma nova orientação, havia a necessidade de um “sonho” que – assim como o de D. Eduardo fundamentando a implementação do SEAME – pudesse corresponder às necessidades e propostas atuais e incentivar a Equipe Técnica ampliada a ter esperança de que a transformação do adolescente seja ainda possível. Então uma pessoa externa ao SEAME e que em seguida veio a fazer parte do corpo de Orientadores de Medida, numa noite em que dormia, teve um sonho muito significativo, que foi relatado durante a escrita deste livro ao autor, com acordo de que a identidade da pessoa fosse preservada. Assim, no texto abaixo essa pessoa será chamada de “sonhador”, independentemente de ser homem ou mulher.

O sonhador se via percorrendo uma estrada de terra. Era de manhã cedo, nascendo o Sol, num espaço amplo e natural. À sua esquerda havia um morro de terra vermelha com alguns pés de mato de folhas largas e à direita havia capim com flores em branco-rosado e o Sol nascia desse lado atrás da névoa. Nos matos da esquerda havia gotas de orvalho, que escorriam das folhas e paravam nas suas pontas. Eram gotas redondas, limpas, transparentes, dando até para ver o verde das folhas através delas. O sonhador pegava na palma da mão as gotas, que se transformavam em pedras preciosas. Uma voz jovem, atrás do sonhador, lhe disse então: “Pode pegar, são diamantes”. Quando pegou uma gota maior, ela de imediato se transformou num adolescente.

Nas imagens oníricas aparecem a terra e a vegetação com gotas de orvalho no lado esquerdo, menos consciente e mais frio e a terra pode ser interpretada como princípio feminino, materno e subjetivo. No lado direito, mais consciente, superando a névoa das dúvidas, o Sol nascente pode ser interpretado como princípio masculino, paterno e objetivo e, por sua vez, as flores branco-rosadas como a vida que se manifesta, desabrocha, ilumina e se realiza. Nesse balanço entre

¹⁵⁷ Segundo o depoimento citado de Junej Micael Ulisses Dionísio, 6.1.2016.

¹⁵⁸ Idem, ibidem.

feminino e masculino é que os Orientadores de Medida desenvolvem sua atuação, ora com amabilidade acolhedora e subjetiva, ora com firmeza objetiva que dá limite. Desse modo, os adolescentes podem ser transformados do estado líquido, puro e suscetível a se amoldar a qualquer situação boa ou má, para o estado sólido, estruturado e ainda transparente, precioso e lapidado. Por fim, um detalhe significativo e premonitório: somente quando começou a trabalhar como Orientador de Medida é que o sonhador conheceu e atendeu o adolescente que lhe fora mostrado no final do sonho.

O simbolismo fundamental desse sonho é a transformação, a lapidação possível no caminho da existência do próprio sonhador e também a transformação e lapidação possíveis às crianças e aos adolescentes que passam pelo SEAME. Parece que, no terceiro período do SEAME, o “sonho” de acreditar que também nos tempos atuais é possível a transformação da vida dos adolescentes (inseridos no contexto de uma sociedade de famílias desfeitas, de grandes desníveis sociais, tráfico de drogas e incessante violência) vem corroborar e complementar o “sonho” inicial de D. Eduardo Koaik, pastor e pai solícito com os “menores” de seu rebanho. Mesmo crescendo a instituição, que não se perca esse fio condutor, essa orientação.

Os Orientadores de Medida

O corpo de profissionais conhecido como “Orientadores de Medida” é composto por assistentes sociais e psicólogos. O Orientador de Medida é o elo de ligação entre o adolescente, a família, o Juiz e o Ministério Público, estando em conformidade com o que dispõe o ECA como incumbência desse profissional:

- promover socialmente o adolescente e sua família, fornecendo-lhes orientação e inserindo-os, se necessário, em programa oficial ou comunitário de auxílio e assistência social;
- supervisionar a frequência e o aproveitamento escolar do adolescente, promovendo, inclusive, sua matrícula;
- diligenciar no sentido da profissionalização do adolescente e de sua inserção no mercado de trabalho;
- apresentar relatório do caso¹⁵⁹.

¹⁵⁹ “Estatuto da Criança e do Adolescente”, art. 119, p. 89.



22. Equipe Técnica do SEAME, entre 2002 e 2007

Assim, cabe ao Orientador de Medida receber, dialogar, orientar, acompanhar o adolescente no prazo de três a seis meses para os casos de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) e de seis meses a um ano para os casos de Liberdade Assistida (LA), enviando relatórios ao Juiz da Vara da Infância e Juventude, quando o prazo se extingue. Nesse tempo de acompanhamento, cabe ao Orientador de Medida estabelecer com o adolescente uma sistemática de atendimentos e pactuar as metas a serem alcançadas, objetivando a construção de um projeto de vida; desenvolver um vínculo de confiança; não fazer julgamentos moralistas; propiciar a capacidade de reflexão sobre sua conduta; avaliar periodicamente o seu caminhar. Cada atendimento é individual e consta desde o início de uma anamnese, pela qual se registram informações em forma de documentação e em seguida ocorrem encontros semanais, regulares, para diálogo e acompanhamento (imagem 22).

Logo no primeiro atendimento o Orientador de Medida apresenta e lê com o adolescente as Regras de Comportamento no SEAME, que são retomadas ao longo dos encontros, conforme a necessidade. Essas regras, aplicadas tanto para os Projetos Socioeducativo como Preventivo e ainda para as oficinas, servem como

balizas para o adolescente e para segurança da Equipe Técnica e dos monitores:

1. Cumprir o dia e horário para entrevista;
2. Não é permitido trazer amigos quando vier ao SEAME;
3. Passar pela revista do guarda;
4. Apresentar-se para o atendimento sem ter usado drogas ou álcool (bebida);
5. É proibido portar drogas quando estiver no SEAME;
6. Também é proibido trazer qualquer outro material “estranho” (facas, estilete, chave de fenda, soco inglês, outros);
7. Apresentar-se com roupas adequadas quando vier ao SEAME;
8. Tratar as pessoas com respeito, tendo comportamento adequado na sala de espera;
9. Proibido fumar nas dependências do SEAME;
10. Lavar a louça e evitar desperdício do lanche;
11. Ajudar a manter o SEAME limpo, não jogando lixo no chão;
12. Retirar-se imediatamente após ser atendido, não aguardando ninguém;
13. O SEAME não se responsabilizará por objetos pessoais (bicicleta, bonés, mochilas entre outros);
14. Ao vir de bicicleta, não receberá passe de ônibus;
15. Obrigatório manter desligado o celular durante atendimento;
16. Proibido som alto (música e voz) nas dependências do SEAME.

O Orientador de Medida tem clareza do papel fundamental da formação de vínculo com o adolescente, sem o qual os encontros nunca atingirão o objetivo desejado de possibilitar uma revisão de conceitos e posturas e a reinserção social. Assim é que o profissional, centrado em si mesmo, deve ser receptivo, acolhedor, amigo, mas também objetivo, claro, firme, para que o adolescente tenha onde se apoiar e que esse apoio lhe seja digno de confiança, funcionando como baliza que o corrija quando errar e o auxilie a corrigir o que for preciso. “(...) como eu lhes digo, não estou para os julgar, mas para ser uma ponte para um novo caminho”, definiu uma Orientadora de Medida¹⁶⁰. Em outras palavras, cabe

¹⁶⁰ Depoimento de Daiane M. de Castro Tolotti, Orientadora de Medida, ao autor no SEAME, Piracicaba, 28.5.2015.

(...) investir insistentemente na formação do vínculo afetivo junto a seus orientados de modo a oportunizar a quebra das dificuldades originadas pela esfera coerciva da medida socioeducativa em meio aberto apresentando-se, acima de tudo, como uma importante referência na reinvenção viável de si mesmo¹⁶¹.

Muitas vezes o adolescente não encontra no pai ou no padrasto essa figura que ampara. No geral, a mãe costuma ser mais receptiva, estimuladora e dedicada. O profissional se mantém informado do estado familiar através de visitas regulares à família e as Reuniões de Mães no SEAME também promovem a informação, além de favorecer trocas de experiências entre pessoas cujos familiares estão cumprindo medidas socioeducativas. O vínculo formado com o Orientador de Medida comporta, naturalmente, a possibilidade de “transferência”, ou seja, de uma idealização por parte do atendido em relação ao profissional, envolvendo apego, identificação, busca mais frequente e terá de ser administrada como parte de um processo, sem medo e sem traumas, até que o adolescente possa, com maior consciência, recolher sua projeção. Com inúmeras situações de abandono e desamor, não é de se estranhar que o adolescente possa se identificar com quem o trata com humanidade, solicitude, amor desapegado, orientando-o e dando-lhe limites no desejo de que reconstrua sua vida em caminhos positivos. Mas isso também pode potencializar a dor do adolescente que não recebe amor na família e se manifestar uma transferência da agressividade do adolescente contra o Orientador de Medida.

Doutras vezes o vínculo se forma, o atendimento segue produtivo e, quando ainda não atingiu um ponto de conclusão dos seus objetivos, o prazo da medida socioeducativa se encerra; o adolescente deixa de comparecer ao SEAME e a mudança na sua vida não fica explícita para o Orientador de Medida; a semente, porém, está plantada¹⁶².

Em síntese, o atendimento ao adolescente envolve:

- acompanhamento individual com o Orientador de Medida, semanal, em horário que não coincida com o escolar e havendo flexibilidade quando o adolescente estiver trabalhando ou fazendo um curso profissionalizante;

¹⁶¹ “Avaliação”, op. cit., p. 15.

¹⁶² Segundo o depoimento citado de Gustavo N. Valentinuci, 30.7.2015.

- acompanhamento mensal do mesmo Orientador de Medida com o responsável (difícil, por causa dos horários de trabalho);
- Reunião de Responsáveis, antiga Reunião de Mães, da qual se discorrerá adiante;
- Reunião de Mães da Carona Amiga, para aquelas que têm filhos adolescentes na Fundação CASA fora do município de Piracicaba, sendo que o SEAME graciosamente promove essa viagem. Essa reunião é coordenada por dois Orientadores de Medida. Ainda não ocorrem visitas dos técnicos do SEAME aos adolescentes internados.

Em termos gerais, a abordagem que se faz no SEAME é humanista, não mecanicista – solicitude, cuidado, atenção, contato, o próprio colorido dos objetos nas salas de atendimento dando vida aos ambientes, mais do que o padrão das salas brancas com armários de aço cinzas e, depois da conversa com o Orientador de Medida, o oferecimento do lanche com carinho. Tudo isso acontece não ignorando o aspecto documental, as regras, os limites¹⁶³.

Um aspecto que não deve ser esquecido é o de que o Orientador de Medida toma contato diário com muitas situações desfavoráveis dos adolescentes e suas famílias, inclusive relativas ao crime e à morte; experiencia a frustração diante da doença, da prisão, da morte dos adolescentes¹⁶⁴. Em seus depoimentos, alguns profissionais observaram que o contato com a Equipe Técnica promove o equilíbrio emocional dos Orientadores de Medida¹⁶⁵.

Os atuais Orientadores de Medida do SEAME são: Ana Flávia Bianco, Ana Luísa Botezeli, Andressa Bottene Frigato, Beatriz Maria Ferrari, Daiane Monique de Castro Tolotti, Gislaine de Fátima Catarino, Gláucia Rechia Pereira, Gustavo Nazato Valentinuci, Joelma Aparecida da Silva Monteiro, Leonardo Verdicchio Paiva, Maisa Santiago e Paula Batistela (imagem 23).

¹⁶³ Segundo o depoimento de Maisa Santiago, Orientadora de Medida, ao autor no SEAME, Piracicaba, 17.9.2015.

¹⁶⁴ Segundo o depoimento de Gláucia R. Pereira, Orientadora de Medida, ao autor no SEAME, Piracicaba, 30.7.2015.

¹⁶⁵ Segundo os depoimentos citados de Gláucia R. Pereira e Gustavo Nazato Valentinuci, 30.7.2015.



23. Equipe Técnica do SEAME em 2016

As Reuniões de Mães acima citadas, mais propriamente Reuniões de Responsáveis, vêm ocorrendo mensalmente – conforme o registro das fotografias – ao menos desde 1989. São constituídas por mulheres (mães, avós, responsáveis) em sua maioria, com alguma presença masculina (pais, padrastos, avôs, responsáveis). Têm objetivo de que cada pessoa tome consciência de que o problema que ocorre em sua família não é único e que pode ser enfrentado ao lado das outras famílias e com o apoio da instituição. Desse modo, as reuniões promovem a acolhida, o contato com os técnicos do SEAME, a diluição da vergonha e do mal estar de quem se vê confuso diante da complexidade das leis do ECA e das instituições que a ele estão ligadas; promovem ainda a criação de vínculos e de força coletiva em grupos que chegam até mais de sessenta pessoas, discutindo sobre temas de interesse geral, para ao fim de cada encontro se tomar um lanche ou mesmo cortar um bolo nas proximidades de uma data especial; cada pessoa recebe dois passes de ônibus (um para a volta à casa e outro para vir à próxima reunião). No período atual, cada reunião mensal tem a coordenação de três Orientadores de Medida do SEAME e, devido à mudança do horário de 16 h para 18:30 h efetuada nos últimos anos, a presença masculina aumentou significativamente, porque os homens conseguem chegar à instituição logo que saem do trabalho (imagens 24 e 25).

Nessas reuniões são feitas dinâmicas de grupo e se explanam assuntos diversos; a cada mês são trazidos profissionais como psicólogos, assistentes sociais, profissionais do CEDIC (Centro de Doenças Infectocontagiosas), do Fórum de Piracicaba (Promotoria, Vara da Infância, Defensoria Pública), dirigentes de grupos como Alcoólicos Anônimos, para abordar assuntos como autoestima e afetividade, relações sociais, saúde, direitos e deveres, limites, leis, dependência química, etc. A escolha dos temas e profissionais convidados a palestrar é pautada segundo a demanda que as famílias apresentam nos mesmos atendimentos grupais e nos acompanhamentos dos Orientadores de Medida com os adolescentes.



24. Reunião de Mães com Leonora Canguçu L. Costa no SEAME



25. Reunião de Responsáveis no SEAME, dezembro 2015

Os Casais Voluntários

Visto que D. Eduardo Koaik “dava muito valor à família”¹⁶⁶, desde o início o SEAME contou com a atuação de Casais Voluntários que visitassem com regularidade as famílias dos adolescentes, num sentido de apoio, compreensão, reforço, troca de informações, para que o processo de reintegração do adolescente se desse dentro do contexto familiar. Dom Eduardo “valorizava muito os Casais Voluntários”¹⁶⁷, os quais deveriam ser um exemplo para as famílias e considerava que “era muito difícil o papel deles, porém sempre pautado num espírito cristão de solidariedade”¹⁶⁸. Desde cedo ficou claro para esses homens e mulheres que “(...) o apoio que os casais dão à família e aos irmãos do menor, é algo muito especial e importante. Isso certamente, surtirá efeito sobre o menor”¹⁶⁹. Num depoimento a um jornal de Piracicaba, Dom Eduardo Koaik observou: “(...) é muito importante que a comunidade participe do projeto. Por isso, a importância dos casais, como elemento da própria sociedade, participando do trabalho”¹⁷⁰. Nessa mesma ocasião, respondendo a uma pergunta do repórter sobre o motivo do trabalho dos Casais Voluntários junto à família de cada adolescente, o prelado respondeu: “A família é indispensável na vida de qualquer pessoa, pois é através dela que se aprende a amar. É por isso que o amor é deformado sem um apoio familiar”¹⁷¹. Antonio Oswaldo Storel, que foi Presidente da Pastoral da Caridade (PASCAR), recorda: “A orientação de D. Eduardo era de que os Casais Voluntários dessem um testemunho de solidariedade e não fizessem proselitismo religioso, dispondo-se a ouvir os familiares dos adolescentes”¹⁷².

Como já descrito no histórico (capítulo I), os primeiros Casais Voluntários foram Antonio Canto e Maria Berchmans Canto

¹⁶⁶ Depoimento citado de Vergílio de Souza e Silva, 20.8.2015.

¹⁶⁷ Depoimento citado de M. Carmo L. Righeto, 29.1.2015.

¹⁶⁸ Idem, ibidem.

¹⁶⁹ “SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983”, 4.2.1983, snp.

¹⁷⁰ “O Diário”, artigo citado, 9.8.1983, p. 3.

¹⁷¹ Idem, ibidem.

¹⁷² Depoimento ao autor, Piracicaba, 4.5.2016.

(“Bergue”) (imagem 26) e Pedro Florindo Esteves Giuvanete (“Pelinho”) e Odete de Fátima Esteves, que se uniram ao SEAME a 3.3.1982.

Maria Berchmans Canto relatou que, com o marido, acompanhou a adolescente S., usuária de drogas, que vivia com a avó numa vila do Bairro Piracicamirim; o vínculo estabelecido foi grande, a ponto de S. frequentar a residência da família Canto, ao longo de anos e, ali também, sua irmã ser alfabetizada por uma das filhas do casal¹⁷³. Acompanharam o adolescente E., que residia na Vila Rezend; pescava com vizinhos e com eles aprendeu a consumir drogas; ao completar dezoito anos tentou roubar um carro, que pertencia a um policial e foi preso¹⁷⁴. Numa visita ao presídio de Piracicaba, junto com o Padre Afonso Pastore, Antonio e Maria Berchmans Canto encontraram E., o qual era de bela compleição; depois, devido a maus tratos sofridos no presídio, E. faleceu ainda jovem¹⁷⁵.



26. “Bergue”, Antonio Canto e D. Eduardo Koaik no SEAME

Pedro e Odete F. Esteves acompanharam o adolescente S., usuário de drogas; formou grande vínculo com o Casal Voluntário

¹⁷³ Segundo o depoimento citado, 2.3.2016.

¹⁷⁴ Idem, ibidem.

¹⁷⁵ Idem, ibidem.

e frequentava a sua residência; como não conseguisse emprego devido ao preconceito social diante da tatuagem que possuía, S. pediu ajuda e o Casal conseguiu que um cirurgião plástico a removesse¹⁷⁶. Pedro e Odete faziam as visitas às famílias dos adolescentes a pé, porque não possuíam carro e levavam muitas vezes seus próprios filhos¹⁷⁷.

Um outro testemunho dos tempos de começo ficou registrado em agosto de 1984 no Informativo da PHILIPS, quando José Carlos Masson, na ocasião chefe do departamento de Planejamento de Materiais, discorreu sobre sua atuação com a esposa Margareti como um dos Casais Voluntários do SEAME:

(...) frequentamos várias reuniões com a equipe técnica que abordou os princípios teóricos e práticos desse projeto. Só depois, começamos a trabalhar. E, nossa tarefa consiste em, pelo menos uma vez por mês, visitar a família do menor. Durante essa visita, tentamos ser uma presença amiga. Procuramos nos tornar amigos. Na medida em que isso acontece, a família vai percebendo no que precisa ser ajudada. Além dessas visitas, participamos duas vezes por mês das reuniões programadas pela equipe do SEAME, hoje, com sete casais. Um número pequeno, se levarmos em conta que atendemos a 41 menores¹⁷⁸.

Quando o SEAME já contava alguns anos de existência, Vergílio de Souza e Silva e sua esposa Teresinha Colombo Silva passaram a integrar o corpo de Casais Voluntários, permanecendo até o presente, sendo os que há mais tempo se encontram na instituição. As visitas dos Casais Voluntários são anunciadas pelos técnicos do SEAME às famílias, mas sem agendamento de dia e hora, de modo a evitar expectativas e para favorecer um encontro de forma mais natural. No passado era frequente encontrar o adolescente junto à família, mas hoje isso é menos comum. As visitas costumam ocorrer de dia, em finais de semana e se deixa claro que o objetivo não é o de um assistencialismo, oferecendo alimentos e roupas; é verdade que, no passado, quando a penúria era evidente, havia socorro material, mas se pode observar hoje em dia que o mercado da droga garante

¹⁷⁶ Segundo os depoimentos de Pedro Florindo Esteves Giuvanete e Odete de Fátima Esteves, ex-Casal Voluntário do SEAME, ao autor, Piracicaba, 1º.5.2016.

¹⁷⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁷⁸ "Ondas e Estrelas", p. 9.

uma situação financeira superior à das décadas passadas. Acontece por vezes o caso de a família apresentar resistência ou indiferença às visitas e, com o tempo, o Casal Voluntário deixa aquelas pessoas por outro núcleo familiar que lhe seja mais receptivo. Todavia, é revelador o testemunho de Vergílio de Souza e Silva no tocante às visitas com a esposa num prazo de mais de trinta anos: “Nós nunca fomos mal recebidos, nem antigamente, nem hoje”¹⁷⁹. Os visitantes ouvem os problemas das famílias e dialogam; à medida que se vai adquirindo vínculo entre as partes, os Casais Voluntários oferecem uma ampliação dos pontos de vista, a partir de sua própria experiência de vida. O ponto central da atuação dos Casais Voluntários é auxiliar na transformação do núcleo familiar para atingir o adolescente de modo positivo. Maria Berchmans Canto (“Bergue”), discorrendo sobre sua experiência pessoal no SEAME afirmou: “Eu aprendi que a gente não pode julgar as pessoas, porque a gente não sabe o que esse povo passa. Conhecendo a situação é que a gente vai saber o que pode fazer. Aprendi a valorizar o sofrimento das pessoas”¹⁸⁰.

De outra parte, José Carlos Masson e Margareti Cestari Masson, acima citados, testemunharam que, quando de sua atuação como Casal Voluntário no SEAME, sofreram preconceito dos vizinhos, porque os adolescentes frequentavam a residência da família e o marido levava um dos meninos ao campo de futebol¹⁸¹. Margareti entende que a caridade – no sentido do amor e não do assistencialismo – está em relação com a simplicidade e a Vontade de Deus¹⁸². O adolescente A., que Margareti buscava na Favela do Bairro São Jorge e levava para um curso em outro local, chegou a ser preso; na reclusão tomou contato com a Bíblia e se tornou Pastor evangélico¹⁸³. Masson sintetizou o espírito que animava os Casais Voluntários: “A gente se dedicava com amor”¹⁸⁴. Isso está em sintonia com o que Odete de Fátima Esteves, dos primeiros Casais Vo-

¹⁷⁹ Depoimento citado de Vergílio de Souza e Silva, 20.8.2015.

¹⁸⁰ Depoimento citado, 2.3.2016.

¹⁸¹ Depoimentos ao autor, Piracicaba, 24.4.2016.

¹⁸² Idem, *ibidem*.

¹⁸³ Idem, *ibidem*.

¹⁸⁴ Idem, *ibidem*.

luntários do SEAME, definiu: “Tudo o que eu fiz, pode ter certeza que foi por amor a Deus”¹⁸⁵.

Uma fotografia (imagem 27) registrou algumas pessoas que estavam envolvidas com a causa do SEAME por volta de 1990, Casais Voluntários, membros da Diretoria Executiva e da Equipe Técnica e demais voluntários. Em pé, da esquerda para a direita aparecem: dois voluntários não identificados, Luís e Beatriz R. Deltreggia, Marina C. Molina, “Lazinha” com o neto Lucas, Odete F. Esteves, Teresinha C. Silva, Jonas Ortiz, “Pelinho” (esposo da Odete), Cleusa Sândalo e sua irmã. Ao centro, curvando-se, Neusa Storer (+), Dileta Bota (+) e Léia G. Rolim. Agachados, da esquerda para a direita: voluntária não identificada, Geisa, M. Carmo Righeto, Leonora L. Costa, Deolindo Bota (+, esposo da Dileta), Mário Molina (esposo da Marina), Vergílio S. Silva (esposo da Teresinha) e, mais atrás, voluntário não identificado.



27. Casais Voluntários, Equipe Técnica e outros voluntários, cerca de 1990

Esse exercício abnegado que existiu desde a fundação, permanece até a atualidade. Mas, devido ao crescimento numérico dos casos atendidos pela instituição e que demandou a contratação de novos técnicos ao longo dos anos, seria esperado e necessário o cres-

¹⁸⁵ Depoimento citado de Odete de Fátima Esteves, 1º.5.2016.

cimento numérico de Casais Voluntários que, todavia, não acompanhou essa projeção; no início de 2015, por exemplo, eram apenas cinco casais e ao meio do ano esse número diminuiu. Cabe notar ainda que, no decorrer da existência do SEAME, as visitas às famílias foram feitas tanto pelos Casais Voluntários como pela Equipe Técnica, embora o enfoque do trabalho desses grupos fosse diverso.

Tem sido recorrente que os casais que se dispõem ao serviço voluntário sejam pessoas que já estejam atuando em outros campos religiosos ou beneméritos. Doação, flexibilidade, sobrecarga, são termos que estão presentes nas vidas deles; pessoas que nada fazem costumam rejeitar o convite para essa atuação, mas se deve considerar que mais e mais as pessoas receiam a criminalidade e por isso têm evitado esse tipo de serviço voluntário, de modo que a dificuldade (que sempre existiu) em agremiar casais dispostos às visitas aumentou consideravelmente na última década. Eles costumam proceder dos Encontros de Casais com Cristo (ECC), testemunhando o sentido de doação da espiritualidade cristã. Na atualidade, ocorrem reuniões quinzenais que são para troca de informações entre os Casais Voluntários e a Equipe Técnica, como também para fortalecimento espiritual, inclusive contando com a presença de dois diáconos católicos.

O Projeto Preventivo

*Quisera a tempo te alcançar,
mudar teu rumo (CORA CORALINA)¹⁸⁶.*

Logo em seu início, o SEAME identificou a importância de uma atuação preventiva com adolescentes. Léia M. G. Rolim registrou que em sua gestão

(...) sempre houve a preocupação do SEAME realizar um trabalho preventivo com os adolescentes, pois constatava-se que quando da aplicação da medida de Liberdade Assistida (LA) este já era reincidente.

(...) formou-se um grupo de adolescentes e irmãos menores que reuniam-se num pátio externo da Igreja dos Frades. Isto acontecia

¹⁸⁶ "Menor Abandonado" in "Melhores Poemas", p. 276.

aos sábados das 14 às 16 horas e contava com a direção de um grupo de jovens desta paróquia e a participação de alguns casais que visitavam as famílias dos adolescentes.

Eram desenvolvidas atividades lúdicas, recreativas e esportivas e servido um lanche.

(...) o SEAME também desenvolveu outro trabalho preventivo no Bairro Boa Esperança com um grupo de adolescentes, aos sábados, das 14 às 16 horas, grupo este dirigido por 2 estagiários de Serviço Social. Tal trabalho foi iniciado, após os técnicos da entidade constatarem que dos adolescentes atendidos com medida de LA, havia um número mais significativo proveniente deste bairro¹⁸⁷.

A ata da reunião de 4.11.1983 entre a Equipe Técnica e os Casais Voluntários, redigida por Irmã Geralda N. Hipólita, indica que o citado primeiro trabalho preventivo se deu em outubro de 1983:

(...) Léia comunicou que o grupo de recreação começou a (sic) dois sábados atrás. Está sendo realizada na quadra de esportes da Igreja dos Frades. Um dos grupos de jovens dessa igreja, é que tem colaborado. Dos menores acompanhados pelo SEAME, no 1º. dia da recreação só compareceram 02, no 2º. dia o número aumentou, mas tanto num como no outro, têm comparecido os irmãos dos menores registrados no SEAME. Léia falou sobre a necessidade de se fazer um revezamento dos casais para que se façam presença nos momentos de recreação¹⁸⁸.

Também Maria do Carmo L. Righeto, atual Coordenadora Técnica do SEAME, se recorda das antigas tentativas de um serviço preventivo: um adolescente com medida socioeducativa trouxe amigos e vizinhos da Vila Monteiro, Piracicaba, em situação de risco e o SEAME começou a atendê-los semanalmente¹⁸⁹.

Mas foi em 2011 que ocorreu uma formulação do Projeto Preventivo, realizada pelo SEAME. Nesse ano é que Patrícia Fernanda Barbosa foi contratada para fazer a implantação do Projeto, na função de psicopedagoga (imagem 28). No primeiro ano o Projeto vigorou de acordo com a formulação já existente e subsidiado pelo FUMDECA (Fundo Municipal da Criança e do Adolescente).

¹⁸⁷ Carta citada, 31.3.2016.

¹⁸⁸ "SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983", snp.

¹⁸⁹ Segundo o depoimento de Maria do Carmo L. Righeto, 28.5.2015.

Conforme os atendimentos foram acontecendo é que apareceram as necessidades de reformulação; Patrícia propôs uma ampliação da faixa etária, bem como a presença de um professor de Educação Física, de uma pedagoga, uma psicóloga e uma assistente social¹⁹⁰. Kátia Cristina Pires, psicóloga, foi contratada em fevereiro de 2013. Patrícia continuou no Projeto ao assumir a coordenação interina do SEAME no período de setembro a dezembro de 2013, quando deixou a instituição pela “Família Acolhedora” da PASCA. Foi então que Maria Renata Pacheco Alleoni, que já trabalhava no SEAME como Orientadora de Medida, foi convidada e passou a fazer parte do Projeto Preventivo, contratada desde fevereiro de 2014 como assistente social (imagem 29). Nesse período algumas pedagogas transitaram pelo SEAME, atuando na Oficina de Alfabetização e Reforço Escolar, oferecida também aos adolescentes do Projeto Preventivo: Mariana Passarini, Tatiane Pimenta, Melissa Silva e Angélica Lavorenti (imagem 30). De fevereiro a dezembro de 2013, o Projeto Preventivo ofereceu especificamente para seus adolescentes uma Oficina de Esportes, tendo como monitor Rafael Freitas. Oferece ainda aos adolescentes a oportunidade de frequentarem as Oficinas de Cabelo (com o monitor Robson da Silva desde outubro de 2014) e de Arteterapia (com o monitor Cássio Padovani desde a implantação), mantidas pelo SEAME.



28. Patrícia F. Barbosa durante um atendimento no Projeto Preventivo

¹⁹⁰ Segundo o depoimento de Patrícia F. Barbosa ao autor, Piracicaba, 18.11.2015.

Patrícia Fernanda Barbosa esclareceu:

O artigo 98 do Estatuto da Criança e do Adolescente dispõe sobre os motivos que ocasionam as ameaças ou violações de direitos. Tais motivos estão relacionados a três aspectos pela ação ou omissão da sociedade ou do Estado, pela falta, omissão ou abuso dos pais ou responsáveis ou em razão da própria conduta. O mesmo artigo refere que as medidas de proteção são aplicáveis diante da ameaça e violação de direitos. Perante os dispositivos do artigo citado, o Projeto Preventivo atua junto a pré-adolescentes e adolescentes que apresentam situações de vulnerabilidade social onde direitos se encontram ameaçados pela própria ação ou pela ação de terceiros.

O Projeto Preventivo surgiu diante da constatação da realidade averiguada pelos orientadores de medida que referiam a existência de indícios anteriores à prática do ato infracional que denotam a necessidade de medidas de proteção que garantam direitos e cuidados a estes jovens em um percurso de oferta de alternativas mais viáveis para a construção de um projeto individual adequado à realidade social, política e cultural.

Os artigos 99 até 102 do ECA regulamentam as medidas de proteção que podem ser empregadas perante as situações de ameaça ou violação de direitos de crianças e adolescentes. Vale ressaltar que o referido estatuto representa um marco importante na compreensão da criança e do adolescente como sujeitos de direitos em uma situação peculiar de pessoa em desenvolvimento, diante dessa particularidade as medidas de proteção conjugam ações que promovam o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários e atendam aos interesses e direitos das crianças e adolescentes¹⁹¹.



29. Kátia Pires, um garoto atendido pelo Projeto Preventivo e Renata Alleoni

¹⁹¹ Carta ao autor, Piracicaba, 22.3.2016.



30. Angélica Lavorenti durante um atendimento no Projeto Preventivo

O Projeto Preventivo tem capacidade de atender até 50 (cincoenta) crianças e adolescentes entre 10 e 18 anos de idade e seus respectivos responsáveis. No ano de 2015, por exemplo, foram acompanhados até 41 (quarenta e um) adolescentes, crianças e respectivas famílias. O perfil desses atendidos é, de modo geral, o de adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco social pela própria conduta ou de terceiros. Os atendimentos podem ser individuais ou grupais, pois as técnicas analisam a demanda e as especificidades de cada caso. O prazo de atendimento é variável, determinado pelas particularidades psicossociais encontradas (imagens 31, 32 e 33).



31. Adolescentes do Projeto Preventivo nas atividades de escrita, 2013



32. Adolescentes do Projeto Preventivo na sala de computação

Crianças e adolescentes são encaminhados ao Projeto Preventivo junto ao SEAME pelo Poder Judiciário (por exemplo, em casos de idade muito reduzida, evitando a aplicação da medida de Liberdade Assistida), pelo CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), pelo CRAS e pelo Conselho Tutelar (escolas encaminham alunos para o CT, que os encaminha ao Projeto Preventivo), além dos Orientadores de Medida do SEAME.

O objetivo é criar condições para que a criança, o adolescente e seus respectivos responsáveis desenvolvam conduta reflexiva de autocrítica, a fim de elaborarem um projeto de vida socialmente viável e adequado a seus anseios, construindo um percurso de desenvolvimento pessoal e participação produtiva na coletividade e garantindo o exercício dos direitos e deveres de cidadania no presente e no futuro. O adolescente V., atendido pelo Projeto Preventivo, assim definiu: “O SEAME me ajuda para não entrar na vida do crime”¹⁹².

O Projeto Preventivo nasceu de uma demanda de crianças e adolescentes que viviam num entorno da criminalidade e lhes ofereceu caminhos de socialização. Basicamente, o Projeto oferece orientação psicossocial, ou seja, resgate das normas sociais, trabalho com a própria agressividade, conhecimento de regras de conduta e do que seja o ECA e o resgate de valores, de ideias, de educação formal e da autoestima (beleza física, inteligência) – ou seja, promove a humanização. O Projeto Preventivo também auxilia a fortalecer a rede socioassistencial por uma cooperação de trabalho e informações¹⁹³.

¹⁹² Depoimento de V. S. P. ao autor no SEAME, Piracicaba, 30.5.2016.

¹⁹³ Depoimento de M. Renata Pacheco Alleoni, assistente social do Projeto Preventivo, ao autor no SEAME, Piracicaba, 9.4.2015.

O relatório do 1º semestre de 2015 elaborado pelo Projeto Preventivo apontou hipoteticamente os fatores que podem ser a causa da queixa inicial, sendo que os atendidos apresentam de dois a três fatores de causa: desorganização familiar (em 62% dos casos), influência de terceiros (19%), negligência (11%), falta de oportunidade (6%), identificação com o modelo da criminalidade (2%). O mesmo relatório apontou como fatores que levam a criança e o adolescente ao Projeto Preventivo: indisciplina (46%); situações de risco, residindo ou convivendo com indivíduos que praticam ou praticaram infrações e podendo ser influenciado (22%); infrações, recebendo aplicação de medidas protetivas em razão da pouca idade (16%); negligência familiar (6%); dificuldades pedagógicas, seja com o ensino formal e/ou apresentando comportamento inadequado na escola (4%); carência afetiva (4%); solicitação da família, ao reconhecer a falta de recursos para lidar com a situação de vulnerabilidade (2%).



33. Adolescentes do Projeto Preventivo na Oficina de Bonecos

As dificuldades que o Projeto Preventivo encontra são:

- na maior parte dos casos, a desestrutura familiar;
- ter de concorrer com a criminalidade;
- enfrentar as referências negativas de grupo;
- superar a resistência dos adolescentes e até dos responsáveis legais;
- a falta de um financiamento específico que garanta a sua continuidade, passando de Projeto a Programa Preventivo e que permita a contratação de outros profissionais, ampliando os serviços.

De outra parte, os resultados positivos do Projeto Preventivo são:

- formação de vínculo em 80% dos casos;
- aumento do respeito às regras e à convivência social, em aproximadamente 80% dos casos;
- 85% dos casos atendidos não apresentaram conflito com a lei, ou seja, não receberam medida socioeducativa, de acordo com dados do 2º. semestre de 2014.

Segundo Kátia C. Pires, o vínculo do profissional com a criança e o adolescente é algo que requer um trabalho contínuo, numa atitude acolhedora, sem julgamento. Quando o vínculo já se estabeleceu com segurança, ela começa a apresentar as noções de limites¹⁹⁴. Por sua vez, Maria Renata Pacheco Alleoni observa que o vínculo se forma quando o adolescente ou a criança descobre que o profissional o vê como sujeito de sua própria história (imagem 34). Isso faz com que ele se identifique como objeto principal da atenção do profissional¹⁹⁵.



34. Renata Alleoni durante um atendimento no Projeto Preventivo

Num caso específico atendido por Maria Renata, o adolescente de perfil muito violento ficava sentado e só olhava para o chão

¹⁹⁴ Segundo o depoimento de Kátia C. Pires, psicóloga do Projeto Preventivo, ao autor no SEAME, Piracicaba, 8.1.2015.

¹⁹⁵ Depoimento citado de M. Renata P. Alleoni, 9.4.2015.

durante os primeiros encontros. No processo, começou a olhar para os olhos da assistente social e, depois de um abraço de parabéns por ocasião de seu aniversário de doze anos, esse rapaz lhe disse: “Eu não quero ser amado por você. Eu quero ser amado pela minha mãe”¹⁹⁶. Para se chegar a esse ponto, foi preciso haver vínculo, confiança, segurança de que seu segredo seria acolhido e respeitado.

Em outro caso, narrado por uma mãe ao autor deste livro, seu filho R., de dez anos de idade, apresentava problemas de comportamento na escola, não parava quieto e se aproximava da “turminha do mal”. Ele era bagunceiro, mas nunca violento. Frequentou o Projeto Preventivo de 2011-2012 e nunca mais apresentou problemas na escola ou em casa. A diretora da escola disse que ele é outro. “O SEAME foi muito importante. Eu falava para o R., você tem três casas: a nossa, a escola e o SEAME. Eu falo para ele: tem R. antes e depois do SEAME”¹⁹⁷.



35. Quem sou eu? Para que estou no mundo? Para amar, 26.8.2013

Outro exemplo significativo de adolescente que reorientou sua vida de modo positivo é o de L., adolescente que chegou

¹⁹⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁹⁷ Depoimento de A. N. P., mãe de atendido, Piracicaba, 25.5.2016.

ao Projeto Preventivo – encaminhado pelo Conselho Tutelar – em setembro de 2011 e foi atendido pela psicóloga Patrícia Fernanda Barbosa. Apresentava um perfil de envolvimento com o tráfico de drogas e na ocasião havia nascido seu primeiro filho. Durante os atendimentos, em dezembro de 2011, o bebê faleceu aos 3 meses de idade. Patrícia esteve no velório e o Projeto Preventivo lhe foi um território para expor e elaborar o luto em 2012. Algum tempo depois, ele deixou de frequentar o Projeto. Mas, devido a boletins de ocorrência de anos passados, L. recebeu medida judicial de LA e foi acompanhado pelo Orientador de Medida do SEAME Fábio Dias, psicólogo. Devido ao vínculo estabelecido, L. continuou sendo orientado pela psicóloga Kátia C. Pires do Projeto Preventivo e frequentou as sessões de Arteterapia com Cássio Padovani. Seus desenhos combinavam signos da família e do mundo do crime, numa contínua elaboração interior. Dentre uma série de propostas relativas à paternidade em agosto (por causa do Dia dos Pais), L. elaborou a 26.8.2013 um desenho a grafite e lápis de cor sobre canson A3 (Piracicaba, acervo SEAME) que o mostra feliz com uma esposa e um filho (centro), junto a uma casa de porta aberta com o anúncio de que ali se vende juju (esquerda) e a um carro e uma árvore (direita); acima, um grande Sol sorridente e duas nuvens. O desenho parece registrar como L. estava munido de novos sonhos (família, moradia, trabalho, bens materiais, condução da própria vida) e de aspectos de vida e renascimento (árvore, nova família, grande Sol). No verso, o arteterapeuta anotou a proposta que deu origem ao desenho: “Quem sou eu? Para que estou no mundo?” E acrescentou: “Sua resposta foi: ‘Para amar’” (imagem 35).

Graças ao apoio dos profissionais do SEAME e sobretudo à sua inegável vontade de se transformar, L. apresentou mudanças positivas, deixando a criminalidade e passou a trabalhar regularmente. Esse é um caso emblemático daquilo que alguns adolescentes apontam: todo o serviço do SEAME e do Projeto Preventivo “só funciona para quem quer” a mudança de comportamento e de vida. Devido ao livre arbítrio e a inúmeros fatores que não cabe aqui julgar, nem todos estão dispostos a “morrer” e “renascer” simbolicamente. Mas os que o fazem acrescentam à sociedade um sentido novo de que é possível se reestruturar e em geral estimulam os outros com seu próprio exemplo e testemunho para que tenham forças de fazer o mesmo.

Serviços Gerais e Cozinha

No SEAME existem desde muitos anos uma ou mais mulheres contratadas para as funções de serviços gerais ou auxiliar de cozinha, costumeiramente consideradas pelos adolescentes como as “cozinheiras”, das quais sempre se recordam, inclusive pelo nome próprio, quando as encontram tempos depois na rua ou no Shopping Piracicaba.

Em 1988 já estava contratada, para a função de serviços gerais, Lázara Aparecida Maciel Batilani, apelidada “Dona Lazinha”. Entre 2001-2002, foi contratada para serviços gerais Antonia Aparecida do Amaral Ribeiro, que trabalhava pela manhã e “D. Lazinha” à tarde, a qual foi dispensada por volta de 2002. Sebastiana Aparecida Amaral Pinson (“Guinha”), entrou a trabalhar no SEAME em 2006 como serviços gerais e depois passou a ser auxiliar de cozinha. Antonia foi dispensada em 2008. Lenice Belemel da Mota (“Lê”) foi contratada para fazer faxina no SEAME uma vez por semana e em novembro de 2013 foi contratada para serviços gerais em período integral.

“Dona Lazinha” se recordou dos tempos em que os adolescentes vinham com muita fome, “pediam e amavam sagu”¹⁹⁸ e testemunhou que muitos anos depois ainda se encontrava na rua com adolescentes que a cumprimentavam, abraçavam com saudade e respeito. Essa é uma questão marcante, porque muitas pessoas evitaram contatos com o SEAME por conta do medo de que os adolescentes pudessem usar de violência contra elas; Lenice, de outra parte, observa sobre sua relação profissional com os rapazes e moças que frequentam a instituição: “É ótima, sempre me tratam com respeito, me chamam de tia, de dona. Respeito mútuo: já que eu quero respeito, eu tenho que respeitar também. Nunca tive medo, nem antes, nem depois”¹⁹⁹.

“Guinha” testemunha que oferece ao adolescente um olhar de mãe mais do que qualquer outra coisa, fazendo o lanche com muito carinho. Atesta que o trabalho no SEAME é sempre uma ocasião de estar “aprendendo a lidar com o novo”, sendo que não co-

¹⁹⁸ Depoimento ao autor, Piracicaba, 21.10.2015.

¹⁹⁹ Depoimento de Lenice Belemel da Mota ao autor no SEAME, Piracicaba, 24.2.2016.

nhece os atos infracionais que trouxeram o adolescente ali²⁰⁰ e isso isenta o seu olhar de qualquer julgamento, o que é positivo no contato. Lamentavelmente, uma coisa que alguns adolescentes observam à “cozinha” é que consideram muito melhor traficar drogas do que se dedicar às exigências de um serviço como o dela: “trabalhar para ganhar o que você ganha?”²⁰¹. Por isso, respondendo à pergunta sobre o que aprendeu com o SEAME, observou: “Aprendi a conviver com o negativo”²⁰². Também Antonia discorreu sobre os adolescentes da instituição:

Chegavam agressivos, atacando, mas por medo de serem tratados com rispidez. Mas quando a gente os tratava com carinho, eles já amoleciam. Eu me colocava sempre no lugar deles – eles não nasceram assim; as circunstâncias fizeram eles serem assim. Num simples copo d’água eu procurava colocar amor. As meninas precisavam de um colo de mãe, de um elogio, “como você está bonita!” O que eu não queria para as minhas filhas, eu não queria para as filhas dos outros.

O dia que eu mais gostava era o do lanche das mães (Reunião de Mães), para amenizar o sofrimento delas, porque eu sempre me colocava no lugar delas²⁰³.

Conforme narrou Antonia ao autor, ela se colocava no lugar do adolescente, pensando se ele havia tomado ou não café da manhã e assim servia um lanche que o pudesse melhor nutrir. No inverno oferecia a possibilidade de suco ou chocolate quente, sendo que existia a preferência pelo último, mas alguns tomavam dos dois. Dava aos rapazes e moças pedaços grandes de bolo e até deixava alguns pedaços para levarem para os irmãozinhos... Muitas vezes, ao invés de descansar em sua hora de almoço, espontaneamente fazia torta de frango para os adolescentes. Oferecia-lhes “carne louca” no pão, danete de chocolate, sagu, salada de frutas, sucos naturais. Foi no seu período dentro da instituição que o Programa “Mesa Brasil”, do SESC, começou a enviar frutas e legumes para o SEAME²⁰⁴. Esse programa reúne alimentos doados por diversas empresas – em

²⁰⁰ Depoimento de Sebastiana Ap. A. Pinson, ao autor no SEAME, Piracicaba, 29.1.2015.

²⁰¹ Idem, ibidem.

²⁰² Idem, ibidem.

²⁰³ Depoimento de Antonia Ap. Amaral Ribeiro ao autor no SEAME, Piracicaba, 22.2.2016.

²⁰⁴ Idem, ibidem.

bom estado, mas que não chegam a ser comercializados – para os direcionar a instituições cadastradas, onde possam ser consumidos. Deve-se mencionar que o SEAME também recebe alimentos enviados pela Prefeitura Municipal de Piracicaba e ainda que a própria instituição efetua a compra de outros.



36. “Guinha” e “Lê” na cozinha do SEAME, 2016

“Dona Lazineira”, Antonia, “Guinha”, “Lê” constituíram ao longo dos anos o perfil feminino da limpeza e da nutrição, o que as aproximou de um sentido maternal. Esse perfil da mulher que cuida da casa e da comida (serviços gerais, cozinheira) é talvez a imagem mais comum à vida dos adolescentes, através do que veem em suas casas, a mãe, a avó amorosa, a irmã mais velha, mulheres que “cuidam” diariamente da manutenção da vida (imagem 36). A “cozinheira” do SEAME é talvez a imagem arquetípica do feminino que alimenta (“anima” na acepção junguiana) e recebe uma projeção intensa desses rapazes e mocinhas sedentos e famintos de alimento material repassado de afeto. Alguns só querem os doces, mas sabem partilhar com os outros adolescentes o pão, as bolachas, o suco. A figura amorosa dessas mulheres – que passaram ou estão no SEAME nas funções citadas – cria um sentido caseiro que diminui o peso da instituição e reforça a chance dos vínculos positivos.

Além disso, a cozinha é, dentro da instituição, um lugar de purificação (água), transformação (fogo) e alimentação (comida) que auxilia os técnicos a se recarregarem após atendimentos difíceis, que são bastante comuns.

A Barraca Portuguesa

Em 1984 ocorreu a primeira edição da Festa das Nações em Piracicaba, no Lar Franciscano de Menores. Nessa ocasião, os Casais Voluntários do SEAME, Pedro Florindo Esteves Giuvanete (“Pelinho”) e Odete de Fátima Esteves e Antonio Canto e Maria Berchmans Canto (“Bergue”) trabalharam como voluntários na Barraca Holandesa e, com a experiência que ganharam, foi possível que Pedro buscasse e conseguisse o valioso apoio dos tiroleses de Santana e Santa Olímpia e o SEAME se apresentou já na segunda edição (1985) da Festa com a Barraca Tirolesa, na qual era comercializado um vinho de laranja artesanal²⁰⁵ e os seguintes alimentos: cucagna, crauti e canederli²⁰⁶ (imagem 37). As tirolesas cozinhavam no Seminário Seráfico São Fidélis e baldeavam a comida para o Lar Franciscano, onde ocorria a Festa das Nações²⁰⁷.

Em anos futuros o SEAME assumiu a Barraca Portuguesa, que originalmente cabia ao Lar Franciscano. Durante muitos anos a coordenação da cozinha esteve a cargo de Marina Corrente Molina, extremamente dedicada, mas também exigente; ela queria que a couve (para o caldo verde) fosse picada muito fina e que os alimentos fossem da melhor qualidade: “Eu era brava. Eles vinham com um arroz que ganharam e eu dizia: ‘Eu não quero esse arroz aqui!’ . A gente passava bolinho (de bacalhau) por bolinho, 13 mil na mão, 80 gramas. A Caterpillar mandava madeira para fazer estrutura dentro. Tudo na mão, retirar pregos das madeiras e endireitar os pregos para usar”²⁰⁸.

Todos que participam são voluntários: membros da Diretoria Executiva, Equipe Técnica do SEAME e seus familiares, além de voluntários específicos para a Festa das Nações. A atuação exigente nos dias anteriores de preparo, nos dias em que ocorre e nos posteriores promove a interação das pessoas, testando sua eficiência e capacidade de conviver com o estresse e tendo o cuidado de não perder o elo de união (imagens 38 e 39).

²⁰⁵ Segundo o depoimento citado de Pedro Florindo Esteves Giuvanete, 1º.5.2016.

²⁰⁶ Segundo o depoimento de Marina C. Molina, ex-voluntária da Festa das Nações, ao autor, Piracicaba, 22.6.2016.

²⁰⁷ Idem, ibidem.

²⁰⁸ Idem, ibidem.



37. Barraca Tirolesa do SEAME, 1987c., aparecendo à direita Odete e “Pelinho”

Marina C. Molina se recorda particularmente de Neusa Aparecida Storer dos Santos (1950-2008), irmã de Rubens José Storer, o qual foi membro da Diretoria Executiva e Presidente do SEAME. “A Neusa foi uma amiga do coração. Foi uma irmã. Ela faleceu de câncer de mama”²⁰⁹. Ela foi voluntária da cozinha na Barraca Portuguesa, convidada por Marina e teve de enfrentar muita resistência para esse seu exercício abnegado. Em seus últimos momentos de vida, Marina esteve a seu lado e a confortou com palavras sensíveis; Neusa estava com os olhos baços, mas de repente seus olhos verdes se iluminaram, focando o alto. Marina fez-lhe o sinal da Cruz na testa e ela tombou a cabeça, havendo entregue o espírito a Deus²¹⁰.

²⁰⁹ Idem, *ibidem*.

²¹⁰ Idem, *ibidem*.



38. Barraca Portuguesa - voluntários na cozinha



39. Barraca Portuguesa, 2004 – voluntários e Rainha, Marina L. Righeto

O local em que a Festa das Nações vem ocorrendo desde 1991 é o Engenho Central de Piracicaba, no qual a Barraca Portuguesa ocupa um dos barracões e, graças à atuação direta de José Luiz Camolesi, Presidente e ao apoio dos outros membros da Diretoria Executiva do SEAME junto à Prefeitura Municipal de Piracicaba e ao CODEPAC, o espaço foi beneficiado (piso, instalação elétrica e telhado), garantindo melhor atuação na citada festa e evitando acidentes²¹¹. No ano de 2012 a dinâmica dos voluntários na

²¹¹ Segundo o depoimento de José Luiz Camolesi, 13.1.2016.

citada festa foi beneficiada pela aquisição de novas máquinas e do “réchaud” (para manter comidas quentes para os voluntários) e ainda por uma descentralização do poder, de modo que mais pessoas puderam assumir tarefas²¹². Note-se que nos bastidores sempre funcionaram duas cozinhas, uma mais específica para a venda e outra para alimentar os voluntários, com alimentos mais simples, para não onerar a entidade²¹³.

Diversos pratos são oferecidos: caldo verde, bacalhoda, escabeche, salada de grão de bico, bolinho de bacalhau; diversos vinhos portugueses e a sangria estão no cardápio; entre os doces constam pastel de Belém, pastel de maçã, pastel de Santa Clara, tocha, torta de avelãs, torta de nozes, torta de pêssego e toucinho do céu (imagem 40).



40. Barraca Portuguesa, 2016

A participação na Festa das Nações tem permitido ao SEAME angariar fundos, de modo que a instituição possa realizar aquisição de materiais para uso cotidiano e mesmo financiar os monitores das Oficinas, enquanto que os salários dos Orientadores de Medida são garantidos pela Prefeitura.

²¹² Segundo o depoimento de Sebastiana Ap. A. Pinson, 30.7.2015.

²¹³ Segundo o depoimento citado de Odete de Fátima Esteves, 1º.5.2016.

Guarda Civil Municipal

No cotidiano do SEAME está presente a figura do homem fardado da Guarda Civil Municipal de Piracicaba. Mais que qualquer outra, essa é uma figura a quem o adolescente com medida socioeducativa resiste, inclusive com desprezo. O homem fardado encarna o simbolismo da ordem, do limite, da figura paterna que define espaços, obrigações, possibilidades. Por isso, recebe muita projeção sombria dos adolescentes. Diversos profissionais passaram pelo SEAME, fazendo vínculos positivos com o corpo de funcionários, devendo ser recordados entre eles os Guardas Civis Gomes (1998-1999), Pires (início dos anos de 2000) e Júnior (desde março 2009).

Essa autoridade masculina, mais racional que amável, mais severa e sempre atenta, em geral não consegue formar vínculo com os adolescentes, porque eles trazem do meio em que estão inseridos uma visão preconcebida que os afasta. Além disso, cabe observar que a Equipe Técnica do SEAME corre o risco de desautorizar o profissional da Guarda Civil que está atuando na instituição e, portanto, tendo contato com os adolescentes. Assim, uma das mais frequentes críticas que o SEAME recebe é a de que “passa a mão na cabeça dos adolescentes”, porque há uma divergência de olhar segundo as profissões, mas isso pode ser algo positivo, complementar, se houver diálogo, respeito, ponderação. Ainda que tenha família, filhos da idade dos adolescentes que vão ao SEAME, esse homem é a encarnação da lei, que eles transgrediram e em função da qual foram sentenciados pelo Juiz. “O Guarda Civil serve como um contraponto para lembrar porque o adolescente está ali na instituição”, observou o GC Gomes²¹⁴. Os adolescentes estão ali “obrigados” – como alguns expressam no início – e trazem no histórico familiar, em diversos casos, muita mágoa e raiva contra a figura do pai e sobretudo do padrasto. Diante disso, como ter apreço por essa figura viril fardada? O guarda é simbolicamente o guardião, o herói e o pai que dá limite (imagem 41). Adulto e forte, revestido de uma farda que lhe dá um poder por si mesma, ele é visto como “folgado” por uma grande parte dos adolescentes, como se ele tirasse proveito

²¹⁴ Depoimento de Sérgio José Gomes, Guarda Civil Municipal, ao autor, Piracicaba, 23.5.2016.

das situações em detrimento dos mais fracos e, num paradoxo, a projeção do herói recai sobre os criminosos, que infringem as leis, sobrevivem a elas, são encarcerados ou mortos e passam a ser vistos como “vítimas”. Observe-se que, em muitos casos, o adolescente que passa pelo SEAME e está envolvido com o crime também goza de uma valorização no seu meio, enquanto na sociedade não costuma encontrar espaço para uma atividade profissional²¹⁵.



41. Guarda Civil Gomes no SEAME, 1998

Mas no SEAME há memória de casos em que o adolescente se aproximou do homem fardado e lhe expôs a própria vida, ouvindo conselhos e reconhecendo: “É, seu guarda, o senhor tem razão”²¹⁶ (imagem 42). Esses são momentos de integração positiva, vencendo

²¹⁵ Segundo o depoimento citado de Ana Lúcia de Oliveira, 25.5.2016.

²¹⁶ Depoimento de Antonio dos Santos Junior, Guarda Civil Municipal, ao autor no SEAME, Piracicaba, 16.4.2015.

preconceitos, pois a ordem, a disciplina e a correção presentes no guarda ativo ali na instituição não são estranhos ao adolescente, que conhece as regras severas do mundo do crime. E também há casos em que, depois de anos, os rapazes (que passaram pelo SEAME) reconhecem o Guarda Civil em algum ponto da cidade e o cumprimentam num sentido positivo²¹⁷.



42. Guarda Civil Junior no SEAME, 2016

As Oficinas

As oficinas no SEAME – tendo como monitores diversos profissionais voluntários ou prestadores de serviços remunerados – tiveram início nos anos de 1990. Algumas foram destinadas unicamente aos adolescentes e outras abertas também aos familiares.

²¹⁷ Segundo o depoimento citado de Sérgio José Gomes, 23.5.2016.

Representam o esforço da instituição em oferecer oportunidades de expressão, autoconhecimento, socialização, domínio de um saber e em alguns casos de profissionalização. Sua permanência ou brevidade, independentemente da qualidade dos profissionais e de sua atuação, está relacionada em geral à frequência dos adolescentes, que têm apresentado grande resistência ao novo sobretudo após os anos 2000, porque o que se lhes oferece não causa empatia e interesse, enquanto o acesso aos inúmeros modelos de telefones celulares lhes possibilitou uma ampliação em termos de comunicação e lazer (jogos), mas igualmente criou uma dependência e limitação de seus horizontes e possibilidades. Teclar o celular se tornou moda e atividade contínua, desinvestindo outras atividades de interesse.

Ao longo dos anos foram oferecidas oficinas de Auxiliar de Pedreiro, Dança de Rua, Grafite (“Graffiti”), Culinária, Alfabetização e Reforço Escolar, Artesanato, Papel Artesanal, Mosaico, Arteterapia, Cabelo, Esportes, Informática e Empregabilidade, das quais algumas serão comentadas a seguir.

Culinária

As primeiras tentativas de uma oficina apareceram nos trabalhos da Cozinha Alternativa, em 1992-1993, reunindo mulheres diversas ligadas aos adolescentes (imagem 43). Monitorou essa oficina uma cozinheira específica, que não deve ser confundida com a funcionária dos serviços gerais e da cozinha do SEAME, que na ocasião era dona Lazineira; num sentido positivo, havia troca de receitas entre elas.

Nos anos de 2003 e 2004, a Oficina do Sabor (Culinária) foi monitorada no SEAME por Luzia dos Santos Rogério, apelidada Lucy (falecida em 2015), ensinando adolescentes atendidos e familiares a aproveitar os alimentos, com pratos variados e de baixo custo (imagens 44 e 45). Assim, praticavam receitas diversas, incluindo dicas de como integrar cascas, talos de verduras e outros alimentos, de modo a conseguir um melhor rendimento daquilo que se tem à mão na cozinha. Essa oficina tinha por hábito partilhar o seu resultado com os técnicos do SEAME, servindo-lhes sempre um pedaço de torta ou outro prato, feito de modo coletivo pelos participantes, que igualmente o saboreavam. Era um momento de integração

digno de nota, sobretudo realizado com mães de adolescentes. No final de cada encontro, as pessoas que haviam participado levavam consigo impressa num papel a receita daquele dia, de modo que pudessem repeti-la²¹⁸.



43. Cozinha Alternativa no SEAME, 1992-1993



44. Lucy na Oficina do Sabor no SEAME, 2003-2004

²¹⁸ Segundo o depoimento citado de Leonora Canguçu L. Costa, 22.2.2016.



45. Participantes da Oficina do Sabor no SEAME, 2003-2004

Alfabetização e Reforço Escolar

A Oficina de Alfabetização e Reforço Escolar ocorreu no SEAME pela primeira vez em data incerta e não foi possível identificar a monitora. Durante os anos de 1999 e 2002 foi monitora da oficina Patrícia Fernanda Barbosa (imagem 46), professora de Ensino Fundamental, psicóloga e psicopedagoga, sucedida por Gilmarra Trevizor (imagem 47), professora de Ensino Fundamental. Ao longo dos anos houve a presença e atuação de pedagogas: Mariana Passarini, Tatiane Pimenta, Melissa Silva, Angélica Lavorenti.

A abordagem era a de um acompanhamento individualizado, que permitia à criança e ao adolescente encontrar um espaço de acolhimento, dentro de uma educação não formal, sem a apresentação de um currículo prévio e fechado. Ou seja, sempre se partia do que a criança ou o adolescente trazia como problema pessoal, numa abordagem próxima à do Método Paulo Freire, na tentativa de mostrar um outro significado da escrita e da leitura, diferentemente do que a escola convencional se propõe a realizar com grupos maiores. A função era a de auxiliar de modo geral o desenvolvimento da criança e do adolescente com dificuldades de expressão e decodificação dos signos (escrita e leitura), independentemente de estar ou não frequentando a escola. Questões como autoestima, inteligências múltiplas, ângulos diversos de

compreensão de um problema ou ampliação dos meios de expressão foram abordadas com frequência, sempre de modo a ampliar a compreensão do sentido do estudo e da comunicação e do papel deles na vida, das oportunidades que estes proporcionariam às pessoas ao longo da sua existência.



46. Oficina de Alfabetização e Reforço Escolar no SEAME
– monitora Patrícia F. Barbosa



47. Oficina de Alfabetização e Reforço Escolar no SEAME
– monitora Gilmara Trevizor

Artesanato

A Oficina de Pintar e Bordar (Artesanato) foi monitorada de 2006 a dezembro de 2009 por Marlene Tornezielo (imagem 48), favorecendo a concentração e a interiorização, o domínio técnico artesanal da reprodutibilidade, o apuro do senso estético, a perspectiva de produção e venda e, sobretudo, a reunião de adolescentes (em geral do sexo feminino) do SEAME e mães num espaço onde pudessem dialogar, trocando experiências, enquanto realizavam o processo artesanal. Eram confeccionados, entre outros, bordados, objetos para fixação nas portas das casas ou dos quartos, decorações em molduras de objetos (porta-retratos, relógios de parede), caixas de presente, customização de camisetas e sandálias havaianas, guirlandas e velas decorativas para o Natal, bem como presentes para essa ocasião, etc. Ao menos em uma ocasião os produtos foram comercializados na Central de Voluntários da Prefeitura Municipal de Piracicaba (imagem 49).

Foi muito significativo o fato de que mulheres – muitas vezes desvalorizadas na família e na sociedade – tenham começado a produzir algo útil e belo, atingindo diretamente o núcleo familiar, porque as mães e as adolescentes podiam levar para seus lares o que produziam, alterando o panorama visual. Os familiares notavam que alguém naquele ambiente estava num processo de transformação, com domínio do conhecimento e munido de recursos para tornar o espaço mais aconchegante e agradável.



48. Oficina de Pintar e Bordar no SEAME – monitora Marlene Tornezielo



49. Oficina de Pintar e Bordar no SEAME – objetos produzidos para venda

Papel Artesanal

As raízes da Oficina de Papel Artesanal no SEAME estão no trabalho voluntário da artesã Lia Desjardins no Projeto Geração XXI, do qual se falará adiante e que era financiado pelo Governo do Estado de São Paulo; depois Lia foi contratada pelo Projeto Agente Jovem, do qual também se discorrerá adiante, financiado pelo Governo Federal do Brasil. Como seu trabalho obteve muito sucesso junto aos adolescentes, Lia Desjardins permaneceu no Projeto Agente Jovem um dia por semana e foi contratada pelo SEAME por mais um dia por semana no regime de prestação de serviço. Atuou desde 2001 ou 2002 até 2005, ensinando aos adolescentes os procedimentos para a fabricação do papel reciclado e contando-lhes histórias (pois havia feito, junto com a Equipe Técnica do SEAME, o Curso de Formação de Contadores de Histórias promovido em Piracicaba por Carmelina de Toledo Piza).

Num liquidificador industrial, papéis diversos eram batidos e peneirados, por vezes sendo acrescentadas cascas de cebola ou de beterraba. Os resultados eram sempre motivo de orgulho para os participantes, que com eles elaboravam diversos elemen-

tos – capas de agendas, convites e cartões, presentes. O conhecimento das técnicas investia os adolescentes de um domínio sobre algum setor, o que era de grande significado para rapazes e moças cuja autoestima era em geral baixa e que antes não reconheciam em suas vidas algo que os destacasse em seu grupo de conhecidos (imagens 50 e 51).



50. Oficina de Papel Artesanal no SEAME – monitora Lia Desjardins



51. Oficina de Papel Artesanal no SEAME – monitora Lia Desjardins

Uma empresa de Piracicaba encomendou pequenas pastas em papel reciclado, gerando renda para os participantes da oficina. Infelizmente um dos adolescentes utilizou o dinheiro do seu trabalho consumindo drogas; apareceu no SEAME sem os dentes da frente, a face inchada e solicitando internação em clínica de re-

cuperação de adictos. Em razão disso, a Oficina de Papel Artesanal deixou de possibilitar renda para os adolescentes²¹⁹.

A respeito de sua dinâmica profissional desde o tempo em que esteve no Projeto Geração XXI no SEAME, Lia Desjardins observou: “Eu me transformei numa pessoa intuitiva que fala sobre a vida contando história, trabalhando com arte e dançando, nas oficinas”²²⁰.

Mosaico

A Oficina de Mosaico ocorreu no SEAME cerca de 2004-2005 graças a uma parceria com o Cemitério Parque da Ressurreição, da Diocese de Piracicaba. A monitora foi Débora Mattos Peron, artista visual (imagem 52). Os azulejos eram fornecidos pelo Parque da Ressurreição; os suportes eram em geral placas de Duratex ou vasos de cerâmica, mas também se utilizaram caixas em MDF, bancos e mesas. Alguns objetos conseguiram ser comercializados.



52. Oficina de Mosaico no SEAME - monitora Débora M. Peron

²¹⁹ Segundo o depoimento de Lia Desjardins ao autor, Piracicaba, 9.3.2016.

²²⁰ Idem, ibidem.



53. Oficina de Mosaico no SEAME

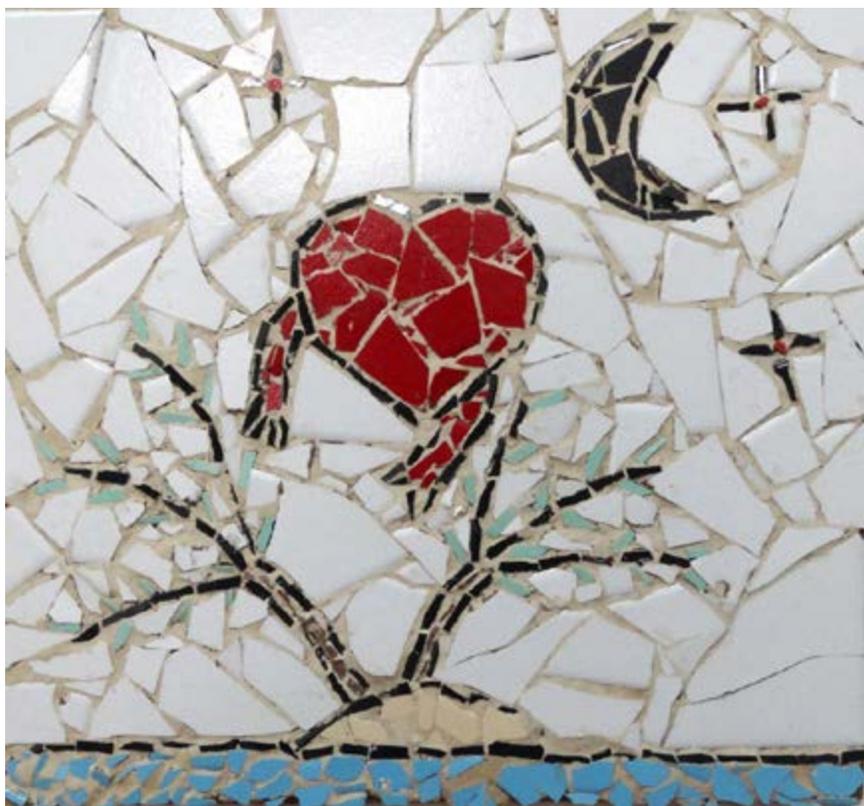
Participaram dessa oficina não somente adolescentes, mas também familiares. Cabe aqui recordar que, ao frequentar a oficina, a mãe de um adolescente se cortou e teve uma reação de retraimento brusco, revelando enfim à monitora que era soropositiva para hiv e que o próprio filho a desprezava. Débora M. Peron a auxiliou a se lavar e conversaram sobre o assunto, diluindo o mal-estar. A mãe encontrou espaço para chorar um pouco e ficou melhor²²¹.

O sentido simbólico do mosaico é o de – através do exercício de juntar os caquinhos numa composição nova e bela – reunir forças, reestruturando a vida de uma maneira positiva e agradável (imagem 53). Primeiro refletiam sobre uma ideia, em seguida desenhavam num papel ou diretamente no suporte e depois vinha o processo construtivo, quebrando os azulejos que seriam fixados. Contavam muitas coisas de seu cotidiano e o porquê de haverem recebido medida socioeducativa e era comum fazerem suas composições com cacos muito pequenos, pois tinham dificuldade em organizar o pensamento²²². Visto que os adolescentes tinham muito prazer em levar para casa o que produziam, somente algumas composições realizadas nessa oficina permaneceram no SEAME e infelizmente não se preservou o nome de seus autores. Uma dessas composições é um noturno, com céu

²²¹ Segundo o depoimento de Débora Mattos Peron ao autor, Piracicaba, 11.12.2015.

²²² Idem, ibidem.

preto, estrelas azuis e uma grande Lua branca em forma de letra “c”. Revela ordenação pacienzosa na junção das partes. O outro mosaico (2004-2005; 30 x 30 cm – Piracicaba, acervo SEAME; imagem 54) – feito por uma adolescente para o namorado – apresenta um noturno com céu branco, estrelas em forma de cruz preta com centro em vermelho, uma Lua preta, um mar azul claro com uma ilha clara onde estão dois coqueiros, cada um inclinado para um lado e acima de ambos um grande coração vermelho, com um cachecol semelhante a dois braços voltados para o coqueiro quase caído. É fruto de uma organização mais complexa que a anterior, apresenta irregularidades e ansiedade no fazer, mas sobretudo registra uma sintonia com a intenção do SEAME, que promove a conscientização dos adolescentes (os signos da ilha e da noite branca podem ser vistos como consciência) e oferece apoio humano e amoroso para reerguer a vida (o coração com braços para ajudar o coqueiro que cai) e aquece o coração (cachecol).



54. Sem Título, 2004-2005

Arteterapia

A oficina mais antiga que se mantém é a de Arteterapia, iniciada em agosto de 1998 e coordenada por Cássio Padovani, artista visual e arteterapeuta. Na Arteterapia se analisam as recorrências dos signos criados ou utilizados por uma pessoa ou grupo. Assim como na música e nas artes visuais o ritmo conduz o ouvido e o olhar do ouvinte e do observador, assim também na Arteterapia a recorrência dos signos guia a percepção e a análise do profissional, que trabalhará com o cliente na análise dessas recorrências em relação à sua vida, tornando conscientes os signos recorrentes e seus conteúdos simbólicos. No SEAME, essa oficina (imagem 55) tem por objetivo oferecer oportunidade de expressão aos adolescentes, em geral através das técnicas das Artes Visuais (desenho, pintura, colagem, modelagem em argila), de modo que:

- consigam dizer cada vez mais de suas vidas, proporcionando-lhes um gradual estímulo ao autoconhecimento e à compaixão;
- reconheçam suas potencialidades e seus limites, seu universo diferente dos demais, seus valores, suas preferências;
- possam experienciar seu lado criativo, recuperando a liberdade de fazer sem julgamentos segundo cânones de beleza;
- identifiquem e analisem os elementos recorrentes e inconscientes que se observam na sequência dos trabalhos e que estão dizendo algo sobre suas próprias vidas;
- sejam valorizados por si mesmos e pelos outros ao realizar algo positivo, belo e original, por vezes expondo seus trabalhos em instituições da cidade;
- facilitem a reinserção social dos adolescentes.

Assim é que foram realizadas exposições coletivas dos trabalhos produzidos pelos adolescentes do SEAME nos seguintes locais de Piracicaba: Catedral de Santo Antônio (“Com-posições”, dezembro de 1999), Casa do Povoador (“Renascimento”, novembro a dezembro de 2002 e “Renascimento II”, dezembro de 2003) (imagem 56), Teatro Municipal “Dr. Losso Netto” (“10 anos de Arteterapia no SEAME”, dezembro de 2008). Por ocasião da exposição de 2002 na Casa do Povoador, foi publicado o seguinte depoimento de Padovani:

Ao pintar, esses jovens conseguem falar mais da vida, do que geralmente falam. Conseguem falar de amor. Claro que a exposição

não é nada “light”, até porque não segue o padrão estético burguês. Mas está cheia de emoção, porque revela o sentimento e os sofrimentos de cada um desses adolescentes, que ficaram adultos muito mais cedo do que esperavam (...).

* * *

Na minha proposta de trabalho, tento primeiro estabelecer o resgate do valor humano que cada um tem de si. Eu não conheço a história desses alunos por opção, e eles sabem disso. Dessa forma, o que se instaura entre as partes é um pacto de confiança. Por isso, falamos de tudo sem preconceitos ou rótulos: de nossas vidas, problemas cotidianos, drogas, violência, sexo, ideologia, medo, futuro²²³.

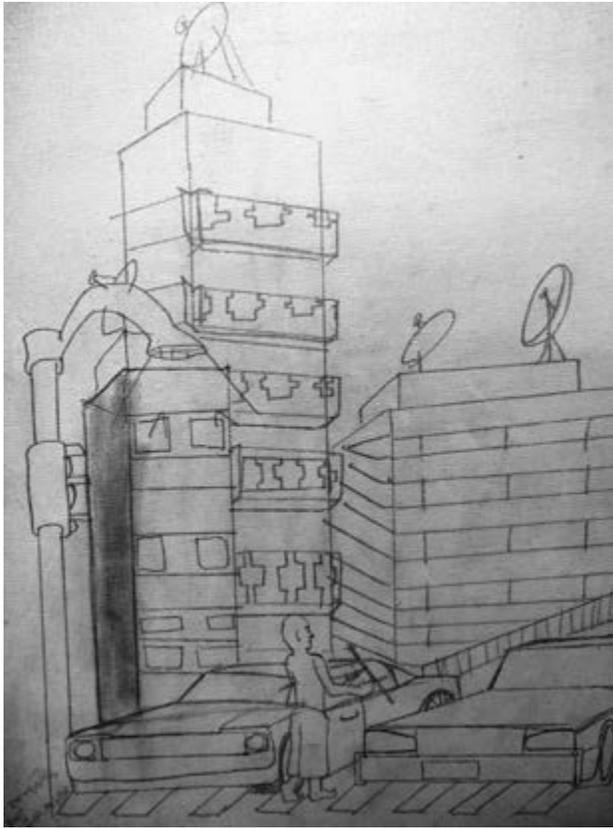


55. Oficina de Arteterapia no SEAME – monitor Cássio Padovani



56. Exposição dos trabalhos da Oficina de Arteterapia – Casa do Povoador, Piracicaba

²²³ “Jornal de Piracicaba”, 26.11.2002, p. C-1.



57. O Retrato do Favelado (detalhe), 2006

Um trabalho significativo que deu conta de expressar o sofrimento, a marginalização e o mundo do crime é “O Retrato do Favelado” (2006; grafite sobre tela, 50 x 70 cm; Piracicaba, acervo SEAME), composto pelo adolescente M. A. F. (imagem 57). Foi apresentado na exposição de 2008 no Teatro Municipal “Dr. Losso Netto” e um dos quatro textos de apresentação da citada exposição, com curadoria de Cássio Padovani, assim discorria sobre o conteúdo desse trabalho:

(...) imagens de questões sociais, menores abandonados, periferia, violência e crime, apresentando um abandono e uma solidão notórios, como se este adolescente, ressentido de suas experiências, conseguisse por isso mesmo deitar olhos diferenciados sobre as pessoas desfavorecidas, misto de vítimas e heróis do crime. Em paralelo, há nele uma especial capacidade para o registro das cenas num espaço tridimensional, fazendo uso da perspectiva

linear com equívocos da regra que, no seu caso específico, salientam mais a espacialidade e o conflito. Temas urbanos das regiões centrais ou periferias são continuamente o palco de cenas agressivas, seja porque os carros ignoram o menor que realiza malabares no semáforo, seja pelo assaltante que amedronta as pessoas (...) ²²⁴.

Cássio Padovani realizou palestras sobre essa oficina, mostrando os resultados plásticos como signos das mudanças ocorridas nas vidas dos adolescentes: “O SEAME e o Sentido da Arteterapia com Adolescentes em Medida Socioeducativa”, ministrada na Casa do Médico, Piracicaba, a 10 de outubro de 2012 e “Arteterapia como Medida Socioeducativa”, ministrada no Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes”, Piracicaba, a 27 de março de 2015.

Cabelo

A Oficina de Cabelo ocorreu pela primeira vez no SEAME de agosto a dezembro de 2005 com duas cabeleireiras profissionais, Maria Aparecida Ferraz (Cidinha) e Denize Junqueira, convidadas pela instituição (através do Orientador de Medida Raul Marques sob a Coordenação de M. Cecília P. C. Zaia). Cidinha, pedagoga de formação, fora Coordenadora do Lar Franciscano em Piracicaba, nas proximidades do SEAME, no período de 1989-2000. Tornou-se cabeleireira e com Denize fundou a Escola “Art Hair” que desenvolve há dezessete anos projetos itinerantes a cada seis meses nas instituições ou comunidades de Piracicaba, como Casas de Recuperação de Drogadictos, Presídios, antigo Hospital Psiquiátrico “Cesário Motta”, centros comunitários, salões de igrejas e até em garagem de residência, oferecendo Cursos de Cabelo e de Manicure inteiramente grátis à população, um serviço meritório e sem propaganda mas de ampla aceitação. Quando da conclusão dos cursos, os formandos passam também a ser “Anjos da Beleza”, colaboradores nas ações voluntárias com Cidinha e Denize, para atuações com moradores de rua ou detentos. Em dezembro de 2015 estavam cadastrados 1710 “Anjos da Beleza”. Desde dois anos o Rotary de Piracicaba colabora com o trabalho voluntário da “Art Hair”, oferecendo-lhe materiais. A Oficina de Cabelo coordenada por Cidinha e Denize no SEAME

²²⁴ Cf. Banner da exposição com Texto 2, conservado no SEAME.

ofereceu o Curso de Corte de Cabelo (masculino e feminino) e o Curso de Manicure (imagem 58).



58. Oficina de Cabelo no SEAME
– entrega de certificados pelas monitoras Cidinha e Denize Junqueira, 2005



59. Oficina de Cabelo, Manicure e Pedicure no SEAME
– monitora Ketty F. Stroz, 2007-2009

De meados de 2007 a dezembro de 2009, Ketty Fernanda Stroz, cabeleireira profissional, coordenou a segunda oficina da

mesma área. Nesse tempo a oficina se propôs a oferecer aos adolescentes uma formação básica de manicure e auxiliar de cabeleireiro (imagem 59). Desse modo, utilizando-se de encenações com os adolescentes, Ketty os preparou para o atendimento ao público – como abordar o cliente e o receber no salão, como limpar e organizar o ambiente, como lavar e escovar o cabelo e inclusive lhes ensinou rudimentos de tintura. Todavia, não lhes ensinou o corte. A oficina funcionou, num estrato mais profundo, no sentido da recuperação da capacidade de sonhar, imaginar e programar um futuro melhor, demonstrando aos adolescentes que a área profissional de cabelo “não exige muito estudo mas, sim, dedicação”²²⁵, possibilitando que se constitua um salão em lugares diversos e ainda o atendimento a domicílio e esse meio pode ser lucrativo, em oposição ao mundo do crime. Acrescente-se ainda que, aos adolescentes do SEAME, que em geral se sentem feios, a profissão de cabeleireiro pode oferecer a oportunidade de se sentirem mais bonitos e a experiência da criação, de um certo “glamour”, desconhecido em suas vidas. Outro aspecto salientado é que, pelo fato de mexer no cabelo do cliente, a profissão cria vínculos de confiança, afeição e respeito: “o cabeleireiro acaba se tornando muito querido no meio deles”²²⁶.

O tempo da atuação de Ketty no SEAME lhe foi positivo: “Aprendi a enxergar esse outro lado que a gente não vê, o mundo do crime; na verdade, é a falta de oportunidade (na vida do adolescente)”²²⁷. E testemunha que a oficina auxiliou particularmente a um adolescente que seguiu a profissão de cabeleireiro, através de um curso da ABIL²²⁸.

A Oficina de Cabelo foi reaberta em outubro de 2014 e permaneceu até maio de 2016, tendo como monitor Robson da Silva, cabeleireiro profissional. Nessa oficina participavam adolescentes com medida socioeducativa e os do Projeto Preventivo (imagem 60). O monitor deixava claro aos adolescentes que se tratava de um início em sua formação, que não se preocupassem com lucro de imediato, esclarecendo-os de que poderiam um dia ser cabeleireiros profissionais

²²⁵ Depoimento de Ketty F. Stroz ao autor, Piracicaba, 2.7.2015.

²²⁶ Idem, *ibidem*.

²²⁷ Idem, *ibidem*.

²²⁸ Idem, *ibidem*.

ou mesmo se utilizar dessa aprendizagem para seguir pelo caminho de outra profissão que tenha alguma afinidade com ela. Ensinava-lhes a ter postura profissional, ética, a não rejeitar clientes (como, por exemplo, alguma pessoa do bairro com a qual não tivessem afinidade ou amizade), a não desprezar os diversos tipos de cabelo (já que são responsáveis pelo seu ganha-pão) e como limpar o ambiente. Ministrou o Módulo de Corte e Acabamento, com duração de três meses e o Módulo Completo, este em quatro etapas (Penteado; Hidratação e Escova; Coloração e Selante; Maquiagem e Corte) e com duração de seis meses. Robson ofereceu demonstrações práticas de como atuar, utilizando cabeças de boneca específicas para corte; alguns profissionais do SEAME, os adolescentes e ocasionalmente seus familiares se ofereceram como modelos para receber corte e/ou hidratação. O próprio monitor da oficina teve seu cabelo cortado por um dos alunos, o qual lhe pediu licença para isso. Há adolescentes formados tanto em um como em outro módulo e atuando como profissionais na cidade, inclusive o citado que cortou o cabelo do monitor²²⁹.



60. Oficina de Cabelo no SEAME – monitor Robson da Silva, 2016

Oportunidade de aprendizado, embelezamento, contato e diálogo. Todas essas questões são de importância para o trabalho do SEAME com adolescentes com medida socioeducativa ou com aqueles do Programa Preventivo. A aprendizagem técnica e profes-

²²⁹ Segundo o depoimento de Robson da Silva ao autor, Piracicaba, 5.1.2016.

sionalizante vem permitindo a diversos adolescentes que comecem uma atuação no seio familiar e nas proximidades de suas residências, para depois atingir uma clientela mais ampla em espaços de maior evidência. Cabe aqui o testemunho da adolescente A., vinda do Projeto Preventivo, que participa há mais de um ano da oficina monitorada por Robson da Silva: “Antes eu não conseguia fazer nem corte. Agora eu consigo fazer um corte diferente do outro. Já cortei o meu cabelo, o da minha mãe, o da minha irmã”²³⁰. A Oficina de Cabelo promove a recuperação da autoestima pela renovação da aparência, quando as pessoas se sentem mais belas, aceitáveis e mesmo desejáveis, devendo-se considerar que são recorrentes entre os adolescentes do SEAME os históricos de pobreza, desprezo, marginalização e baixa autoestima. O simbolismo do cabelo como força vital, como pensamento que sai da cabeça e como elemento de sensualidade está presente silenciosamente nessa oficina, mesmo que não se converse sobre isso. Desenhos nos cabelos podem explicitar códigos de pensamento e pertença a grupos determinados. Papel fundamental nessa oficina exerce o contato do profissional com o cabelo do adolescente, vencendo as barreiras de isolamento e blindagem que muito frequentemente ele coloca para si e para os outros.

Pentear os cabelos de alguém é um sinal de atenção, de boa acolhida; e catar os piolhos também tem o mesmo sentido, para numerosos povos (russos, dravidianos da Índia). Em compensação, deixar-se pentear por alguém é sinal de amor, de confiança, de intimidade. Pentear alguém longamente significa embalar, adormecer ou acariciar esse alguém (...)²³¹.

Esportes

Em 1999 o SEAME ofereceu aos adolescentes aulas de Educação Física com Maria Teresa C. Toagliari. Mais tarde é que surgiu a Oficina de Esportes, podendo ser citados, entre outros monitores, Rodrigo de Oliveira Righeto, quando ainda era utilizado o campo de futebol do Lar Franciscano (imagem 61). Ocorria campeonato de

²³⁰ Depoimento de A. C. N. S. ao autor, no SEAME, 25.1.2016.

²³¹ CHEVALIER e GHEERBRANT, “Dicionário de Símbolos”, p. 155.

pipa com os adolescentes do SEAME232. Em 2008 Marcelo Ortega monitorou a Oficina de Esportes, fazendo uso da quadra poliesportiva do SEAME, que já estava construída. Era muito ativa a Oficina, com uma participação de até vinte e dois adolescentes²³³; havia campeonato de futebol entre os bairros, que se realizava no SEAME²³⁴.

Em 2015 foram cedidos pela SELAM (Secretaria de Esportes, Lazer e Atividades Motoras) ao SEAME dois profissionais, Edson Carioca e Wellington Correia Fraga, mas, devido à pequena demanda dos adolescentes, o SEAME liberou o primeiro dessa função em abril de 2016, permanecendo somente o segundo, com dois horários de prática esportiva por semana, um para os adolescentes do Projeto Preventivo e outro para os da Liberdade Assistida (imagem 62).

Diversos profissionais monitoraram as atividades, com o cuidado de promover nos adolescentes a noção da obediência às regras e o conhecimento dos limites durante o exercício da competitividade, o trabalho em equipe, o prazer de se destacar como bom jogador ou equipe vencedora, mas igualmente modos de elaborar a frustração decorrente de perder uma partida. Tudo isso colabora na reinserção social dos adolescentes com medida socioeducativa.



61. Oficina de Esportes no SEAME – monitor Rodrigo Righeto, antes de 2005

²³² Segundo o depoimento de Juney Micael Ulisses Dionísio, 15.6.2016.

²³³ Segundo o depoimento de Sebastiana A. Pinson, 15.6.2016.

²³⁴ Segundo o depoimento citado de Juney Micael Ulisses Dionísio, 15.6.2016.



62. Oficina de Esportes na quadra poliesportiva do SEAME
– monitor Wellington C. Fraga, 2016

Informática

A Oficina de Informática no SEAME ocorreu pela primeira vez de agosto de 1999 a dezembro de 2001, monitorada por Juney Micael Ulisses Dionísio na sua própria sala de trabalho, onde exercia as funções de Auxiliar de Escritório e Ecônomo. Por causa das dimensões do espaço e dos poucos computadores à disposição, ele ensinava apenas um ou dois adolescentes de cada vez. O monitor enfrentou dificuldades em ensinar os adolescentes porque eles não tinham por vezes um mínimo de alfabetização e não conseguiam preencher um currículo, através do Word ou dos cálculos no Excell. Na ocasião havia computadores precários, monitores monocromáticos, com tela verde ou cinza²³⁵ (imagem 63).

²³⁵ Segundo o depoimento citado de Juney Micael Ulisses Dionísio, 6.1.2016.



63. Oficina de Informática no SEAME – monitor Micael Dionísio, 1999-2001



64. Oficina de Informática no SEAME
– monitora Renata Cancelliero S. Dantas, 2007-2009

Com a construção da nova ala do SEAME, houve disponibilização de dez computadores doados pelo Banco do Brasil, adequados numa sala específica para a Oficina de Informática, monitorada por Renata Maria Cancelliero da Silva Dantas, com grande frequência de

adolescentes (imagem 64). Isso ocorreu durante o período de dois anos e alguns meses, de 2007 a 2009, sob a Coordenação de M. Cecília Zaia. A monitora atendia em grupos de 1 hora, em quatro turmas (entre as 13 h e as 17 h), nas terças, quartas e sextas-feiras, sendo que o mesmo adolescente poderia vir nos três dias citados. Ensinou-lhes como utilizar o Word, o Excell, como fazer pesquisas sobre saúde e chegou a auxiliar alguns nos campos da leitura, da escrita, da Matemática. Estimulou outros a colorirem mandalas. A oficina monitorada por Renata foi espaço para formação de vínculos e humanização, quando dialogava com os adolescentes sobre princípios de honestidade, justiça e lhes dava limites, como mestra e mãe. Os adolescentes lhe diziam: “Você se impõe de uma maneira que não machuca a gente”²³⁶. Somente uma vez usou de severidade com um adolescente, para o qual não mais deu aulas, mas, depois de tempos, quando se encontraram pelas ruas da cidade, ele se desculpou com Renata²³⁷. Recordar-se de um adolescente que havia sido encaminhado à Fundação CASA por homicídio e depois viera ao SEAME e à sua oficina. Tinha muito dom para curar as pessoas (médico, enfermeiro, terapeuta) e todavia morreu numa tentativa de roubo, quando, surpreendido por um policial, não abaixou a arma e foi alvejado²³⁸. Muito significativo foi o contato em sua oficina com o adolescente A., atendido pelo Orientador de Medida Raul Marques: ele se travestia e prostituía no centro da cidade e nessa condição veio ao SEAME. Reconheceu “a loira” (Renata) dos tempos anteriores em que ela trabalhava na conveniência de um posto de gasolina e lhe mostrou uma fotografia para que ela o identificasse como alguém conhecido no passado; ela se recordou, assim, de que o adolescente fizera escândalo por conta de uma caixa de fósforos e que ela o enfrentara, dando-lhe limites. Mas agora eram amigos e a monitora retomou o assunto com A., que lhe pediu perdão e chorou, de modo que ficaram mais amigos²³⁹.

Em paralelo ao começo da oficina monitorada por Renata, a doação de trinta computadores feita pela ESALQ (USP), Piracicaba, exigiu a contratação do prestador de serviço Caio César Bomtempo

²³⁶ Depoimento de Renata M. Cancelliero S. Dantas ao autor, Piracicaba, 5.12.2015.

²³⁷ Idem, *ibidem*.

²³⁸ Idem, *ibidem*.

²³⁹ Idem, *ibidem*.

para a recuperação e formatação das máquinas que ainda tivessem condições de funcionar. Após esse serviço, foi convidado no primeiro semestre de 2007 para monitorar uma Oficina de Hardware, coincidindo com uma verba que o SEAME recebera. Essa oficina se estendeu por seis meses, sempre uma vez à tarde na semana, ensinando montagem e desmontagem de computadores e configuração do sistema operacional (instalação do Windows e do Office). Em média frequentavam a oficina sete adolescentes. Demonstravam interesse e aprendiam. A oficina se encerrou quando se extinguiu a citada verba que o SEAME recebera²⁴⁰ (imagem 65).



65. Oficina de Hardware no SEAME - monitor Caio C. Bomtempo, 2007

Depois, por volta de 2010 a 2012, Henrique Aoki Heredia (“Mandchuria”) foi monitor da Oficina de Informática.

Marcante nessa oficina era a exigência de disciplina, para se conseguir memorização e aproveitamento. O intuito da oficina era proporcionar aos adolescentes o domínio de saberes próprios à Informática, valorizando o currículo deles quando fosse o tempo de ir em busca de emprego.

No primeiro semestre de 2015, um patrocínio do grupo empresarial Raízen possibilitou nova ambientação da sala de Informática com mobiliário e novos computadores e o mesmo grupo enca-

²⁴⁰ Segundo o depoimento de Caio César Bomtempo ao autor, Piracicaba, 9.12.2015.

minhou funcionários para trabalho voluntário em eventos beneficentes do SEAME (imagem 66).



66. Sala de Informática no SEAME, julho 2015 – patrocínio RAÍZEN

Empregabilidade

A Oficina de Empregabilidade, ou seja, de Orientação Profissional e de Carreira, surgiu no SEAME numa parceria com a UNIMEP, orientando a questão do desejo e a busca em termos profissionais com o objetivo de salientar a importância do trabalho para a construção da identidade e projeto de vida do adolescente em medida socioeducativa, favorecendo o autoconhecimento e a conscientização quanto à importância da formação escolar. A monitora Paula Batistela, estagiária do Curso de Psicologia da UNIMEP, sob a orientação do Professor Edgar Pereira Jr., contou com o apoio de outra estagiária, Ana Paula Dessoti (imagens 67 e 68).



67. Oficina de Empregabilidade no SEAME - monitora Paula Batistela, 2015



68. Trabalho realizado na Oficina de Empregabilidade no SEAME, 2015

A oficina, que ocorreu de agosto a dezembro de 2015 no SEAME, atingiu o Projeto Socioeducativo e o Projeto Preventivo igualmente, reunindo adolescentes em encontros semanais de duas horas, mas sem caráter obrigatório e alcançou uma adesão ou frequência média de cinco pessoas. Cada encontro abordou um tema de modo independente, facilitando a entrada de outros adolescentes enquanto a oficina caminhava. Os temas foram: a importância do trabalho para a vida da pessoa; autoconhecimento; possibilidades de atuação; trabalho formal x trabalho informal; direitos trabalhistas; mercado de trabalho; processo seletivo; fontes de recrutamento.

Paula Batistela, após a oficina, foi contratada como Orientadora de Medida pelo SEAME em janeiro de 2016.

A Oficina de Empregabilidade voltou a ocorrer de 30 de março a 27 de abril de 2016, num total de cinco encontros, tendo como monitora Ana Paula Dessoti, auxiliada por estagiárias, sob a orientação do citado Prof. Edgar Pereira Jr. e alcançou uma frequência média de dez pessoas, o que indica maior adesão dos adolescentes, porque identificam esse recurso que a instituição lhes oferece desde 2015.

Projeto Geração XXI

O Projeto Geração XXI: Ecoempreendedores do Futuro foi implantado no SEAME desde o ano 2000 até 2002, promovido pelo Governo do Estado de São Paulo através da Diretoria Regional de Assistência e Desenvolvimento Social (DRADS) de Piracicaba, num programa que foi aplicado em diversos municípios. Ocorreu inicialmente no SEAME, no tempo em que Léia M. G. Rolim era Coordenadora.

A idade dos participantes era de 12 a 18 anos e havia duas frentes de trabalho: por um lado, o Projeto era preventivo, aplicado em escolas rurais, em Anhumas e nos Bairros Campestre e Santa Terezinha; por outro lado, era inclusivo, aplicado diretamente no SEAME, através de atividades com adolescentes com medida socioeducativa. Depois, em 2002, o Projeto ficou a cargo da Prefeitura Municipal de Piracicaba.

Era um projeto socioambiental, constituído de oficinas temáticas e cursos de capacitação voltados para o ecomercado de trabalho, com o objetivo de despertar nos participantes a construção de um projeto de vida e promover a cidadania dos mesmos. A Coordenação esteve a cargo de Euzileide Maria Silva Alegretti (apelidada Leide), assistente social de formação e de Sílvia Yochie Kataoka, engenheira florestal, Coordenadora da área ambiental. Também participaram Marcela Paineiras Año e estagiários que iam até as escolas.

Segundo Euzileide Alegretti²⁴¹, o Projeto Geração XXI procurava trabalhar na linha da sustentabilidade, respeitando os ciclos das plantas, promovendo a reciclagem, a reutilização de materiais (papel reciclado; palha de banana; cestaria de bambu; mosaico) e com a proposição de temas em que os adolescentes se vissem como protagonistas da própria história (solidariedade, perseverança, autoestima, família, etc.) (imagens 69 e 70).



69. Projeto Geração XXI no SEAME – coordenadora Euzileide Alegretti, 2000-2002

²⁴¹ Segundo o depoimento ao autor. Piracicaba, 23.3.2016.



70. Projeto Geração XXI numa escola
– oficina de artesanato da palha da bananeira, 2000-2002

O Projeto conscientizava os professores (para que repassassem as informações aos alunos) em diversas escolas quanto à importância da coleta seletiva, compostagem, etc. e por vezes os alunos eram convidados a participar da compostagem, da horta e saboreavam as hortaliças produzidas. Como o Projeto Geração XXI visava a formação dos adolescentes, facilitando a inclusão futura no mercado de trabalho, determinadas produções foram comercializadas e o rendimento financeiro foi entregue a cada um dos adolescentes, devendo-se recordar que as profissionais orientavam os adolescentes a utilizarem adequadamente o dinheiro obtido, na compra de algo positivo para eles e não no consumo de drogas, por exemplo. A satisfação que isso lhes produziu foi marcante.

Euzileide se recorda de que, num final de ano e auxiliada por Lene Bassa, promoveu em sua chácara particular em São Pedro (SP), um churrasco para os adolescentes. “Encontrei algumas moças que passaram pelo Projeto Geração XXI. ‘Dona, como a senhora não se lembra de mim? Eu estive naquele churrasco, dona. Foi o dia mais feliz da minha vida’”²⁴².

Projeto Agente Jovem

O Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano, financiado pela parceria dos Governos Federal e Estadual

²⁴² Idem, *ibidem*.

com a Prefeitura Municipal de Piracicaba, ocorreu como proposta socioambiental para adolescentes de 15 a 17 anos, vinculados ao SEAME e com extensão a familiares e amigos, no período de dezembro de 2001 a abril de 2002. Direcionado a adolescentes em situação de risco social, promoveu o resgate da autoestima e dos vínculos familiares, a integração social e a qualificação para o ecomercado de trabalho. Foi coordenado por Roselena Maria Bassa (apelidada Lene), assistente social de formação. Participaram como instrutora social Mara Lúcia Groppo Vieira, assistente social e como instrutora ambiental Sílvia Yochie Kataoka, engenheira florestal. Cerca de 25 adolescentes participaram do Projeto (imagens 71 e 72).

Um ônibus transportava os adolescentes desde bairros diversos até o SEAME, onde estava Lene Bassa com os lanches e todos iam para a Estação Experimental de Tupi (Horto Florestal), Piracicaba. Aquele lanche talvez fosse a última refeição do dia para alguns dos adolescentes. No retorno, todos eram levados pelo mesmo ônibus de volta a seus bairros.

Dentro do Projeto Agente Jovem havia dinâmicas de entrosamento e rodas de conversa de cunho social com os adolescentes, para facilitar a verbalização, a expressão, o pensamento, promovidas por Mara Lúcia Groppo Vieira, abordando temas como participação na escola, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, planejamento financeiro. Alguns adolescentes procuravam a instrutora social para conversas particulares sobre situações específicas em suas famílias (alcoolicismo, drogadicção, violência doméstica, encarceramento dos pais por roubo e tráfico) e sexualidade.



71. Projeto Agente Jovem, 2002



72. Projeto Agente Jovem, 2002

Havia uma bolsa para adolescentes que frequentassem o Projeto e tivessem regularidade na escola; o dinheiro era recebido pelos responsáveis, em reuniões com as técnicas e os adolescentes.

O Projeto Agente Jovem comportava ainda alguns programas na linha da sustentabilidade, da compostagem, do plantio e das artes:

1. “Toco Legal”, produzindo banquinhos e mesinhas a partir de tocos descartados de árvores;
2. Oficina de Capoeira;
3. Oficina de Teatro com o ator Chapéu;
4. Plantio de árvores de pequeno porte no Bairro Paineiras, conscientizando os moradores para zelarem pelas mesmas;
5. Oficina de Taboa Trançada para fabricação de cadeiras, monitorada por Guido Zanlorenzi, engenheiro agrônomo de formação.

Lene Bassa apontou como pontos positivos do Projeto Agente Jovem o fato de que alguns adolescentes deixaram de consumir e/ou traficar drogas e que o vínculo familiar foi fortalecido; o ponto negativo foi que um dos adolescentes foi assassinado por causa de dívidas de drogas²⁴³. Ela também afirmou: “Eu ainda encontro alguns jovens que passaram pelo Projeto e de forma positiva se recordam daquele tempo”²⁴⁴.

²⁴³ Segundo o depoimento de Roselena Maria Bassa ao autor, no SEAME, Piracicaba, 11.4.2016.

²⁴⁴ Idem, ibidem.

IV. Mudança de Vida

*Arranquei o pobre brinquedo das mãos da criança e bati-lhe,
Os seus olhos assustados do meu filho que talvez terei e que
[matarão também*

*Pediram-me sem saber como toda a piedade por todos.
Do quarto da velha arranquei o retrato do filho e rasguei-o,
Ela, cheia de medo, chorou e não fez nada...*

*Senti de repente que ela era minha mãe e pela espinha abaixo
[passou-me o sopro de Deus*

(FERNANDO PESSOA)²⁴⁵.

O SEAME conheceu desde sempre a dificuldade de que os inúmeros adolescentes fossem dóceis a um processo de transformação para seu próprio bem e de toda a sociedade. A frustração diante da resistência e da morte é um dos elementos quotidianos no trabalho da instituição. Irmã Geralda Neuza Hipólita exemplificou isso em palavras precisas, num texto ao autor, que intitulou como “Um fato que muito me marcou logo no início”:

²⁴⁵ “Ode Marcial, g” in “Poesia Completa de Álvaro de Campos”, p. 145.

Havia um casal que acompanhava um dos Menores, isto é era seu padrinho. Numa 6ª. feira da paixão ele chegou à minha casa, no Jardim das Flores, muito triste, e dizendo ter ido à casa do seu afilhado. Soube que ele mais 2 outros tinham participado do roubo de um carro.

A polícia matou um, deu um tiro no seu afilhado e o outro se rendeu. Seu afilhado estava em casa sem poder se mexer, pois tinha sido atingido na coluna. Fui no mesmo instante com ele até a casa. Lá encontrei o menor num quartinho, no quintal, fora da casa da família, sobre uma cama, todo sujo e cheio de formigas. Cuidamos do jovem. Conversamos com a mãe. Ela disse não poder cuidar do filho. Conversando no juizado soubemos que ele era fujitivo da FEBEM. Tratamento para ele, só em São Paulo. Na 2ª. feira depois da Páscoa ele foi encaminhado para o Hospital Heliópolis de São Paulo. Cheguei a fazer-lhe uma visita. Dias após veio a falecer.

Quanto ao que se rendeu, foi encaminhado para uma Casa de Menores, em Batatais. Ao visitá-lo, quando me viu, disse-me: “se conselho adiantasse eu não estaria aqui”. Ao voltar a Piracicaba continuou ligado ao SEAME, mas infelizmente não conseguimos reabilitá-lo. Quando interrogávamos pelo por que de fazer algo às pessoas, sua resposta era: “a vida não vale nada”. Era um menino que, após a morte da mãe, o pai nada conseguia com ele. Não foi mais ao SEAME e não ficamos sabendo da sua vida²⁴⁶.

Real e lamentável episódio, que poderia desestimular o trabalho da instituição. Todavia, o desejo de prestar um serviço permaneceu.

Dados mais recentes podem exemplificar a complexidade da questão. Em 2014, na sua qualidade de executor das medidas socioeducativas (LA e PSC) o SEAME forneceu à Prefeitura Municipal de Piracicaba dados de ordem quantitativa e comparativa com outros anos em relação aos adolescentes atendidos, para estabelecer um “contorno” facilitador de um diálogo sobre o Plano Municipal:

– com relação à infração, os casos atendidos em 2013 foram: por tráfico 79 (jan.) e 138 (dez.), por roubo 47 (jan.) e 63 (dez.), por furto 8 (jan.) e 21 (dez.), por uso/porte de entorpecente 5 (jan.) e 10 (dez.), por porte de arma de fogo 3 (jan.) e 1 (dez.), outros 18 (jan.) e 34 (dez.);

²⁴⁶ Carta B ao autor, São Paulo, 18.1.2016.

– com relação às medidas aplicadas, comparando os dados dos anos de 2006, 2010 e 2013, observou-se que os casos de PSC foram 31 (2006), 33 (2010) e 19 (2013), enquanto os de LA atingiram significativo aumento: 171 (2006), 92 (2010) e 398 (2013). Por outra parte, as medidas judiciais relativas ao regime de semiliberdade foram 6 (2006), 2 (2010) e nenhuma (2013), enquanto que as medidas de internação foram 38 (2006), 128 (2010) e 111 (2013);

– a comparação entre reincidências e casos novos atendidos durante 2013 e o primeiro semestre de 2014 demonstrou em todos os meses uma diferença significativa entre uns e outros, bastando aqui o exemplo de 2014: 4 reincidências “versus” 10 casos novos (jan.), 6 x 24 (fev.), 5 x 19 (mar.), 1 x 19 (abr.), 4 x 31 (mai.) e 1 x 21 (jun.).

Um levantamento prévio realizado sobre os 269 casos ativos (em atendimento) em junho de 2014 ofereceu os seguintes dados: tais encaminhamentos judiciais com medida socioeducativa eram devidos ao tráfico (51%), ao roubo (22%), ao furto qualificado (7%), ao uso e/ou porte de entorpecente (3%), ao porte de arma de fogo (1%) e a outros (16%). As causas disso foram identificadas como: influência de terceiros (47%), desestrutura familiar (21%), baixa renda (15%), autoafirmação (8%), falta de perspectiva (5%), ausência familiar (3%) e para manter o uso de drogas (1%). Quanto às drogas 73% faziam uso e 27% não. Quanto aos genitores desses adolescentes, a figura paterna era considerada ausente (55%), negativa (13%), positiva (28%), transferida a terceiros (4%) e a figura materna era considerada positiva (59%), ausente (20%), negativa (17%) e transferida a terceiros (4%).

De outra parte, talvez esses dados registrados acima possam ser complementados, numa pesquisa futura, com as porcentagens das visitas de ex-atendidos, que ultrapassam o portão do SEAME sem constrangimento, sem medida socioeducativa, por livre determinação, para rever o espaço e os funcionários. Por vezes, solicitam ajuda para formular um currículo, quando buscam emprego. Em outros casos, com gratidão, retornam para mostrar aos Orientadores de Medida, à cozinheira, ao guarda, a prova de que eles mudaram suas vidas para melhor: quem trabalha no SEAME já viu bem mais de um rapaz chegando num dia de férias com a esposa e um bebê nos braços. Um desses casos é o de W., nascido em 1983, que recebeu medida socioeducativa de Liberdade Assistida por um ano e foi atendido na época por dois profissionais,

Cecília Zaia (assistente social) e Raul Marques (psicólogo). Quando se encerrou o prazo de sua medida, W. pediu para continuar e obteve permissão. Foi quando participou das Oficinas de Papel Artesanal (com Lia Desjardins) e Arteterapia (com Cássio Padovani). Numa audiência, explicou ao Juiz que, apesar de concluída sua medida socioeducativa, quis continuar porque não tinha o que fazer em casa, enquanto que no SEAME participava das atividades e tinha amigos (os profissionais da Equipe Técnica) – o Juiz ficou surpreso²⁴⁷. Além de ter sido um adolescente que fez vínculo com a instituição e a frequentou com regularidade, cumprindo a medida que lhe foi devida, ele se casou com uma moça que sempre o apoiou e tiveram filhos, que por vezes levaram, satisfeitos, até o SEAME; W. se tornou um trabalhador responsável, marido presente e pai amoroso. Casos como esse talvez sejam testemunhos cabais da validade dos atendimentos, pois tais visitas são frequentes. Leonora Canguçu L. Costa observou: “Nós conhecemos até os filhos de ex-atendidos”²⁴⁸. O acima citado W. considerou sobre sua vida passada e atual: “Eu estou mil vezes melhor. Ainda bem que eu tive apoio. Hoje em dia eu poderia estar preso, morto ou numa cama de hospital”²⁴⁹. É possível observar como os Orientadores de Medida e os outros funcionários se sentem recompensados com esse presente da visita de alguém que mudou a vida para melhor. A autenticidade desse sentimento de satisfação – de ambas as partes – tem distinguido a atuação do SEAME ao longo dos anos. Como definiu Maria do Carmo L. Righeto: “O SEAME é uma referência positiva em algum momento na vida desse jovem. Aqui ele não tem apelido, aqui ele é tratado como humano”²⁵⁰. E um outro Orientador de Medida definiu de modo muito adequado o espírito cristão presente na instituição: “Não há maior caridade do que garantir o direito dele, formar o adolescente num total (postura, maturidade, escolaridade, etc.)”²⁵¹.

²⁴⁷ Segundo o depoimento citado de W. R. R. L., 17.1.2016.

²⁴⁸ “Em Foco”, artigo citado, 1º.12.2007, p. 3.

²⁴⁹ Depoimento citado, 17.1.2016.

²⁵⁰ Depoimento citado de M. Carmo L. Righeto, 29.1.2015.

²⁵¹ Depoimento de Leonardo Verdicchio Paiva, Orientador de Medida, ao autor no SEAME, Piracicaba, 17.9.2015.

A formação de vínculos – atenção, respeito, solicitude, desejo cordial de que o outro reorienta sua própria vida e caminha de modo mais satisfatório – promove em grande medida o nascimento de raízes, reflexão e mudanças de comportamento. Os vínculos positivos resgatam os adolescentes das tramas de outros vínculos de morte que anteriormente eram muito presentes. Mas sempre é fundamental que o adolescente queira mudar, que a família colabore com o SEAME e que ele se distinga do meio em que antes estava inserido. Todavia, como observou uma Orientadora de Medida: “Mesmo no caso dos mais resistentes, alguma coisa muda”²⁵². Muitos adolescentes reorientam suas vidas e começam a repensar suas posturas, a duvidar de seus preconceitos, através do diálogo com o Orientador de Medida e num processo em que identificam o zelo, a dedicação, o amor sincero que supõe dar limites e o desejo de que eles vivam melhor. Esse conjunto de vivências é o que mais lhes falta, causando estranhamento e sedução. Assim, muitos adolescentes acabam entendendo o valor das balizas que o SEAME lhes oferece, porque os Orientadores de Medida e outros funcionários realmente se preocupam com eles. Aqui se identifica a importância do papel do Orientador de Medida, exigindo desse profissional muita doação e flexibilidade e, se isso não ocorre, o adolescente fica prejudicado. O acima citado W., respondendo à pergunta tão comum entre a população piracicabana sobre a validade do SEAME, considerou: “Funciona, para mim funcionou. Eu não ‘aprontei’ mais”²⁵³. E acrescentou, quanto ao que aprendeu lá: “Muita coisa, a respeitar mais os outros, a ser mais humilde”²⁵⁴. Também a adolescente A., do Projeto Preventivo e que frequenta as Oficinas de Cabelo e Arteterapia, observou:

Antes eu não parava quieta. O SEAME ensinou como eu ter postura e também eu tratar as pessoas bem, como elas me tratam. Até nas aulas (na escola) eu presto mais atenção, não faço mais bagunça. Dentro de casa também parei de ser bocuda, de ser sem educação²⁵⁵.

²⁵² Depoimento citado de Maisa Santiago, 17.9.2015.

²⁵³ Depoimento de W.R. R. L., 25.10.2015.

²⁵⁴ Idem, *ibidem*.

²⁵⁵ Depoimento citado de A. C. N. S., 25.1.2016.



73. Sem Título, 2007

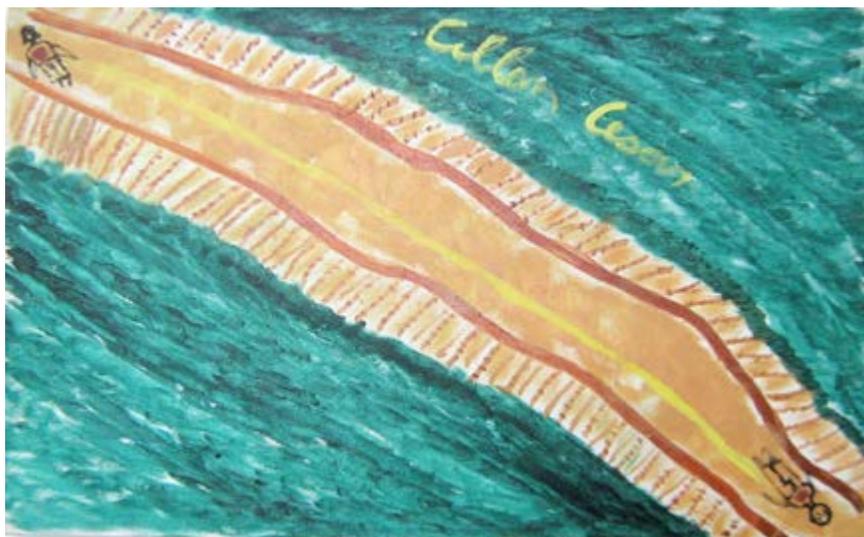
Um signo disso tudo que é reencontro consigo mesmo, resgate da esperança e salvação de sua própria vida, aparece na pintura (2007, acrílica sobre tela, 50 x 70 cm – Piracicaba, acervo SEAME) realizada na Oficina de Arteterapia pela adolescente V., na qual uma mulher – que se adiantou, saindo de sua casa num plano mais elevado – abre os braços em direção a um cãozinho esgotado que caminha em sua direção. O céu de inverno, o chão branco como neve gelada, a árvore sem folhas, contrastam com os matinhos nascendo na encosta como vida possível do lado de lá e são imagens de acolhimento os braços estendidos num peito vermelho amoroso e a casa iluminada tendo porta e janela abertas (imagem 73). Nessa pintura memorável, tudo testemunha como na adolescente o resgate de si mesma era algo que existia enquanto realidade que ela visualizava e à qual conseguiu tão propriamente dar forma plástica. Além disso, através desse mesmo signo, V. conseguiu definir o papel do SEAME e a expectativa de que cada adolescente consiga recuperar o fio de sua vida no contato com o Orientador de Medida.

Outra pintura que documenta o resgate de vínculos foi realizada pelo adolescente A., nascido em 1991, o qual apresentava défict intelectual, dependência do álcool, influência de más companhias e uma família que o tentou livrar dos fatores desviantes, da qual se distanciou por estar amasiado. Cumpriu medidas no SEAME (6 meses, de 2008 a 2009, em Liberdade Assistida por causa de roubo e 3 meses, de 2009 a

2010, em Prestação de Serviço à Comunidade por causa de furto). Na oficina de Arteterapia, possivelmente numa proposta relativa ao Dia dos Pais (agosto), o adolescente plasmou a imagem de uma estrada de terra rodeada de verde que une os corações do pai e do filho num mesmo fluxo de luz e energia de amor (2008, acrílica sobre tela, 50 x 70 cm – Piracicaba, acervo SEAME). Essa imagem registra o vínculo do adolescente com seu pai (apesar da distância), a consciência do amor como energia unitiva (o canal de luz que atravessa a estrada) e as disposições interiores desse rapaz, positivas, integrando a figura paterna (note-se aqui o coração maior) e assim visualizando – ainda que inconscientemente – a ponte pela qual ele se ligava a si mesmo (imagem 74).

As duas pinturas citadas tratam de espaços em que os adolescentes se reterritorializaram para uma vida nova e atestam que o SEAME foi um território onde os adolescentes puderam repensar vínculos e os expressar pela pintura.

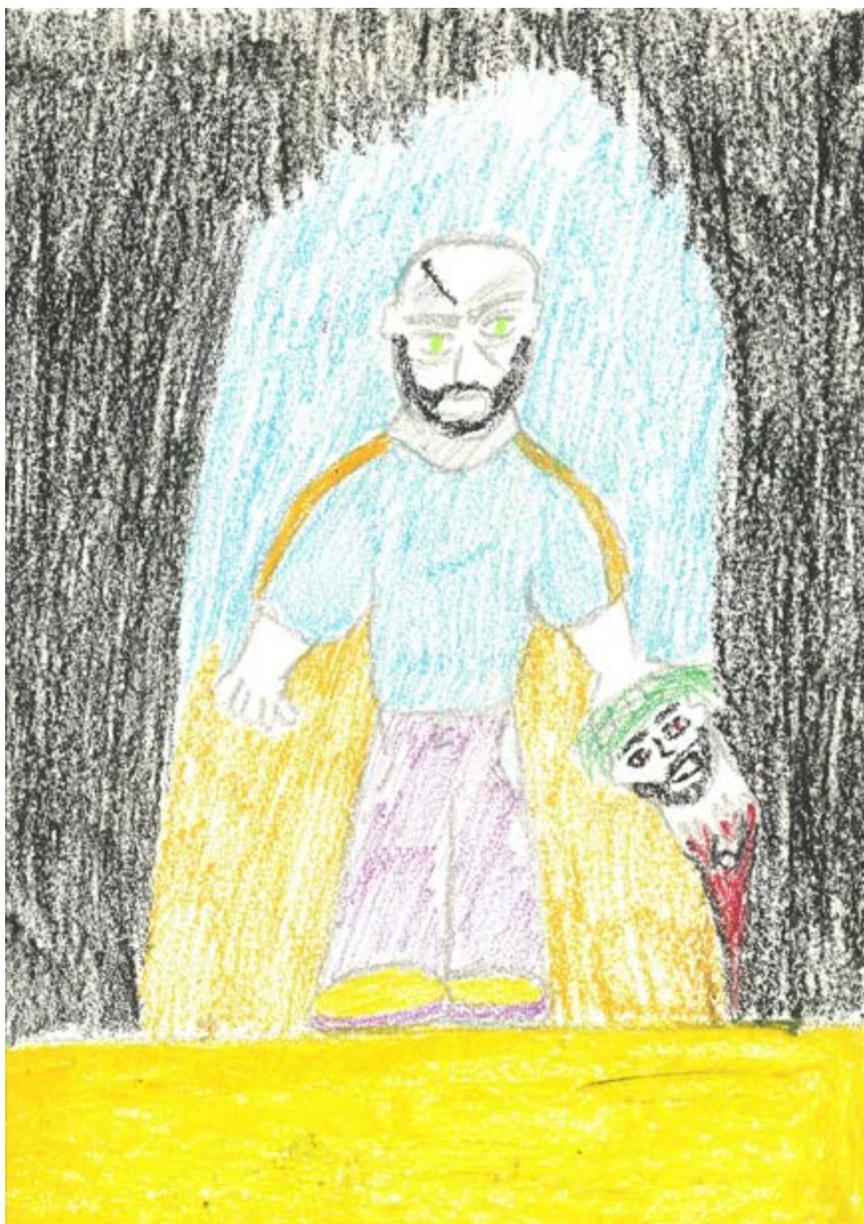
É claro que se pode suspeitar de que essas pinturas sejam apenas ocasionais, registrando situações sem lastro e um tanto construídas artificialmente. Mesmo assim, elas são um testemunho de que, em alguns dias, tais adolescentes fizeram uma parada no tempo e se dedicaram a repensar sua história, o que já é positivo e melhor que nada. Mas isso seria indevidamente desconsiderar todo o trabalho dos profissionais da instituição, cujo fruto aparece nas imagens que os adolescentes criam na Oficina de Arteterapia.



74. Sem Título, 2008

Um caso muito significativo e que ilustra um processo de mudança é o do adolescente M. Quando chegou ao SEAME, estava possuído por um ódio direcionado contra o pai. Vira-o muitas vezes bater na mãe e na infância o pai o esmurrava na cabeça. Revelou então à psicóloga do SEAME que o atendia e expressou o mesmo em seus desenhos na Oficina de Arteterapia: seu maior desejo era matar o pai, cortar-lhe a cabeça e enterrá-la em separado do corpo. Alguns desenhos chegavam a situar um túmulo ao fundo com datação da morte, tendo sempre no primeiro plano um homem forte, com cicatrizes na testa, que segurava numa das mãos uma cabeça degolada de homem. O desenho reproduzido aqui é de 2.8.2004 (pastel oleoso sobre canson A3 – Piracicaba, acervo SEAME) (imagem 75).

O processo de atendimentos psicológicos e arteterapêuticos que o SEAME garantiu a esse adolescente foi ocasião para que se formassem vínculos fortes. Aos poucos, o adolescente foi repensando suas programações quanto ao pai e sua produção de desenhos, colagens e pinturas foi registrando imagens mais amenas. No final de 2004 o SEAME levou alguns adolescentes e M. esteve junto para conhecer alguns pontos da cidade de São Paulo (SP): a Avenida Paulista, o MASP e seu acervo de obras de arte, os enfeites de Natal nos grandes espaços da cidade, um lanche em local diferenciado, etc. M. observou que esse e mais outro com um tio foram os dias mais felizes de sua vida. Ele cumpriu com regularidade exemplar a medida de Liberdade Assistida e, por causa da maioridade atingida, teve de deixar o SEAME muito a contragosto. Encontrou-se com o arteterapeuta Cássio Padovani por duas ou três vezes nas ruas da cidade de Piracicaba e lhe pediu encarecidamente o favor de voltar às sessões, observando que não precisavam lhe dar nem lanche, nem passes de ônibus (o que diferencia muito a situação, considerando o afã com que os adolescentes na ocasião esperavam o lanche e os passes fornecidos pelo SEAME). O caso foi levado à Equipe Técnica, que decidiu oferecer ao adolescente um prazo de mais três meses, de modo que ele pudesse “fazer um fechamento” interior de seu vínculo afetivo com a instituição. Foi avisado e compareceu regularmente, satisfeito e, ao cabo do prazo estabelecido, estava bem e preparado para partir.



75. Sem Título, 2.8.2004

Mais de um ano depois, retornou em visita ao SEAME, acompanhado de sua namorada: trabalhando no Reciclador Solidário da Prefeitura Municipal de Piracicaba, estava bem e quis rever seus desenhos e pinturas. Olhando aqueles muitos desenhos pautados por ódio

e agressividade, decidiu rasgá-los e afirmou: “Isso já não faz sentido em minha vida”. Esse é, portanto, um caso emblemático da recuperação de um adolescente promovido pelo SEAME e do qual existe não só documentação escrita, mas testemunhos feitos pelo rapaz (desenhos, colagens, pinturas). O SEAME conserva diversos trabalhos que M. realizou e, providencialmente, alguns do período agressivo ficaram preservados por estarem numa pasta que não se encontrou na ocasião em que o adolescente deu fim naquele imaginário de horrores; graças a isso é que se tem a ilustração utilizada neste livro.

Há também o caso do adolescente L. que já havia passado pelo SEAME, depois fora para a Fundação CASA e novamente retornara ao SEAME, quando então fez vínculo com o Orientador de Medida Leonardo V. Paiva. Esforçou-se para deixar o uso das drogas, passou a se vestir com limpeza e, encerrada sua medida socioeducativa no primeiro semestre de 2015, desejou continuar a frequentar o SEAME, obtendo permissão do Coordenador Técnico Fábio Dias da Silva para visitar semanalmente o Orientador de Medida no segundo semestre, o que cumpriu com regularidade. L. disse a uma das Orientadoras de Medida que quis permanecer frequentando o SEAME porque a instituição estava lhe fazendo bem²⁵⁶.

Mas é verdade que muitos adolescentes continuam a enfrentar turbulências em suas vidas após o período de medidas no SEAME e isso se mantém na vida adulta. O caso de A., nascida em 1990 e que frequentou o SEAME com uma medida de seis meses em regime de Liberdade Assistida por “vias de fato” (agressões), de 2004 a 2005, exemplifica isso. A consideração final em sua ficha, feita pela Orientadora de Medida, aponta que ela compareceu devidamente aos atendimentos, permitindo criação de vínculo saudável com a técnica. E que:

Melhorou de comportamento apesar de sua vida familiar ser conflituosa. Foi abandonada pela mãe ao nascer e após 13 anos voltou a conviver c/ a mesma, sem vínculo algum entre ambas. Apesar dessa situação mostra-se aberta às mudanças²⁵⁷.

O perfil depressivo de A. se manteve depois do cumprimento de medida no SEAME, em sua vida adulta no primeiro casamento, com duas filhas e no segundo casamento. Dez anos após

²⁵⁶ Segundo o depoimento citado de Leonardo Verdicchio Paiva, 17.9.2015.

²⁵⁷ Arquivo Morto do SEAME.

os atendimentos, procurou em meados de 2014 o arteterapeuta que também a acompanhara no SEAME e lhe afirmou que, antes de se suicidar saltando da ponte sobre o rio Piracicaba, o estava procurando porque tinha duas filhas pequenas que precisavam dela. Graças a contatos telefônicos com Raul Marques, ex-Orientador de Medida e com Maria do Carmo, Orientadora de Medida que a atendeu, foi possível encaminhar A. para o CAPS Bela Vista e foi atendida e internada em hospital psiquiátrico mais de uma vez. Assim, esse caso demonstra que o vínculo afetivo positivo com a instituição se manteve e que A. pôde ainda ser auxiliada.

Um caso que lamentavelmente terminou em suicídio foi o de L., adolescente que passou pela Unidade de Internação da Fundação CASA em São Paulo (SP) e em seguida recebeu medida socioeducativa de Liberdade Assistida, para que, ao regressar a Piracicaba, pudesse ter um acompanhamento através do SEAME. Foi atendido, na ocasião, pela Orientadora de Medida Marta G. Doná; perfil de “mano”, consumidor de maconha, sedutor, sempre evitando o diálogo. Tornou-se pai e dedicou grande amor para a criança. Todavia, foi atropelado por um automóvel ao andar de bicicleta e ficou com sequelas em seu psiquismo. A mãe de L. sofreu em demasia, os amigos de rua e do crime a auxiliaram significativamente no cuidado dele. A Orientadora de Medida, por sua vez, auxiliou a família a conseguir seus direitos (em termos de seguro e tratamento). Por vezes, a mãe buscou o SEAME para orientação, demonstrando o vínculo formado, ainda que L. não se recordasse mais da profissional. Pareceu à Orientadora de Medida que a debilidade do filho fazia a mãe sofrer mais que o envolvimento dele com a criminalidade no passado. Enfim, L. se desvinculou da companheira, não mais convivendo com a criança e passou a residir com sua própria mãe. Certa manhã, a mãe o encontrou enforcado com o cinto da calça, após regressar de uma festa. Marta Doná supõe que o suicídio de L. se deu num momento de lucidez, quando ele avaliou as sequelas de que era vítima, optando por não mais viver daquele modo²⁵⁸. “Sabe Dios qué angustia/ Te acompañó/ Qué dolores viejos/ Calló tu voz” (Félix Luna/Ariel Ramirez)²⁵⁹.

²⁵⁸ Segundo o depoimento de Marta G. Doná, 2.1.2016.

²⁵⁹ Trecho da letra da música “Alfonsina y el Mar”.

Outro caso lamentável é o de J. S. C., cujo irmão mais velho, A., havia recebido medida socioeducativa e frequentava o SEAME em 1998. J. era um menino de nove anos de idade, ruivo e sardento, esperto, obediente e, com o irmão de quatorze anos, participava das sessões de Arteterapia com Cássio Padovani. Eram muito educados, participando com disciplina. Depois, quando foi encerrada a medida de A., o monitor da oficina perdeu o contato. Anos se passaram e J., agora um adolescente forte de dezesseis anos e que já havia passado pela Fundação CASA, reconhece o monitor no refeitório do SEAME. Assim, participou de duas sessões de Arteterapia, não sem se autoafirmar diante dos outros da turma. Mas, à saída da última sessão, J. e o arteterapeuta ficaram mais para trás do grupo; J. estava com os olhos marejados e perguntou: “Você entende que eu não quero essa vida, mas que eu não tenho como sair?!” Momento sério e acrescentou: “E eles vão me matar”. Não sabendo do que ocorria, nem sobre quem eram aqueles que o matariam, Cássio Padovani lhe disse com olhos fixos: “Olhe, J., Deus existe. Coloque a sua vida na mão d’Ele e deixe que Ele encaminhe tudo”. Momento breve, profundo para ambos. Pouco tempo depois, a 5.3.2008, J. foi assassinado com tiros aos dezenove anos. Meses depois, R., ex-atendido pelo SEAME, confidenciou ao monitor que J. era filho de um importante senhor do crime, viúvo e cuja parceira aliada a outro homem lhe tramaram a morte, o que conseguiram, mas foram caçados e pegos pelas mãos do crime – o homem escapou mas a mulher foi morta num ritual de grande crueldade. Diante disso, os familiares dela declararam vingança e, visto que o filho mais velho, A., estava preso, o crime foi cometido contra J., o caçula. Era esse o conteúdo das palavras de J.; o próprio R. terminou assassinado, por outras questões.

Também existem casos em que o ex-atendido pelo SEAME vive depois em estado de mendicância pelas ruas, recusando-se ao abrigo seguro na “Casa do Morador de Rua”, porque não aceita se submeter a determinadas regras. O ponto de maior peso é que a vida na rua permite o alcoolismo e o uso de drogas com relativa facilidade. J. – que foi companheira do acima citado R. e do qual teve duas filhas – se manteve muitos anos em estado de mendicância. Entrevistada sobre se teria mudado algo em sua vida por conta de sua passagem pelo SEAME, declarou: “Não é que mudou completamente, mas posso mudar e aprendi muita coisa. O SEAME é um

lugar, assim, uma segunda chance”²⁶⁰. Ela estava dizendo que a instituição é um território mais humano que o dos presídios e oferece um sistema de recuperação destituído de muito sofrimento e onde lhe foi dada a consciência de que sempre está em suas mãos a oportunidade e a decisão de mudar sua vida. E, apesar de seu apreço pelo SEAME e de o visitar diversas vezes depois de encerrada sua medida, acrescentou: “Espero que nenhuma das minhas filhas precise ir lá, por coisa errada”²⁶¹.

O amor zeloso que tem caracterizado o SEAME ao longo dos anos e o vínculo formado entre a instituição e o adolescente (como um dos únicos cordões de humanidade que ainda restam na vida dele) aparecem no comovente relato escrito da ex-Coordenadora do SEAME, Maria Cecília Pereira Cardoso Zaia:

Considero relevante registrar a passagem pelo SEAME de J. R. A. Desde criança fora atendido pelos técnicos da entidade, pois perdera a mãe muito cedo. Estabeleceu comigo um vínculo forte e saudável. Depois que completou a maioridade envolveu-se novamente e ficou anos detido, passando por várias unidades prisionais.

Adoeceu seriamente (problemas psiquiátricos/pneumonia...) chegando a ficar nas enfermarias das cadeias, completamente abandonado. Entretanto sempre conseguia uma forma de enviar cartas pedindo socorro, demonstrando total abandono de sua única irmã.

Várias vezes visitei esta irmã, implorando que o visitasse ou lhe escrevesse. Cheguei a deixar envelope, papel, selo... porém, ela mesmo assim não contactou c/ o mesmo.

Procurei também uma tia, que não se lembrava dele! Todas as tentativas foram em vão.

Junto com outros profissionais da entidade enviamos material de higiene pessoal bem como papel, caneta, selo e envelope para que pudesse continuar escrevendo.

Soube recentemente que está livre. Mora com uma jovem e esteve no SEAME.

O vínculo continua...²⁶².

O benefício da atuação do SEAME é mais amplo do que se

²⁶⁰ Depoimento de J. C. M. P., ex-atendida pelo SEAME, ao autor, Piracicaba, 5.11.2015.

²⁶¹ Idem, *ibidem*.

²⁶² Carta citada, 30.11.2015.

entende quando se considera apenas o número restrito dos rapazes e moças que se decidiram por uma mudança na vida. Maria do Carmo L. Righeto testemunha que uma conclusão a que se chegou no SEAME quanto ao trabalho positivo que se alcança com um adolescente é a de que “é um, mas é uma geração”, ou seja, “a mudança de uma pessoa mas que está inserida numa família, num meio e tudo muda. A namorada, a pessoa com que se casa, os filhos”. Carmo ouviu pela primeira vez essa consideração esclarecedora da boca de M. Cecília P. C. Zaia²⁶³. Em outras palavras, o benefício da atuação do SEAME é mais amplo do que o número restrito dos adolescentes atendidos. De modo geral, seus familiares são também atingidos porque os técnicos (Orientadores de Medida) e os Casais Voluntários visitam com regularidade as famílias, estabelecendo vínculos significativos e acompanhando um processo geral.

Uma Orientadora de Medida relatou o caso da mãe do adolescente L., que passou dez dias na Fundação CASA e depois veio para o SEAME. Essa mãe disse à técnica que agradecia pelo ato infracional de seu filho porque, graças a ele, L. tinha sido encaminhado ao SEAME, tomado contato com a Orientadora de Medida e encaminhado a fazer o curso de Mecânica, vislumbrando novas possibilidades em sua vida. E que ela (a mãe) e o filho se aproximaram mais²⁶⁴.

Outra mãe de adolescente observou:

O SEAME ajudou muito. Eu não suportava a história de o meu filho ir para uma FEBEM/Fundação CASA. Por isso eu lutei com todas as minhas forças e encontrei o SEAME. Encontrei o verdadeiro poder de Deus, Ele muda a história; agindo aqui, usou a Maisa Santiago (Orientadora de Medida) para alertar o meu filho dos perigos da rua²⁶⁵.

Um exemplo do cuidado do SEAME com a família aparece no caso a seguir. Um adolescente foi encaminhado ao SEAME com medida de L.A. Quando Fábio Dias da Silva, na ocasião ocupando o cargo de Orientador de Medida, solicitou contato com o responsável e os pais compareceram, a situação familiar era a seguinte: tinham

²⁶³ Depoimento citado de M. Carmo L. Righeto, 29.1.2015.

²⁶⁴ Segundo o depoimento de Daiane M. de Castro Tolotti, 30.12.2015.

²⁶⁵ Depoimento de L. A., mãe de adolescente atendido pelo SEAME, ao autor, no SEAME, Piracicaba, 23.5.2016.

três filhos, um maior de idade e preso, em seguida o adolescente com medida socioeducativa e uma filha temporã, ainda criança. O pai sofreu um AVC e fora submetido a uma cirurgia; ficara com sequelas na fala, na locomoção e o médico apontara a necessidade de outra cirurgia e um prognóstico de apenas três meses de vida. A região cerebral afetada era a direita. Comovido e atento, o Orientador de Medida encaminhou esse pai, na faixa dos quarenta a cinquenta anos de idade, à Oficina de Arteterapia, porque sabia que as atividades artísticas trabalham exatamente com essa metade direita do cérebro.



76. Sem Título, 4.2.2013

Desse modo, os pais e a filha de três anos de idade passaram a frequentar as sessões de Arteterapia com regularidade. A esposa tinha sensibilidade artística e ele era pintor profissional de paredes antes do AVC. Na primeira sessão, a 4.2.2013, ele desenhava com mão trêmula uma casa de propriedade rural, vista a certa distância, atrás de uma cerca com porteira fechada. Esse desenho (grafite e pastel oleoso sobre canson A3 – Piracicaba, acervo SEAME) demonstrou o seu esforço físico no grafismo e registrou uma imagem de beleza, lugar aprazível, um tanto distante e fechado para ele (imagem 76). Dois meses depois, uma pintura datada de 8.4.2013 apresentou uma figura humana com cabeça definida e corpo embaçado por sobreposição de tinta violeta fúnebre e tudo limitado por uma linha de contorno que, em forma retangular, era como que uma cerca ao redor dele mesmo, limitando-o como num caixão de defunto, imagem de sua saúde comprometida, das sequelas que trazia e do medo de uma morte iminente. Mas, por ocasião das Festas Juninas, desenhava a

3.6.2013 uma estrutura de mastros com bandeirinhas a partir da qual seguia um caminho, tendo bem no início uma fogueira. Esse desenho apontava uma mudança significativa em relação aos anteriores aqui citados: agora estava aberta uma passagem, ele mesmo via continuidade em sua vida e o fogo, imagem simbólica da transformação e regeneração²⁶⁶ estava presente. A 19.8.2013 realizou dois trabalhos: um desenho com tema proposto – O SEAME, a Arteterapia e eu – em que se via a abertura dos espaços e o verde das plantas lá fora e outro desenho com um homem a caminho. Isso ocorria porque ele via saídas, caminhos à sua frente, tinha esperança de viver. Por volta de setembro de 2013 registrou numa pintura (acrílica sobre tela, 40 x 40 cm – acervo SEAME) as memórias de um sítio: duas montanhas, duas casinhas, duas árvores, caminhos abertos em ascensão. Estava fazendo ligação entre seus dois lados, o claro e consciente e o obscuro e inconsciente e estava mais inteiro para caminhar. Nada mais de porteira, de impedimento como na primeira sessão (imagem 77).



77. Sem Título, cerca de setembro 2013

Depois de seis meses frequentando as sessões de Arteterapia no SEAME, havia evidentes sinais de recuperação física nesse

²⁶⁶ Cf. CHEVALIER e GHEERBRANT, op. cit, pp. 440-443.

homem: não só havia superado os três meses de vida previstos pelo médico, como também começava a falar mais palavras, escrevê-las e andava com maior facilidade. O filho que estava preso foi liberto, o outro cumpriu a medida socioeducativa no SEAME e juntos trabalharam para o sustento da família.

O trabalho no SEAME exige, como se pode imaginar, uma diferenciação de caso para caso atendido. Nem tudo é violência gratuita. Fabiana Piacentini, ex-Orientadora de Medida, atendeu um adolescente que enforcou a irmã; moravam ambos com a avó e a irmã o provocava continuamente, de modo que o rapaz construiu para si um quartinho, onde pudesse ficar mais isolado. A irmã ficou grávida e tomou posse do quartinho. Um dia, num descontrole, esse rapaz (que nunca havia cometido um delito) segurou a irmã pelo pescoço, gritando-lhe: “Pára de me encher o saco!” Todavia ela sufocou e faleceu. O próprio rapaz chamou a polícia, que impediu o seu linchamento pelos vizinhos. Ele ainda não havia completado dezoito anos e a Justiça, evitando que fosse à Fundação CASA, o encaminhou por quarenta e cinco dias à Unidade Provisória de Internação e depois ao SEAME²⁶⁷. Esse caso ilustra a sensibilidade e o discernimento que foram utilizados para com o rapaz; ao mesmo tempo, não se pode dizer de impunidade.

Em termos de porcentagens, não se tem uma definição exata sobre o quanto de recuperação o SEAME oferece à sociedade. Um dado antigo, já registrado ao longo deste livro é o de que 30% dos 350 casos atendidos nos primeiros dez anos de atividade (1982-1991) haviam sido encerrados por boa conduta. Na atualidade, esse volume citado (350) é, no mínimo, o que passa pela instituição em apenas um ano e não há como precisar dados. A “Avaliação Referente ao Impacto das Intervenções Institucionais – período de 2005-2010” propôs algumas informações, mas sem definir uma porcentagem de recuperação que caiba aqui apresentar à sociedade. Todavia é certo que ocorrem muitos casos de reordenação da vida, como se pode depreender dos poucos exemplos elencados nas páginas anteriores a título de exemplo. E o Projeto Preventivo apresentou, como já esclarecido no tópico relativo a ele, que 85% dos casos atendidos

²⁶⁷ Segundo o depoimento de Fabiana Piacentini, ex-Orientadora de Medida do SEAME, ao autor, Piracicaba, 9.1.2016.

não apresentaram conflito com a lei (dados do 2º. Semestre de 2014).

Na opinião do Juiz da Vara da Infância e Juventude de Piracicaba, Dr. Rogério de Toledo Pierri, o trabalho do SEAME se destaca pela qualidade de sua Equipe Técnica, pelos esforços desses profissionais, inclusive por uma atuação que demonstra maior amplitude de visão do que o apego a uma questão formal de atendimento; os resultados da instituição seriam melhores se houvesse uma estrutura maior em termos gerais dos serviços prestados na cidade, visto que se tem uma estrutura aquém da necessidade²⁶⁸. Ou seja, falta em dimensões maiores um serviço efetivo da rede socioassistencial, no qual ressocialização e educação, moradia, saneamento básico e saúde estejam interligados – note-se como, no setor da saúde, a área psiquiátrica deixa muito a desejar²⁶⁹.

Mas – como até aqui se discorreu sobre o que se oferece para as crianças e adolescentes em situação de risco e aos adolescentes em conflito com a lei – deve-se considerar também que o SEAME, como uma instituição pautada por princípios cristãos de compaixão, solidariedade e dedicação ao próximo, auxilia a transformar a visão de mundo e a vida dos voluntários e profissionais que estão ou passam por ela. Promove uma diminuição das distâncias sociais, ensinando uma relação humanizada com pessoas estigmatizadas como perigosas, “bandidos” e “drogados”, dando oportunidade para um olhar profundo e diferenciado, para uma consideração das situações vividas pelo outro e que o influenciaram em suas escolhas, mesmo que não ideais. Em poucas palavras: “O SEAME me ajudou a olhar sem julgar”²⁷⁰. Antes de trabalhar no SEAME, Renata Cancellero observava (em seu serviço) a agressividade dos adolescentes em conflito com a lei, mas depois identificou neles uma profunda carência²⁷¹. E a relação, em que se auxilia o outro a reorientar sua vida, ocasiona um processo de lapidação interior em ambas as partes: “Uma troca de ensinamentos”, como definiu Priscila Zanardo²⁷².

Ver alguém melhorar é muito satisfatório e decisivo para que

²⁶⁸ Segundo o depoimento citado, 18.2.2016.

²⁶⁹ Idem, ibidem.

²⁷⁰ Depoimento citado de Fabiana Piacentini, 9.1.2016.

²⁷¹ Depoimento citado, 5.12.2015.

²⁷² Depoimento citado, 3.11.2015.

se continue a fazer opções por uma vida menos egoísta e mais humanizada. Mas aqui não se pretende negar que o SEAME, como todo e qualquer lugar em que seres humanos se reúnem, também vivencie dificuldades concretas de nível relacional; avaliando sua experiência na instituição, Fábio Dias da Silva considerou: “Aprendi uma grande lição de vida: que pessoas boas também erram e que empatia não é uma mera qualidade do ser humano, é uma necessidade, assim como a humildade, para se alcançar um bem coletivo”²⁷³.

Outro testemunho é o do psicólogo Raul Marques, ex-Orientador de Medida, elencando o que aprendeu em sua passagem pelo SEAME:

Aprendi resiliência, a gente se transforma nas dificuldades. Aprendi que o amor pode transformar as pessoas. A capacidade de acolher e de se colocar no lugar do outro. Aprendi a respeitar os adolescentes, porque eles não estão nessa vida por opção, salvo alguns sociopatas. Aprendi a respeitar o tempo, que é importante para transformar e curar a ferida. A ter paciência²⁷⁴.

Diversos ex-funcionários e atuais Orientadores de Medida, que trabalham no SEAME testemunharam ao autor sobre o contato com os adolescentes na instituição como sendo algo muito positivo, embora exigente. Andressa Bottene Frigato, Orientadora de Medida, relatou que, trabalhando, aprendeu “a ouvir muito e depois intervir, a pensar no que fazer para colaborar com o crescimento desse adolescente”²⁷⁵. Outra Orientadora de Medida definiu: “A gente aprende todo dia, mesmo que seja com o mesmo adolescente”²⁷⁶. E a ex-monitória da Oficina de Mosaico, Débora Mattos Peron, testemunhou sobre sua experiência:

Me auxiliou muito em minha formação como professora de Artes, para entender os meus alunos. Foi o lugar mais “incrível” em que eu trabalhei com a educação. Serviu para dilatar o meu entendimento individual, para a minha atuação como professora, para a visão de mundo, política²⁷⁷.

²⁷³ Depoimento citado, 29.10.2015.

²⁷⁴ Depoimento citado, 18.10.2015.

²⁷⁵ Depoimento ao autor no SEAME, Piracicaba, 6.7.2015.

²⁷⁶ Depoimento de Gláucia Recchia Pereira, 21.12.2015.

²⁷⁷ Depoimento citado, 11.12.2015.

Muitos relataram que foram acolhidos pela instituição quando ainda não possuíam experiência profissional e são gratos de coração. Segue abaixo uma síntese sobre o que aprenderam:

- a trabalhar com a Lei, avaliando as situações específicas e as normas técnicas;
- a interagir com pessoas de diversos níveis sociais (Juiz, adolescente com medida socioeducativa, familiares dele, Equipe Técnica, etc.);
- a não ficar tão chocado com realidades diversas daquela vivida pelo profissional;
- a lidar com limites, frustrações, decepções;
- a ter paciência com o processo de mudança de cada adolescente e a se colocar no lugar do outro;
- que é preciso também se dispor a mudar e a ter um amor incondicional, porque se está lidando com problemas muito graves;
- que todas as pessoas possuem dois lados, bom e ruim e que estes se apresentam conforme as circunstâncias;
- que o trabalho em equipe é melhor do que sozinho;
- a trabalhar em rede, reconhecendo e fazendo uso do que o município tem a oferecer (em termos de Assistência Social e Educação, etc.) para os adolescentes e suas famílias;
- a contar com as surpresas, seja com o adolescente resistente que não se revela, seja com muitos outros adolescentes que formam vínculo com os profissionais e ainda a contar com o inesperado quando, no encerramento da medida socioeducativa, o adolescente chora, expressa sua gratidão ou oferece um presente ao Orientador de Medida;
- como resultado desse contato, em geral o profissional fica mais humanizado, aprendendo a ver em si mesmo o lado ruim e o lado bom, ao invés de reconhecer só nos outros o que há de mau e perverso e, mais que isso, descobrindo neles os muitos aspectos bons e positivos. O SEAME promove humildade e não somente os profissionais são transformados, mas também as suas famílias. Recorde-se aqui a percepção de Odete de Fátima Esteves, dos Casais Voluntários fundadores que, já em 1983, havia testemunhado a um jornal da cidade sobre o benefício que eles mesmos recebiam de sua atuação junto aos adolescentes e suas famílias: “(...) isso valoriza a vida entre pais e filhos, uma vez que, além de estimular a família através do exemplo, ajuda a educação dos nossos filhos dentro de casa”²⁷⁸. Muitos anos depois, confirmando isso, Pedro Florindo Esteves Giuvanete (“Pelinho”), esposo de Odete, observou:

²⁷⁸ “O Diário”, artigo citado, 9.8.1983, p. 3.

Nós tivemos muito apoio do SEAME. Os nossos filhos iam junto nas visitas e eles aprenderam a valorizar o esforço do pai e da mãe. Não fizemos nada perto do que a gente recebeu. Acho que teve mais valor para nós do que para os adolescentes. Se bem que conseguimos recuperar um adolescente. Isso (o trabalho) foi muito importante na criação dos nossos filhos²⁷⁹.

Marta G. Doná, assistente social e ex-Orientadora de Medida do SEAME, observou sobre sua estada e atuação:

Foi uma oportunidade que eu tive de lidar com todos os meus preconceitos. Hoje, diante de uma outra pessoa, antes de eu recorrer às minhas ‘pastinhas de preconceitos’, eu lembro que do lado de lá tem uma história. Antes de falar qualquer coisa, pare para pensar, é uma vida que está na sua frente²⁸⁰.

Diversos depoimentos apontaram transformações do olhar para a própria vida: “Aprendi a ser uma pessoa mais simples, mais modesta; não preciso de muita coisa para estar bem, para ser feliz. Ser é melhor que ter”, afirmou o Orientador de Medida Gustavo N. Valentinuci²⁸¹. E Fabiana Piacentini, ex-Orientadora de Medida, testemunhou que vendo “in loco” a realidade dos adolescentes (pelas visitas domiciliares) aprendeu a valorizar mais a sua família e sua casa²⁸². Cássio Padovani, monitor da Oficina de Arteterapia e autor deste livro, admite que, se houvesse nascido e crescido nas situações dos adolescentes que atende, teria muito possivelmente conhecido desvios tão ou mais graves que os deles e compreender isso lhe gerou maior compaixão, não sem admirar neles a coragem:

(...) um temperamento apaixonado, um coração mais quente, uma vida mais ardente, mais queimada, fazem que ele ainda me seja caro. É capaz, como diz, de chegar ao assassinato. Sabe arruinar-se numa única noite só para ele ou um amigo. Tem peito²⁸³.

Aprende-se com as situações extremamente delicadas que adolescentes e jovens padecem e com a morte que por vezes os colhe no momento em que estavam começando a viver melhor, como

²⁷⁹ Depoimento citado, 1.5.2016.

²⁸⁰ Depoimento citado, 2.1.2016.

²⁸¹ Depoimento ao autor, 23.12.2015.

²⁸² Depoimento citado, 9.1.2016.

²⁸³ GENET, “Diário de um Ladrão”, p. 223.

no caso a seguir: a adolescente L. chegou ao SEAME com 14 ou 15 anos de idade e se portava/trajava como rapaz. Marta G. Doná (assistente social) e Leonora Canguçu L. Costa (psicóloga) a atendiam. Era filha adotiva e na família de adoção em dez meses faleceram a irmã, o pai e a mãe, restando apenas um irmão muito envolvido com o tráfico de drogas, de modo que L. – embora tendo casa – vivia na rua e usava crack. A primeira medida socioeducativa não teve efeito positivo. Na rua era abusada sexualmente, metia-se em brigas e apanhava. Numa segunda medida, L. estava melhor: o vínculo afetivo com uma mulher mais velha a auxiliou, de modo que engordou e estava mais acessível. Mas, em fevereiro de 2008, após uma festa numa chácara, voltando de carro pela pista molhada, a mulher mais velha perdeu o controle do veículo, sendo ferido o seu próprio filho (que estava no banco traseiro) e L. (que estava no banco da frente) foi arremessada para fora e faleceu. Ao velório compareceram três técnicas do SEAME, M. Carmo L. Righeto, Rita C. S. Cardoso e Marta G. Doná, que observou o corpo como uma imagem da vida toda ferida que L. tivera: “Ela teve uma vida desgraçada. Eu me sinto privilegiada pelo contato que tive com a L.”²⁸⁴.

Muitos outros sobrevivem, inicialmente não mudam suas vidas e somente ao longo de muitos anos ouvem o eco das palavras positivas recebidas na instituição. A psicóloga Fabiana Piacentini, ex-Orientadora de Medida do SEAME, que desde janeiro de 2002 trabalha na Casa de Apoio ao Drogado e Alcoólatra (Casa Dia), em Piracicaba, testemunha haver encontrado muitos rapazes que foram atendidos pelo SEAME e que depois foram internados na Casa Dia; alguns até foram presos e depois, em liberdade, se internaram na citada Casa Dia. Muitos relembram sua passagem pelo SEAME, enviando abraço aos técnicos e lamentando não terem ouvido o que lhes aconselhavam nos atendimentos. Ela observou que todas essas passagens por instituições diferentes proporcionaram uma somatória positiva a essas pessoas²⁸⁵.

Com todos esses pareceres, não se deve desconfiar de uma ação ingênua da parte de quem atua no SEAME, como se fossem pessoas preservadas da violência. A citada Fabiana Piacentini, por

²⁸⁴ Depoimento citado, 2.1.2016.

²⁸⁵ Depoimento citado, 9.1.2016.

volta de 2009-2010, num atendimento com o adolescente E., ao lhe fazer uma pergunta – “você quer continuar nessa vida, quer continuar a morar naquele lugar?” – foi mal interpretada, pois o adolescente tomou como ofensa as suas palavras e a chutou na perna por detrás: “O que provocou a ira nele foi achar que eu estava desdenhando a sua moradia, quando na verdade eu o estava incentivando à mudança, a crescer e ele se ofendeu”²⁸⁶. Fabiana optou por fazer um Boletim de Ocorrência; depois disso, em função do tráfico de drogas, ele foi recolhido por seis meses na Fundação CASA e em outras ocasiões futuras veio a ser atendido pelo Orientador de Medida Raul Marques. O Casal Voluntário João Carlos dos Santos e Ivana C. Zilio dos Santos foi maltratado e recebeu ameaça quando das visitas à residência de um adolescente cujo pai também já tivera passagem pelo SEAME; inesperadamente foi este que fez a ameaça e o Casal deixou as visitas²⁸⁷. Também Cássio Padovani se recorda de que foi ameaçado de morte em duas ocasiões por adolescentes, após haver chamado sua atenção por indisciplina nas atividades da Oficina de Arteterapia. E o atual Presidente da Diretoria Executiva do SEAME, José Luiz Camolesi, conta com a experiência significativa de, a 10.5.1996, haver sido assaltado em sua antiga empresa: um dos dois homens atirou com um revólver na sua cabeça mas a bala não saiu. A vida lhe passou num instante na mente e entregou o dinheiro que era para o pagamento dos funcionários da empresa. Apesar desse histórico, Camolesi aceitou o convite para participar da Diretoria do SEAME em 2005 e se tornou Presidente desde 2010²⁸⁸.

Permanece, todavia, no SEAME um espírito essencialmente cristão, pautado na confiança em Deus, no amor ao próximo e na esperança de dias melhores. Apesar da ameaça sofrida, João Carlos dos Santos, acima citado, atesta:

Eu faço esse trabalho porque acolher os irmãos necessitados faz parte do meu dia-a-dia. Eu acredito muito na Providência Divina e a recuperação desses adolescentes tem muito a ver com a Providência Divina e a atuação humana. Você tem que passar algo positivo, para que ele acredite em você²⁸⁹.

²⁸⁶ Idem, *ibidem*.

²⁸⁷ Depoimento citado de João Carlos dos Santos, 6.1.2016.

²⁸⁸ Segundo o depoimento citado de José Luiz Camolesi, 13.1.2016.

²⁸⁹ Depoimento citado, 6.1.2016.

Também Maria do Carmo Latanze Righeto, atual Coordenadora Técnica do SEAME teve a sua casa invadida por assaltantes em três ocasiões (num roubo à mão armada, foi feita refém com os familiares quando estava grávida da filha caçula); apesar de tudo, nunca desistiu de dar crédito à validade do serviço dedicado aos adolescentes. Numa entrevista concedida ao autor, que perguntou se o SEAME lhe foi um caminho espiritual, respondeu:

Com certeza, Deus está presente aqui, nos momentos mais difíceis Ele não deixou faltar. E eu me sinto gratificada de um dia ter sido escolhida, de ter vindo para cá. Agradeço muito a oportunidade que a Léia me deu, quando eu não tinha experiência. O SEAME é uma escola em todos os sentidos²⁹⁰.

Esse espírito, evidentemente, não aparece como lógico a alguns setores da sociedade: “É conseguir olhar para o adolescente que traficou, que matou e ainda olhar com humanidade. Eles erram, é fato, mas não deixam de ser humanos”²⁹¹. “Olhar ‘de dentro’ essa violência do adolescente que matou alguém é bastante transformador. Ele matou, mas ele está vivo e o que a gente vai fazer com ele? Isso nos modifica. Eu ainda não encontrei um caso de violência gratuita, os adolescentes têm uma história”²⁹², observou a Orientadora de Medida Maisa Santiago. O ex-Coordenador Técnico Fábio Dias da Silva resumiu: “Eles não são a infração que cometeram”²⁹³. Por sua vez, Ana Lúcia de Oliveira, ex-Orientadora de Medida do SEAME, respondendo a uma pergunta (feita pelo autor deste livro) sobre se realmente vira adolescentes mudarem de vida, observou:

Sim. A gente esperava que o adolescente conseguisse parar completamente de infracionar? Não. Mas eu vi parar completamente de infracionar. Além do SEAME, a religião tinha um papel muito forte. Dos que eu atendi, parar de infracionar completamente foram muito poucos. O que acontecia mais era redução de danos²⁹⁴.

Inúmeros casos poderiam ser acrescentados, demonstrando a redução de danos e outros casos de modificação completa e

²⁹⁰ Depoimento citado, 23.12.2015.

²⁹¹ Depoimento de Maisa Santiago ao autor no SEAME, Piracicaba, 28.12.2015.

²⁹² Idem, 18.11.2015.

²⁹³ Depoimento citado, 26.2.2016.

²⁹⁴ Depoimento citado, 25.5.2016.

positiva. Ao invés disso, cabem aqui as considerações feitas pela Promotora de Justiça da Infância e Juventude de Piracicaba, Dra. Milene Telezzi Habice:

Há 17 anos exercendo as atribuições de Promotor de Justiça da Infância e Juventude da Comarca de Piracicaba posso atestar a relevância e a qualidade do serviço prestado pelo SEAME ao longo deste período. A execução das medidas socioeducativas de meio aberto pelo SEAME sempre foi motivo de orgulho para nossa Comarca, em razão da elevada eficácia do programa. Não raro fui procurada por genitoras de adolescentes envolvidos com a prática de atos infracionais clamando para que seus filhos fossem encaminhados ao SEAME para cumprimento de medida, pois tinham notícias de ótimos resultados obtidos com pessoas próximas. Esse é o melhor retorno que se pode ter. Só posso creditar esse excelente trabalho à escolha dos profissionais que ali atuam. Pessoas vocacionadas e que acreditam na evolução do ser humano a partir de intervenções feitas da forma correta. O SEAME é um legado para a cidade de Piracicaba. Para que a qualidade do serviço criado não se deteriore com o tempo é imprescindível que a entidade sempre se empenhe na escolha de profissionais qualificados, entusiasmados e que façam da função uma profissão de fé. Só assim a história se perpetuará²⁹⁵.

Um último exemplo: o assassinato da assistente social Maria Antonia Baldessin (“Mel”), quando saía de carro defronte à sua casa, em Piracicaba a 27.8.2013, realizado por um rapaz maior de idade, seu irmão e um amigo, adolescentes. D., passou a arma ao irmão mais velho, que disparou o tiro acertando a cabeça da vítima. Esses dois irmãos e toda sua família haviam sido muito beneficiados pela “Mel”, que fora Conselheira por seis anos do Conselho Tutelar em Piracicaba. Viúva, ela deixou duas filhas adolescentes. Era amiga de diversos técnicos do SEAME e, de modo especial, de Ana Luísa Botezeli. Dois anos depois, em dezembro de 2015, D. (cumprindo medida socioeducativa) e Ana Luísa se encontraram no SEAME: “A senhora não me perdoa, né, dona?”. Ana Luísa lhe respondeu: “Perdoe, mas você nos fez sofrer muito”. Então ela o abraçou e ele observou: “Eu já ganhei o meu presente de Natal”. Apesar de seu gesto altruísta, Ana Luísa ficou em conflito e sentiu necessidade de visitar e conversar com as filhas da “Mel”; essas jovens lhe disseram

²⁹⁵ Depoimento ao autor, Piracicaba, 24.5.2016.

que, com certeza, sua mãe estava feliz com o que ela havia feito, ao tirar esse “peso” do adolescente. Pode-se notar, então, como as filhas absorveram o espírito altruísta da “Mel”, confirmando a importância de um perdão generoso. Dessa experiência tocante, que a fez chorar muitas vezes, Ana Luísa concluiu: “Tenho certeza de que, se a situação fosse inversa (eu fosse a pessoa que tivesse morrido), a ‘Mel’ teria feito esse encontro com o D. como eu fiz. Então, a ‘Mel’ deixou um legado de benevolência, de coração aberto”²⁹⁶. Assim é que se pode entender porque, em outra ocasião, Ana Luísa havia afirmado: “O SEAME me trouxe o exercício da benevolência”²⁹⁷.

A história acima relatada pode parecer um tanto fantasiosa, para que este livro se encerre com um final feliz. Talvez caiba dizer que o rapaz citado, D., leu o trecho relativo a seu encontro com Ana Luísa Botezeli, confirmou-o e aprovou-o nesta publicação²⁹⁸. Dias antes, ele havia sido entrevistado pelo Orientador de Medida Gustavo Nazato Valentinuci, que o acompanhava no SEAME, o qual registrou suas palavras relativas ao assassinato de Maria Antonia Baldessin, numa carta enviada a Cássio Padovani e também aprovada por D. para constar neste livro. Na entrevista, Gustavo lhe perguntara: qual era o plano daquele dia? Passava pela sua cabeça que uma arma seria disparada naquele dia e que alguém morreria? Suas respostas foram:

Pensei em tudo, que se tivesse necessidade a arma poderia ser disparada naquele dia, caso ela reagisse ou até mesmo se a polícia chegasse, numa troca de tiro.

Poderia morrer alguém aquele dia, inclusive eu, numa troca de tiro com polícia.

Mas intenção inicial era apenas roubá-la, amarrar e roubar.

Mas se a arma tivesse na minha mão teria atirado no pneu, não nela, foi falha (do meu irmão) ter atirado nela, acho que ele estava nervoso por causa da bicicleta novinha que ela atropelou, ele gosta muito de bicicleta, mas bicicleta não vale nada perto de uma vida, bicicleta é lixo diante de uma vida²⁹⁹.

²⁹⁶ Depoimento de Ana Luísa Botezeli ao autor no SEAME, Piracicaba, 17.2.2016.

²⁹⁷ Idem, 30.12.2015.

²⁹⁸ Depoimento de Gustavo N. Valentinuci ao autor, Piracicaba, 18.3.2016.

²⁹⁹ Carta de Gustavo N. Valentinuci ao autor, Piracicaba, 7.3.2016.

Enfim, o autor deste livro e D. se encontraram no SEAME a 28.3.2016 e, lidos os dois textos, o rapaz novamente os aprovou para a publicação.

Os diversos testemunhos ao longo deste livro – o qual em síntese fala da capacidade de compreender, auxiliar e amar o outro e do quanto isso pode ser transformador – fazem recordar um poema sobre uma adolescente, raquítica e órfã, que se torna mãe num sanitário onde cai neve e, inteiramente perturbada, esmurra cegamente o bebê quando ele começa a chorar, silenciando-o para sempre. Essa triste história verídica demonstra a sensibilidade e a compaixão do poeta diante da “fragilidade de toda criatura”:

Marie Farrar, nascida em abril
Falecida na prisão de Meissen
Mãe solteira, condenada, pode lhes mostrar
A fragilidade de toda criatura. Vocês
Que dão à luz entre lençóis limpos
E chamam de “abençoada” sua gravidez
Não amaldiçoem os fracos e rejeitados, pois
Se o seu pecado foi grave, o sofrimento é grande.
Por isso lhes peço que não fiquem indignados
Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados

(BERTOLT BRECHT)³⁰⁰.

Ao cabo dos seus trinta e cinco anos de existência, é possível afirmar que reside no SEAME um desejo de que todo adolescente – ao invés de reprimir e depois negar a memória de sua infração – possa integrar o que ocorreu em sua vida e produzir frutos a partir disso, por uma atitude mais humilde diante de sua própria fragilidade e por uma consciência mais dilatada. A passagem pelo SEAME seja sempre uma oportunidade de enxergar e vivenciar exemplos de solicitude, amor, disciplina, que promovam a valorização dos potenciais do adolescente e a recuperação de sua autoestima, de modo que produza frutos benéficos a toda a sociedade, com os olhos atentos aos direitos e às dores dos outros quando são lesados. Esse era o “sonho” de D. Eduardo Koaik (imagem 78). “Não me lamento de meus fracassos, meus desastres. Eles foram úteis, se não para minha vida, pelo menos para minha consciência” (Edgar Morin)³⁰¹.

³⁰⁰ “A Infanticida Marie Farrar” in “Poemas”, p. 55.

³⁰¹ Op. cit., p. 26.



78. Última visita de D. Eduardo Koaik ao SEAME, 2011

Conclusão

Dom Eduardo Koaik, quando aplicou o “Projeto de Liberdade Orientada para Menores Infratores” em maio de 1981, anteviu que era possível reverter o quadro numérico de adolescentes encaminhados à antiga FEBEM e isso se demonstrou já no primeiro ano de existência do que depois se configurou como a instituição do SEAME. Os problemas socioeconômicos no País e o consequente crescimento do envolvimento dos adolescentes com a prática de atos infracionais, têm resultado num aumento significativo, ao longo dos anos, do número de encaminhamentos ao SEAME, instituição que, no período atual, está orientada para uma funcionalidade renovada, com um novo “sonho” (afinado com o de D. Eduardo) de que ainda é possível lapidar os adolescentes e antever neles o diamante escondido, possibilitar que eles mesmos reconheçam isso e queiram vivenciar esse processo de transformação.

Há uma dúvida sempre corrente com relação à validade da atuação do SEAME em Piracicaba. Este livro tentou ser uma resposta possível, mostrando as razões da existência dessa instituição, os serviços que presta e os resultados que são obtidos. O SEAME goza de respeito entre as autoridades do município como instituição idônea que promove a reinserção social dos adolescentes com medida socioeducativa e evita, pelo Projeto Preventivo, que crianças e adolescentes se encaminhem pela prática infracional. Ao longo destas páginas se encontraram vários testemunhos de pessoas atuantes ou

que contribuíram ao longo dos anos, de modo a esclarecer a orientação que o serviço prestado teve e tem e o que se passa na atuação dos Casais Voluntários, dos Orientadores de Medida, no Projeto Preventivo ou nas diversas Oficinas, bem como se apresentaram diversos casos de adolescentes que transformaram suas vidas em algo mais positivo, seja pela narrativa do que lhes ocorreu, seja pelos testemunhos das próprias pessoas envolvidas, seja por desenhos e pinturas que indicam as situações desse processo de transformação. Isso sempre dentro de um atendimento que incluiu a família, porque, atingindo o núcleo em que o adolescente vive, se consegue maior eficácia no rompimento de círculos de comportamentos que já existiam ali e que contribuíram em grande medida para levar o adolescente à prática infracional. Além disso, as visitas posteriores de jovens que já foram atendidos pelo SEAME podem ser vistas como um sinal favorável da atuação, porque denotam que aqueles adolescentes formaram vínculos sadios com uma instituição que promove todo um repensar da vida e a reinserção social e, ao retornarem, dão um testemunho silencioso ou falado de que suas vidas de fato mudaram depois que lá estiveram, recordando-se dos técnicos com saudade e gratidão.

Nesses trinta e cinco anos desde a fundação, outro elemento que depõe a favor do SEAME é o de ser muito reduzido o número de casos de adolescentes que sejam filhos de pais que já tenham passado pela mesma instituição na adolescência. Quando isso acontece, fica evidente a contrariedade dos pais vendo seus filhos repetirem os mesmos erros de seu passado e dizem numa fala recorrente: “eu não queria isso para o meu filho”. É como que um ciclo muito difícil de se romper, mas o SEAME, velho conhecido, é um porto seguro para eles.

Bibliografia

ABRAMS, Jeremiah (org.). **O Reencontro da Criança Interior**. 9ª. ed., trad. Maria Silvia Mourão Neto, São Paulo: Cultrix, 1999.

AVALIAÇÃO Referente ao Impacto das Intervenções Institucionais – período 2005–2010. Piracicaba: SEAME, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRADSHAW, John. **Volta ao Lar**: como resgatar e defender sua criança interior. trad. Aulyde Soares Rodrigues, Rio de Janeiro: Rocco, 1993 (Arco do Tempo).

BRECHT, Bertolt. **Poemas**: 1913-1956. 4ª. ed., sel. e trad. Paulo Cesar Souza, São Paulo: Brasiliense, 1990.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 17ª. ed., trad. Vera da Costa e Silva et al., Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CORALINA, Cora. **Melhores Poemas**. 3ª. ed. rev. e ampl., sel. Darcy França Denófrío, São Paulo: Global, 2008 (Melhores Poemas).

ESTATUTO da Criança e do Adolescente. ed. rev. e atual., São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania; Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 27ª. ed., trad. Raquel Ramallete, Petrópolis: Vozes, 2003.

GENET, Jean. **Diário de um Ladrão**. 2ª. ed., trad. Jacqueline Laurence, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JOYCE, James. **Ulysses**. trad. Caetano W. Galindo, São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

MEIRELLES, Cecília. **Escolha o seu Sonho**: crônicas. 18ª. ed., Rio de Janeiro: Record, s.d.

MORIN, Edgar. **Chorar, Amar, Rir, Compreender**. trad. Nurimar Falci, São Paulo: SESC SP, 2012.

PASSETTI, Edson. **O Que é Menor**. 3ª. ed., São Paulo: Brasiliense, 1987 (Primeiros Passos, 152).

PESSOA, Fernando. **Poesia Completa de Álvaro de Campos**. 2a. reimp., ed. Teresa Rita Lopes, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVEIRA, Nise da. **O Mundo das Imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

WINNICOTT, Donald W. **Privação e Delinquência**. 4ª. ed., trad. Álvaro Cabral, São Paulo: Martins Fontes, 2005 (Psicologia e Pedagogia).

Periódicos

AMANHÃ, II Encontro-85 do SEAME I para casais. **Jornal de Piracicaba**, 8 jun. 1985. 1º. Caderno, p. 8.

BISPO e padre contrários à operação "Arrastão". **O Diário**, Piracicaba, 11 jun. 1985, p. 8.

DOM Eduardo completa nove anos de trabalho na Diocese. **Jornal de Piracicaba**, Piracicaba, 26 fev. 1989. Local, p. 4.

FERREIRA, Renato. Criança abandonada: Por que ela existe? **Jornal de Piracicaba**, Piracicaba, 9 dez. 1990. Local, p. 13.

MENORES abandonados, perdidos e viciados. **O Diário**, Piracicaba, 2 ago. 1983, p. 8.

MENOR: Piracicaba lidera estatística. **Jornal Opção**, Piracicaba, 6-12 set. 1982, p. 1.

O MENOR carente, um problema de todos nós. **Ondas e Estrelas** (Informativo da Organização PHILIPS Brasileira aos seus funcionários), Piracicaba, ago. 1984, p. 9.

POLÍCIA na busca dos "trombadinhas". **O Diário**, Piracicaba, 2 mai. 1985, p. 8.

RECOLHIMENTO do menor de rua gera polêmica. **Jornal de Piracicaba**, Piracicaba, 5 jun. 1985, p. 4.

ROLIM, Léia Maria Guimarães. O problema dos "trombadinhas". **Jornal de Piracicaba**, Piracicaba, 12 jun. 1988. 1º. Caderno, p. 2.

SEAME comemora 10 anos de atendimento ao menor. **Jornal de Piracicaba**, Piracicaba, 22 out. 1991. Local, p. 3.

SEAME comemora hoje 10 anos de fundação. **O Diário**, Piracicaba, 24 out. 1991. Cidade, p. A-5.

SEAME comemora hoje o seu 10º. aniversário. **Jornal de Piracicaba**, Piracicaba, 24 out. 1991. Local, p. 4.

SEAME: respeito e dedicação ao adolescente. **Em Foco** (Jornal da Diocese de Piracicaba), Piracicaba, 1º. dez. 2007, p. 3.

SEAME: um trabalho onde não podem faltar casais. **O Diário**, Piracicaba, 9 ago. 1983. Local, p. 3.

SETTO, Marisa Massiarelli. Arte resgata valores de cidadania. **Jornal de Piracicaba**, Piracicaba, 26 nov. 2002. Cultura, p. C-1.

_____. Seame apoia menores com arte. **Jornal de Piracicaba**, Piracicaba, 17 dez. 1999. Cultura, p. C-1.

SOUZA, Jéssica. Palestra aborda arteterapia. **Jornal de Piracicaba**, Piracicaba, 27 mar. 2015. Cultura, p. C 1.

UM importante trabalho: Atendimento ao Menor Infrator. Órgão de Informação do Centro de Obras Sociais de Piracicaba (CEOSP), Piracicaba, julho 1981, no. 25, snp.

Documentos

CANTO, Antonio Ferraz do. **Eu Sou de Menor**. Texto digitado. Piracicaba, 4 out. 1983. Conservado no arquivo de Maria Berchmans Canto, Piracicaba.

Carta de Gustavo Nazato Valentinuci ao autor. Piracicaba, 7 mar. 2016. Conservada no arquivo do autor, Piracicaba.

Carta de Maria Cecília Pereira Cardoso Zaia ao autor. Piracicaba, 30 nov. 2015. Conservada no arquivo do autor, Piracicaba.

Duas Cartas (A e B) de Irmã Geralda Neuza Hipólita ao autor. São Paulo, 18 jan. 2016. Conservadas no arquivo do autor, Piracicaba.

Duas Cartas de Léia Maria Guimarães Rolim ao autor. Piracicaba, 10 e 31 mar. 2016. Conservadas no arquivo do autor, Piracicaba.

Duas Cartas de Patrícia Fernanda Barbosa ao autor. Piracicaba, 8 e 22 mar. 2016. Conservadas no arquivo do autor, Piracicaba.

EVERALDO, Ana Regina Z. **Parecer Técnico para Celebração de Convênio entre a FEBEM e a PASCA/SEAME**. Campinas, 4 out. 2006. Cópia assinada. Conservada no arquivo do SEAME, Piracicaba.

Folheto de Divulgação dos 10 Anos do SEAME, maio/1981-maio/1991. Conservado no arquivo do SEAME, Piracicaba.

SEAME – Relatórios Casais – 1982/1983. Caderno de Atas redigido por Irmã Geralda Neuza Hipólita. Conservado no arquivo do SEAME, Piracicaba.

Depoimentos

A. C. N. S., atendida pelo Projeto Preventivo. Piracicaba, SEAME, 25.1.2016.

A. N. P., mãe de atendido pelo Projeto Preventivo. Piracicaba, 25 mai. 2016.

Ana Flávia Bianco, Orientadora de Medida (psicóloga) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 16 jul. e 21 dez. 2015.

Ana Lúcia de Oliveira, ex-Orientadora de Medida (psicóloga) do SEAME. Piracicaba, 25 mai. 2016.

Ana Luísa Botezeli, Orientadora de Medida (assistente social) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 6 jul., 20 ago. e 30 dez. 2015; 17 fev. 2016.

Ana Regina Z. Everaldo, ex-Supervisora das Medidas em Meio Aberto da FEBEM/Fundação CASA. Piracicaba, 6 abr. 2016.

Andressa Bottene Frigato, Orientadora de Medida (assistente social) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 15 jun. e 6 jul. 2015.

Angela Maria Nalin dos Santos, ex-Coordenadora do Projeto de Liberdade Orientada para Menores Infratores. Piracicaba, 4 mai. 2016.

Antonia Aparecida Amaral Ribeiro, ex-funcionária de serviços gerais do SEAME. Piracicaba, SEAME, 22 fev. 2016.

Antonio dos Santos Junior, Guarda Civil Municipal. Piracicaba, SEAME, 9 e 16 abr. 2015.

Antonio Laerte dos Santos. Piracicaba, SEAME, 30.5.2016.

Antonio Oswaldo Storel, ex-Presidente da PASCA. Piracicaba, 4 mai. 2016.

Beatriz Maria Ferrari, Orientadora de Medida (psicóloga). Piracicaba, SEAME, 15 mar. 2016.

Beatriz Recchia Deltreggia, ex-assistente social do SEAME. Piracicaba, 20 mar. 2016.

Caio César Bomtempo, ex-monitor da Oficina de Informática do SEAME. Piracicaba, 9 dez. 2015.

Daiane Monique de Castro Tolotti, Orientadora de Medida (assistente social) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 28 mai. e 30 dez. 2015.

Débora Mattos Peron, ex-monitora da Oficina de Mosaico do SEAME. Piracicaba, 11 dez. 2015.

Deise Maria Basso, ex-psicóloga do SEAME. Piracicaba, 16 mar. 2016.

Euzileide Maria Silva Alegretti, ex-Coordenadora Social do Projeto Geração XXI no SEAME. Piracicaba, 23 mar. 2016.

Fabiana Piacentini, ex-Orientadora de Medida (psicóloga) do SEAME. Piracicaba, 9 jan. 2016.

Fábio Dias da Silva, ex-Coordenador Técnico (psicólogo) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 17 set. e 29 out. 2015; 27 jan., 24 e 26 fev. 2016.

Fernando Mason, Bispo Diocesano de Piracicaba. Piracicaba, 31 mai. 2016.

G. A. S., atendido pelo SEAME. Piracicaba, SEAME, 11 jan. 2016.

Gislaine de Fátima Catarino, Orientadora de Medida (assistente social) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 9 mar. 2016.

Gláucia Rechia Pereira, Orientadora de Medida (psicóloga) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 30 jul. e 21 dez. 2015.

Gustavo Nazato Valentinuci, Orientador de Medida (psicólogo) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 30 jul. e 23 dez. 2015; 9 e 18 mar. 2016.

I. B. S., mãe de ex-atendido pelo SEAME. Piracicaba, SEAME, 11 jan. 2016.

J. C. M. P., ex-atendida pelo SEAME. Piracicaba, 5 nov. 2015.

João Carlos dos Santos, ex-Casal Voluntário e atual membro da Diretoria do SEAME. Piracicaba, SEAME, 6 jan. 2016.

Joelma Aparecida da Silva Monteiro, Orientadora de Medida (assistente social) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 16 abr., 15 jun., 30 jul. e 21 dez. 2015.

José Carlos Masson, ex-Casal Voluntário do SEAME. Piracicaba, 24 abr. 2016.

José Luiz Camolesi, Presidente da Diretoria Executiva do SEAME. Piracicaba, SEAME, 13 jan. e 27 abr. 2016.

J. A., atendido pelo SEAME. Piracicaba, SEAME, 23 mai. 2016.

Juney Micael Ulisses Dionísio, Coordenador Administrativo do SEAME. Piracicaba, SEAME, 28 mai.; 1º., 15 e 29 jun., 5 e 18 nov. 2015; 6 jan., 15 jun. 2016.

Kátia Cristina Pires, psicóloga do Projeto Preventivo. Piracicaba, SEAME, 8 jan. e 28 dez. 2015.

Ketty Fernanda Stroz, ex-monitora da Oficina de Cabelo do SEAME. Piracicaba, 2 jul. 2015.

Lázara Aparecida Maciel Batilani, ex-funcionária de serviços gerais do SEAME. Piracicaba, 21 out. 2015.

Lenice Belemel da Mota, Serviços Gerais do SEAME. Piracicaba, SEAME, 30 nov. 2015; 24 fev. 2016.

Leonardo Verdicchio Paiva, Orientador de Medida (assistente social) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 17 set. e 30 dez. 2015.

Leonora Canguçu Lobo da Costa, psicóloga voluntária do SEAME. Piracicaba, SEAME, 22 fev. 2016.

Lia Desjardins, ex-monitora da Oficina de Papel Artesanal no SEAME. Piracicaba, 9 mar. 2016.

L. A., mãe de atendido pelo SEAME. Piracicaba, SEAME, 23 mai. 2016.

Maisa Santiago, Orientadora de Medida (psicóloga) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 17 set., 18 nov. e 28 dez. 2015.

Margareti Cestari Masson, ex-Casal Voluntário do SEAME. Piracicaba, 24 abr. 2016.

Maria Aparecida Ferraz e Denize Junqueira de Lima, ex-monitoras da Oficina de Cabelo do SEAME. Piracicaba, 8 jan. 2016.

Maria Berchmans Canto, ex-Casal Voluntário do SEAME. Piracicaba, 2 mar. 2016.

Maria Cecília Pereira Cardoso Zaia, ex-Coordenadora do SEAME. Piracicaba, 1º dez. 2015.

Maria Cristina Razera Serignoni, ex-Orientadora de Medida (assistente social) do SEAME. Piracicaba, 13 abr. 2016.

Maria do Carmo Latanze Righeto, atual Coordenadora Técnica (assistente social) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 29 jan., 28 mai., 15 jun., 6 jul. e 23 dez. 2015; 15 mar. 2016.

Maria Renata Pacheco Alleoni, assistente social do Projeto Preventivo. Piracicaba, SEAME, 9 abr. e 23 dez. 2015.

Marina Corrente Molina, ex-voluntária da Festa das Nações (Barracas Tirolesa e Portuguesa). Piracicaba, 22 jun. 2016.

Marta Guimarães Doná, ex-Orientadora de Medida (assistente social) do SEAME. Piracicaba, 2 jan. e 6 mar. 2016.

Milene Telezzi Habice, Promotora de Justiça da Infância e Juventude de Piracicaba. Piracicaba, 24 mai. 2016.

Milton Francisco Teixeira, Presidente da PASCA. Piracicaba, SEAME, 2 mai. 2016.

Nivaldo Aparecido Cortinovi, ex-Diretor Executivo do SEAME. Piracicaba, 18 mai. 2016.

Odete de Fátima Esteves, ex-Casal Voluntário do SEAME. Piracicaba, 1º. mai. 2016.

Patrícia Fernanda Barbosa, ex-Coordenadora interina (psicóloga) do SEAME. Piracicaba, 16 jul. e 18 nov. 2015; 8 mar. 2016.

Paula Batistela, Orientadora de Medida (psicóloga) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 7 e 9 mar. 2016.

Pedro Florindo Esteves Giuvanete, ex-Casal Voluntário do SEAME. Piracicaba, 1º. mai. 2016.

Priscila Zanardo, ex-Orientadora de Medida (assistente social) do SEAME. Piracicaba, 3 nov. 2015; 8 mar. 2016.

Raul Marques, ex-Orientador de Medida (psicólogo) do SEAME. Piracicaba, 18 out. 2015.

Renata Maria Cancelliero da Silva Dantas, ex-monitora da Oficina de Informática do SEAME. Piracicaba, 5 dez. 2015.

Rita de Cássia Sgarbiero Cardoso, ex-Orientadora de Medida (psicóloga) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 6 e 13 jan. 2016.

Robson da Silva, ex-monitor da Oficina de Cabelo do SEAME. Piracicaba, 5 jan. 2016.

Rogério de Toledo Pierri, Juiz da Vara da Infância e Juventude de Piracicaba. Piracicaba, 18 fev. 2016.

Roselena Maria Bassa, ex-Coordenadora do Projeto Agente Jovem no SEAME. Piracicaba, 11 abr. 2016.

Rubens José Storer, ex-Presidente da Diretoria Executiva do SEAME. Piracicaba, 16 mar. 2016.

Sebastiana Aparecida Amaral Pinson, Serviços Gerais (“cozinheira”) do SEAME. Piracicaba, SEAME, 29 jan., 9 abr., 29 jun. e 30 jul. 2015; 15 jun. 2016.

Sérgio José Gomes, Guarda Civil Municipal. Piracicaba, 23 mai. 2016.

Vergílio de Souza e Silva, Casal Voluntário e da Diretoria do SEAME. Piracicaba, SEAME, 20 ago. 2015.

V. S. P., atendido pelo Projeto Preventivo. Piracicaba, SEAME, 30.5.2016.

W. R. R. L., ex-atendido pelo SEAME. Piracicaba, 25 out. 2015 e 17 jan. 2016.

